

Pedro Alfonso

Disciplina Clericalis

A disciplina do sábio

Ed. bilíngue

Tradução

Gabriel Portella Carneiro



Fale/UFMG

Belo Horizonte

2026

Diretora da Faculdade de Letras

Sandra Gualberto Bianchet

Vice-Diretor

Lorenzo Teixeira Vitral

Coordenação editorial e administrativa

Emília Mendes

Comissão editorial

Carolina Fenati

Elisa Amorim Vieira

Emília Mendes

Maria Cândida Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Preparação de originais

Beatriz Cristeli

Revisão

Beatriz Alves

Thaíssa Neves

Diagramação

Fellipe Carneiro

Revisão de provas

Ana Rafaela de Sena

Beatriz Cristeli

Bianca Maria Vieira

ISBN

978-85-7758-397-3 (digital)

978-85-7758-396-6 (impresso)

Endereço para correspondência

Labed – Laboratório de Edição

Fale/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627

1º andar

31270-901

Belo Horizonte/MG

e-mail: originais.labed@gmail.com

site: <https://labed-letras-ufmg.com.br/>

Instagram: @labed_ufmg

Sumário

5 Introdução à obra

Disciplina Clericalis

Pedro Alfonso

- 15 Prologus
- 19 Exemplum
- 67 Epilogus

A disciplina do sábio

Gabriel Portella Carneiro

- 71 Prólogo
- 75 Histórias exemplares
- 139 Epílogo

- 141 Referências bibliográficas
- 143 Sobre os autores

Introdução à obra

Nascido na cidade de Huesca, em Aragão, Pedro Alfonso, então Moshé Sefardí, foi educado em árabe, inserido no domínio político, linguístico e cultural de Al-Andaluz. Wacks especula que Sefardí tenha sido influente na comunidade judaica da época, em sua cidade natal, por seus conhecimentos vastos em diferentes áreas do conhecimento, tanto no que diz respeito às referências literárias, filosóficas e científicas dos árabes, quanto nas tradições judaicas e seus textos clássicos¹. Sefardí é considerado por Wacks como um típico intelectual judeu da sua era, crescendo, por sua vez, em uma sociedade predominantemente muçulmana, onde o árabe clássico era a língua oficial, e a diversidade linguística da região abarcava desde o árabe andaluz até as diferentes variações de línguas neolatinas que estavam se desenvolvendo – herança linguística do Império Romano que outrora dominara a Península Ibérica.

É sabido, entretanto, que o nome Moshé Sefardí, ou correspondentes, era a forma primeira de como nomear o autor, isso por sua origem judaica, de cuja religião ele era seguidor antes de se converter ao cristianismo em 1106, sendo “Pedro Alfonso”, com suas variações, o seu nome de batismo, cristão. O nome Pedro foi escolhido por ter sido batizado no dia de São Pedro, e o rei Alfonso I, o batalhador, de quem o autor se tornou médico, viria a apadrinhar o novo cristão e nomeá-lo.

¹ WACKS. *Conflicted Identity and Colonial Adaptation in Petrus Alfonsi's "Dialogus Contra Judaeos" and "Disciplina Clericalis"*.

Pedro Alfonso, citado anteriormente, foi uma personalidade conhecida em sua época, principalmente devido à sua conversão ao cristianismo, o que, para além de uma questão pessoal, contribuiu diretamente com a sua inserção na alta hierarquia social cristã. A reputação do autor, isto posto, alcançou nichos da sociedade que se interessavam pela sua conversão e o estimavam por isso; em contrapartida, porém, era de se esperar que a sua reputação, uma vez aplaudida pelos cristãos, fosse repudiada pelos judeus de Al-Andaluz. Wacks esclarece que a identidade judaica conseguia resistir e conviver com a cultura muçulmana, de certa forma, mas o mesmo não acontecia entre judeus e cristãos: "Não há lugar para judeus no Cristianismo, e essa rejeição é internalizada por Pedro Alfonso, que encontra dificuldades na memória de seu eu judeu andaluz."²

Alfonso era conhecido, também, por seu posicionamento favorável, de certa forma, à cultura árabe, ou, pelo menos, reconhecia as contribuições científicas de outras culturas. Não é difícil pressupor que o frágil senso de identidade, acarretado por alguns daqueles complexos fatores relativos à situação social do autor, tenham revelado para Pedro Alfonso pontos de vista a respeito do mundo tão complexos quanto as suas questões pessoais. Em *Disciplina Clericalis*, por exemplo, é comum a ocorrência de histórias protagonizadas, narradas, ou até mesmo arrematadas por árabes, sempre em diálogo com outros personagens de culturas diversas, majoritariamente cristãos. Tolan inicia o seu livro *Petrus Alfonsi and his medieval readers* contextualizando a ascensão e propagação dos textos árabes na Europa, os quais, por sua vez, eram traduzidos para o latim, que era a língua de cultura da época³. Dito isso, o autor logo aponta que Pedro Alfonso foi um dos intelectuais que contribuiu com a tradução de alguns textos árabes, e o *Disciplina Clericalis*, obra aqui priorizada, é o produto de um trabalho de tradução e adaptação.

Com a função social que cumpriu, a de elucidar os maus comportamentos impulsionados pela ignorância a respeito de relações sociais

² WACKS. *Conflicted Identity and Colonial Adaptation in Petrus Alfonsi's "Dialogus Contra Judaeos" and "Disciplina Clericalis"*, p. 3. No original: "There is no place for Jews in Christianity, and this rejection is internalized by Petrus Alfonsi, who struggles with the memory of his Andalusí Jewish self.". Tradução minha.

³ TOLAN. *Petrus Alfonsi and his Medieval Readers*.

adversas, o *Disciplina Clericalis* não poderia ter atingido a sociedade latina da Europa muçulmana sem que os textos comunicassem ao público-alvo algo que ultrapassasse as fronteiras políticas e os preconceitos com relação a outras culturas. Em vista disso, podemos supor, e concluir pela confirmação de Tolan, que para além de serem simplesmente traduzidos, os textos que compõem o *Disciplina Clericalis* foram adaptados para atingir o leitor cristão, a partir de histórias que o autor provavelmente leu ou ouviu. Foram escritos de forma que não é possível para os estudiosos atuais traçarem as correspondências exatas de todas as suas inspirações e referências, posto que Alfonso adaptou a tradição árabe em um texto próprio, produzido em latim.

Para o leitor do século XII, a abordagem de Alfonso poderia trazer instruções comportamentais, abstratas ou práticas, com um certo caráter exótico intrínseco à visão sobre o estrangeiro. A estrutura do livro é composta por um prólogo, um epílogo, 34 *exempla*, ou “contos”, ou “histórias exemplares”, e 27 pequenos diálogos, os quais cumprem uma função primordial na obra, a de delimitar um fio condutor entre as histórias narradas. Os diálogos são construídos, geralmente, por um mestre e um discípulo, sendo que os *exempla* são, na maioria dos casos, respostas para as inquietações existenciais ou sociais do discípulo.

Existem, também, diálogos entre pais e filhos, o que não impede o pai de ser um mestre, pois não há, na obra, diferenças de tratamento entre discípulos para com os seus mestres e filhos para com os pais. Presentes em ambos os tipos de diálogos, estão personas típicas do contexto social de Alfonso, como “o filósofo”, “o poeta” ou “o árabe”, sendo os únicos tipos de características utilizadas para compor a identidade das personagens dos diálogos, além das dualidades pai/filho e mestre/discípulo, considerando que um “árabe” pode ser também um “pai” ou “filósofo”, ao passo que são poucos os adjetivos utilizados junto das personagens dos diálogos.

Para exemplificar a linguagem bíblica presente nos diálogos, tomemos o primeiro deles: “*De timore Dei*” (“Sobre o temor a Deus”).

A respeito do temor a Deus, o filósofo Enoque, que foi reconhecido como Idris em língua árabe, disse a seu filho: "Que o temor ao Senhor seja a tua moeda de troca, e o lucro chegará para ti sem dificuldades."

Outro filósofo disse: "Aquele que teme a Deus, todas as coisas o temem; já aquele que, na verdade, não teme a Deus, teme todas as coisas."

Outro filósofo disse: "Aquele que teme a Deus, acolhe Deus; Aquele que acolhe Deus, obedece a Deus."

Por sua vez, um árabe: "Desobediente és tu para com Deus, e finges, contudo, que O amas, é inacreditável! Se de fato amasses verdadeiramente, obedeceria a Ele. Aquele que ama, afinal, obedece."⁴

Como é possível perceber por esse exemplo, Alfonso não prioriza a identidade do filósofo, ou do árabe, evidenciando, em vez disso, os dizeres de cada personagem, que, apesar de independentes, se complementam. É possível perceber, ainda, que Alfonso evidencia um personagem como um argumento de autoridade: o filósofo Enoque é, pois, um personagem bíblico, portanto está inserido nas referências do público-alvo, expondo-lhe, ao mesmo tempo, que a cultura árabe também reconhece o filósofo cristão, mas por meio de outra tradição, com outro nome – Idris.

Essa abertura para conhecer algo em comum entre ambas as religiões é significativa, isto é, Alfonso parece querer unir essas culturas de alguma forma e fazer com que o leitor cristão se instrua por meio de outras referências. É interessante perceber, em vista disso, que no diálogo o uso da palavra Deus não está subordinado à cultura de quem O invoca, seja proferida por "um filósofo" ou por "um árabe", considerando que, para o último ser singularizado, pressupõe-se que os demais filósofos do diálogo não eram árabes.

Como foi comentado anteriormente, Pedro Alfonso utiliza de diversos argumentos de autoridade, por meio dos quais garantia credibilidade à fala do personagem que compunha o arquivo do autor e do seu público-alvo. Ao todo, temos uma menção a Enoque/Idris ("*De timore Dei*"); uma a Balaão/Luqman ("*De formica. De gallo. De cane*"); uma a Abraão ("*De modo comendi*"); uma a Jó ("*Exemplum de Maimundo servo*"); uma a Moisés ("*Exemplum de regii incisoris discipulo Nedui nomine*"); quatro a

⁴ ALFONSO, Pedro. *De timore Dei*, não paginado. Tradução minha.

Salomão ("*Exemplum de voce bubonis*", "*Exemplum de puteo*", "*Exemplum de aureo serpente*" e "*De timore Dei II*"); uma a Platão ("*Exemplum de Mariano*"); duas a Aristóteles ("*De vera nobilitate*" e "*De rege bono et malo*"); três a Sócrates ("*De ypocrisi*", "*De mendacio*" e "*Exemplum de Socrate et rege*"); e quatro citações a Alexandre Magno, nas quais ele é apenas aludido ("*De vera nobilitate*", "*De rege bono et malo*", "*Exemplum de Socrate et rege*" e "*Exemplum de aurea Alexandri sepultura*").

Para compreendermos a extensão do seu arquivo, é necessário singularizarmos a presença de Alexandre, o Grande, pois Alfonso não cumpria necessariamente com a verdade. A presença de Alexandre está sempre relacionada, nos diálogos da obra, às cartas de Aristóteles, mas as epístolas mencionadas no texto não existem de fato:

[...] E o pai disse: "Segundo lembrou Aristóteles em sua carta para o rei Alexandre: quando este perguntou ao primeiro quem dentre os homens ele deveria eleger como seu conselheiro, Aristóteles respondeu na carta: Aceita aquele que seja instruído nas sete artes liberais, instruído nos sete cuidados e também conhecedor das sete habilidades. Eu, de minha parte, tenho para mim que essa honradez é perfeita."⁵

Reforçamos aqui que Alfonso talvez quisesse enaltecer a importância que ele próprio dava às "sete artes liberais", "sete cuidados" e "sete habilidades", considerando-os como primordiais para a verdadeira honradez do homem. Isso é um dos exemplos ao qual podemos recorrer, no *Disciplina Clericalis*, para reforçar tanto a instrução pessoal quanto a social em prol de uma convivência ideal, como Aristóteles supostamente sugere, visto que o ateniense era um filósofo conhecido também na Era Medieval. É de se esperar, portanto, que os argumentos de autoridade tenham corroborado com a função didática da obra e atingido um interesse por parte do leitor, que, por ser douto, conhecia a tradição grega; e o mesmo leitor talvez reconheceria, também, os *exempla* que imitam as fábulas de Esopo, ou pelo menos lançam mão de animais falantes, camponeses ingênuos e raposas astutas, como em "*Exemplum de mulo et vulpe*" ou em "*Exemplum de homine et serpente*".

⁵ ALFONSO, Pedro. De vera nobilitate, não paginado. Tradução minha.

É possível que devido à complexidade com a qual o livro consegue abordar temas fundamentais para a existência humana (como religião, morte ou traições), ele tenha conquistado leitores o suficiente para ser considerado um sucesso já em sua época. Segundo Tolan, a tradição do *Disciplina Clericalis* foi resgatada por renomados escritores ao longo dos séculos, como Boccacio, o qual se utilizou dos exempla de Alfonso em seu *Decamerão*, sendo que a própria estrutura do *Decamerão* lembra a do *Disciplina Clericalis*, além de adaptar fábulas específicas de Alfonso, como o conto “*Exemplum de puteo*” (“O poço”), que em Boccacio está na quarta história da sétima jornada do *Decamerão*⁶. Ariano Suassuna, por sua vez, resgatou a mesma história, em Boccacio, para compor o seu *Auto da Compadecida*, o que exemplifica a propagação dessas tradições ao longo dos séculos.

É de se reconhecer que há muito o que pesquisar acerca de Pedro Alfonso e do *Disciplina Clericalis*. A obra se mostra, para além de instrutiva à sociedade da época em que foi escrita, apta a ilustrar questões existenciais contemporâneas, pois intrínsecas ao ser humano. Sua contribuição pode abranger os estudos em literatura comparada, por sua proximidade com relação a outros autores canônicos e outros gêneros literários, medievais ou da antiguidade, como os já mencionados Suassuna e Boccacio, e também, para citar mais exemplos, as fábulas milesianas de Apuleio, ou mesmo as fábulas de Esopo, como também máximas e aforismos.

Gabriel Portella Carneiro

⁶ TOLAN. *Petrus Alfonsi and his Medieval Readers*, p. 155-157.

Disciplina Clericalis

Pedro Alfonso

Prologus

Dixit Petrus Alfunsus, servus Christi Ihesu, compositor huius libri: Gratias ago Deo, qui primus est sine principio, a quo bonorum omnium est principium, finis sine fine, totius boni complementum, sapiens qui sapientiam et rationem praebet homini, qui nos sua aspiravit sapientia et suae rationis admirabili illustravit claritate et multiformi sancti spiritus sui ditavit gratia. Quia igitur me licet peccatorem Deus multimoda vestire dignatus est sapientia, ne lucerna mihi credita sub modio tecta lateat, eodem spiritu instigante ad multorum utilitatem hunc librum componere admonitus sum, ipsum obsecrans ut huic mei libelli principio bonum finem adiungat meque custodiat, ne quid in eo dicatur quod suae displiceat voluntati. Amen.

Deus igitur in hoc opusculo mihi sit in auxilium, qui me librum hunc componere et in latinum transferre compulit. Cum enim apud me saepius retractando humanae causas creationis omnimodo scire laborarem, humanum quidem ingenium inveni ex praecepto conditoris ad hoc esse deputatum, ut quamdiu est in saeculo in sanctae studeat exercitatione philosophiae, qua de creatore suo meliorem et maiorem habeat notitiam, et moderata vivere studeat continentia et ab imminentibus sciat sibi praecavere adversitatibus eoque tramite gradiatur in saeculo, qui eum ducat ad regna caelorum. Quodsi in praefata sanctae disciplinae norma vixerit, hoc quidem pro quo creatus est complevit debetque perfectus appellari. Fragilem etiam hominis esse consideravi complexionem: quae ne taedium incurrat, quasi provehendo paucis et paucis instruenda est; duritiae quoque eius recordatus, ut facilius retineat, quodammodo

necessario mollienda et dulcificanda est; quia et obliviosa est, multis indiget quae oblitorum faciant recordari. Propterea ergo libellum compēgi, partim ex proverbiiis philosophorum et suis castigationibus, partim ex proverbiiis et castigationibus Arabicis et fabulis et versibus, partim ex animalium et volucrum similitudinibus. Modum tamen consideravi, ne si plura necessariis scripserim, scripta oneri potius sint lectori quam subsidia, ut legentibus et audientibus sint desiderium et occasio ediscendi. Scientes vero per ea quae hic continentur, oblitorum reminiscantur. Huic libello nomen iniungens et est nomen ex re: id est Clericalis Disciplina; reddit enim clericum disciplinatum. Vitandum tamen decrevi pro possibilitate sensus mei, ne quid in nostro tractatu inveniatur quod nostrae credulitati sit contrarium vel a nostra fide diversum. Ad quod adiuvet me omnipotens Deus cui supernitor. Amen.

Si quis tamen hoc opusculum humano et exteriori oculo percurrerit et quid in eo quod humana parum cavit natura viderit, subtiliori oculo iterum et iterum relegere moneo et demum ipsi et omnibus catholicae fidei perfectis corrigendum appono. Nihil enim in humanis inventionibus perfectum putat philosophus.

*

De timore Dei. Enoch philosophus, qui lingua arabica cognominatur Edric, dixit filio suo: Timor Domini sit negotiatio tua, et veniet tibi lucrum sine labore.

Dixit alius philosophus: Qui timet Deum, omnia timent eum; qui vero non timet Deum, timet omnia.

Dixit alius philosophus: Qui timet Deum, diligit Deum; qui diligit Deum, obedit Deo.

Dixit Arabs in versu suo: Inobediens es Deo: simulas tamen te eum amare, et incredibile est; si enim vere amares, obedires ei. Nam qui amat, obedit.

*

De ypocrisi. Dixit Socrates discipulis suis: Videte ne sitis Deo obedientes et inobedientes in eodem. Dicunt ei: Enuclea nobis quod dicis. Qui ait: Dimittite ypocrisim! Est enim ypocrisis coram hominibus simulare se obedire Deo, in occulto vero inobedientem esse. Dicit ei unus ex discipulis: Estne aliud genus ypocrisis, unde homini cavendum sit? Dicit Socrates: Est homo qui in aperto et in occulto obedire se Deo ostendit, ut sanctus ab hominibus habeatur et ab eis ideo plus honoretur. Est alius isto subtilior, qui hanc relinquit ypocrisim, ut maiori deserviat: Cum enim ieiunat vel elemosinam facit et ab eo quaeritur si fecerit, respondet: Deus scit! vel: non, ut in maiori reverentia habeatur et dicatur quia ypocrita non est qui hominibus factum suum nolit propalari. Credo etiam paucos esse qui aliquo huius ypocrisis genere non participant. Videte igitur ne hac seducti laboris vestri praemio privemini! Quod ne contingat, omnia facite munda intentione; ne inde gloriam habere quaeratis!

Dicit alius philosophus: Si Deo firmiter inniteris, omnia erunt prospera quocumque ieris.

*

De formica. De gallo. De cane. Balaam, qui lingua arabica vocatur Lucaman, dixit filio suo: Fili, ne sit formica sapientior te, quae congregat in aestate unde vivat in hyeme. – Fili, ne sit gallus vigilantior te, qui in matutinis vigilat, et tu dormis. – Fili, ne sit gallus fortior te, qui iustificat decem uxores suas, tu solam castigare non potes. – Fili, ne sit canis corde nobilior te, qui benefactorum suorum non obliviscitur, tu autem benefactorum tuorum oblivisceris. – Fili, ne videatur tibi parum unum habere inimicum vel nimium mille habere amicos. Dico tibi:

Exemplum

I. Exemplum de dimidio amico

Arabs moriturus vocato filio suo dixit: Dic, fili, quot tibi, dum vixi, adquisieris amicos! Respondens filius dixit: Centum, ut arbitror, mihi adquisivi amicos. Dixit pater: Philosophus dicit: Ne laudes amicum, donec probaveris eum! Ego quidem prior natus sum et unius dimidietatem vix mihi adquisivi. Tu ergo centum quomodo tibi adquisisti? Vade igitur probare omnes, ut cognoscas si quis omnium tibi perfectus erit amicus! Dixit filius: Quomodo probare consulis? Dixit pater: Vitulum interfectum et frustatim comminutum in sacco repone, ita ut saccus forinsecus sanguine infectus sit. Et cum ad amicum veneris, dic ei: Hominem, care mi, forte interfeci; rogo te, ut eum secreto sepelias; nemo enim te suspectum habebit, sicque me salvare poteris. Fecit filius sicut pater imperavit. Primus autem amicus ad quem venit dixit ei: Fer tecum mortuum super collum tuum! Sicut fecisti malum, patere satisfactionem! In domum meam non introibis. Cum autem per singulos sic fecisset, eodem responso ei omnes responderunt. Ad patrem ergo rediens nuntiavit quae fecerat. Dixit pater: Contigit tibi quod dixit philosophus: Multi sunt dum numerantur amici, sed in necessitate pauci. Vade ad dimidium amicum meum quem habeo et vide, quid dicat tibi! Venit et sicut aliis dixerat huic ait. Qui dixit: Intra domum! Non est hoc secretum quod vicinis debeat propalari. Emissa ergo uxore cum omni familia sua sepulcrum fodit. Cum autem ille omnia parata videret, rem prout erat disseruit gratias agens. Deinde patri retulit quae fecerat. Pater vero ait: Pro tali

amico dicit philosophus: Hic est vere amicus qui te adiuvat, cum saeculum tibi deficit. Dixit filius ad patrem: Vidisti hominem qui integrum sibi amicum lucratus fuerit? Tunc pater: Non vidi quidem, sed audivi. Tunc filius: Renuntia mihi de eo, si forte talem mihi adquisiero! At pater:

II. Exemplum de integro amico

Relatum est mihi de duobus negotiatoribus, quorum unus erat in Aegypto, alter Baldach, seque solo auditu cognoverant et per internuntios pro sibi necessariis mittebant. Contigit autem ut qui erat Baldach, in negotiationem iret in Aegyptum. Aegyptiacus audito eius adventu occurrit ei et suscepit eum gaudens in domum suam et in omnibus ei servivit sicut mos est amicorum per octo dies et ostendit ei omnes manerías cantus quas habebat in domo sua. Finitis octo diebus infirmatus est. Quod valde graviter dominus de amico suo ferens ascivit omnes medicos Aegyptiacos, ut amicum hospitem viderent. Medici vero palpato pulsu, iterum et iterum urina respecta, nullam in eo agnoverunt infirmitatem. Et quia per hoc nullam corporalem agnovere infirmitatem, amoris sciunt esse passionem. Hoc agnito dominus venit ad eum et quaesivit si qua esset mulier in domo sua quam diligeret. Ad haec aeger: Ostende mihi omnes domus tuae mulieres, et si forte inter eas hanc videro, tibi ostendam. Quo audito ostendit ei cantatrices et pedissequas: quarum nulla ei complacuit. Post haec ostendit ei omnes filias: has quoque sicut et priores omnino reppulit atque neglexit. Habebat autem dominus quandam nobilem puellam in domo sua, quam iam diu educaverat, ut eam acciperet in uxorem; quam et ostendit ei. Aeger vero aspecta hac ait: Ex hac est mihi mors et in hac est mihi vita! Quo audito dedit ei puellam nobilem in uxorem cum omnibus quae erat cum ea accepturus. Et preterea dedit ei ea quae erat daturus puellae, si eam acciperet in uxorem. His completis, accepta uxore cum his quae cum uxore acceperat et negotiatione facta rediit in patriam. – Contigit autem post haec ut Aegyptiacus omnia sua multis modis amitteret, et pauper effectus cogitavit apud se quod iret Baldach ad amicum quem ibi habebat, ut sui misereretur. Iter ergo nudus et famelicus arripuit atque Baldach intempestae noctis silentio pervenit. Pudor autem ei obstabat ne domum amici adiret, ne forte incognitus tali tempore domo expelleretur. Templum ergo quoddam

antiquum intravit ut ibidem pernoctaret. Sed cum ibi anxius multa secum diu volveret, occurrerunt sibi duo viri prope templum in civitate, quorum unus alium interfecit clamque aufugit. Multi ergo cives pro strepitu decurrentes interfectum repperierunt, et quaerentes quisnam homicidium perpetrasset, intraverunt templum sperantes homicidam ibidem reperire. Aegyptiacum vero illic reperierunt et sciscitantes ab eo quisnam virum interfecisset, audierunt ab ipso quia ego illum interfeci. Paupertatem enim suam morte saltem finire vehementer cupiebat. Captus itaque et incarceratus est. Mane autem facto producitur ante iudices et morte condemnatus ducitur ad crucem. Multi vero de more accurrerunt, quorum unus fuit amicus eius cuius causa Baldach adierat. Qui acutius eum intuens deprehendit esse amicum quem in Aegypto reliquerat. Reminiscens itaque bonorum quae sibi in Aegypto fecerat, cogitans etiam quia post mortem retribuere illi non poterat, mortem pro ipso subire se decrevit. Voce igitur magna exclamavit: Quid innocentem condemnatis quove eum ducitis? Non mortem meruit, ego virum interfeci. At illi iniecerunt manus in eum atque ligatum secum ad crucem traxerunt aliumque a poena mortis absolverunt. Homicida vero in eodem agmine haec intuens gradiebatur atque secum ait: Hunc interfeci et iste dampnatur! Hic innocens supplicio deputatur, ego nocens libertate fruor! Quaenam causa est huius iniusticiae? Nescio nisi sola sit Dei patientia. Verum Deus, iudex iustus, impunitum scelus nullum dimittit. Ne igitur posterius in me durius vindicet, huius me prodam criminis esse reum; sicque eos a morte absolvendo quod commisi luam peccatum. Obiecit se ergo periculo dicens: Me me qui feci; istum dimittite innoxium! Iudices autem non parum admirantes hunc alio a morte absoluto ligaverunt. Iamque de iudicio dubitantes hunc cum reliquis prius liberatis ante regem duxerunt eique omnia ex ordine referentes ipsum etiam haesitare compulerunt. Communi itaque consilio rex eis omne crimen quod sibi imposuerant condonavit, eo tamen pacto ut criminis sibi impositi causas patefacerent. At illi rei veritatem ei exposuerunt. Communi autem consensu omnibus absolutis indigena qui pro amico suo mori decreverat ipsum in domum suam introduxit eique omni honore pro ritu facto inquit: Si mecum manere adquiescis, omnia nobis prout decet erunt communia; si vero repatriare volueris, quae mea sunt aequa lance

partiamur. At ille natalis soli dulcedine irretitus partem totius substantiae quam ei obtulerat recepit sicque repatriavit. – His itaque sic relatis inquit filius ad patrem: Vix poterit talis reperiri amicus.

*

De consilio. Dixit alius philosophus propter amicos non probatos: Provide tibi semel de inimicis et milies de amicis, quia forsitan quandoque amicus fiet inimicus et sic levius poterit perquirere dampnum tuum.

Item alius philosophus: Cave tibi de consilio illius a quo petis consilium, nisi tibi sit fidelis comprobatus.

Item alius philosophus: Consule amico tuo in bonum quantum poteris, etsi tibi credere noluerit. Iustum est enim ut sibi bene consulas, licet rectum ut insulsus tuum non sequatur consilium.

Alius: Noli consilium tuum omni revelare homini. Qui enim consilium suum in corde suo retinet, sui iuris est melius eligere.

Alius: Consilium absconditum quasi in carcere tuo est reclusum, revelatum vero te in carcere suo tenet ligatum.

Alius: Ne te associaveris inimicis tuis, cum alios possis reperire socios. Quae enim male egeris, notabunt; quae vero bona fuerint, devitabunt.

Dixit quidam versificator: Est una de huius saeculi adversitatibus gravioribus libero homini quod necessitate cogitur ut sibi subveniat requirere inimicum. Quaesivit quidam a quodam Arabe: Quae maior adversitas contigit tibi in hoc saeculo? Arabs: Necessitas compulit me convenire inimicum, ut quae volebam mihi concederet.

*

De leccatore. Alius: Ne te associaveris leccatori, cuius societas est tibi dedecus.

Alius: Ne glories in laude leccatoris, cuius laus est tibi vituperium et vituperium laus. – Quidam philosophus transiens per viam alium reperit philosophum cum quodam leccatore iocantem atque ait: Simile sibi simile attrahere adamantis est. At ille inquit: Nunquam me sibi adiunxi.

Ad haec transiens: Cur ergo ei applaudebas? At ille: Non, sed magna necessitate cogitur etiam honestus homo latrinam adire.

*

De sapientia. Alius philosophus: Fili, grave est arduas ascendere mansiones, et ab eisdem descendere facile est.

Alius philosophus: Melior est inimicitia sapientis quam amicitia insipientis.

Alius philosophus: Non habeas pro magno amicitiam stulti, quia non est permanens.

Alius philosophus: Melior est societas simplicis inter sapientes nutriti quam prudentis cum leccatoribus educati.

Alius philosophus: Dulcior est sapienti aspera vita inter sapientes quam dulcis vita inter insipientes.

Alius philosophus: Sapientiae duae sunt species: una naturalis, alia artificialis; quarum una non potest manere sine alia.

Alius: Ne committas stultis sapientiam quia eis esset iniuriosum; neque sapientibus eam deneges, quia quod suum est eis auferres.

Alius: Huius mundi dona diversa sunt: quibusdam enim datur rerum possessio, quibusdam sapientia. Quidam loquens filio inquit: Quid malles tibi dari, an censum an sapientiam? Cui filius: Horum quodlibet alio indiget. – Fuit quidam versificator egregius, sed egenus et mendicus, semper de paupertate sua amicis conquerens, de qua etiam versus composuit talem sensum exprimentes: Tu qui partiris partes monstra mea cur mihi desit! Culpandus non es, sed dic mihi: quem culpabo? Nam si constellatio mea est mihi dura, a te quoque id factum esse indubitabile est. Sed inter me et ipsam tu orator et iudex es. Tu dedisti mihi sapientiam sine substantia. Dic ergo mihi: quid faciet sapientia sine substantia? Accipe partem sapientiae et da mihi partem pecuniae! Ne patiaris me illo indigere cuius damnum erit mihi pudori!

Dixit quidam philosophus: Tribus modis indiget unus alio: Cuicumque benefeceris, in eo maior eo eris; quo non indigueris, par ipsius eris; quo vero indigueris, minor eo eris.

Alius: Claritas anime sapientia est, census vero claritas corporis est.

Alius: Sapientia corpora mortua sua claritate vivificat, velut terra arida humiditate pluviae virescit.

*

De silentio. Discipulus magistro: Quomodo habendo me inter sapientes discipulos computabor? Magister: Serva silentium, donec sit tibi loqui necessarium. Ait enim philosophus: Silentium est signum sapientiae, et loquacitas est signum stultitiae. – Alius: Ne festines respondere donec fuerit finis interrogationis, nec quaestionem in conventu factam solvere temptes, cum sapientiore te ibi esse prospexeris, nec quaestioni alii cuiquam factae respondeas, nec laudem appetas pro re tibi incognita. Philosophus enim dicit: Qui de re sibi ignota laudem appetit, illum mendacem probatio reddit. – Alius: Adquiesce veritati sive a te prolatae sive tibi obiectae. – Alius: Ne glorieris in sapientibus verbis tuis, quia prout philosophus testatur: Qui in suis verbis sapientibus gloriatur, stultus esse comprobatur. – Haec omnia faciens connumeraberis inter discipulos sapientiae atque prudentiae.

Philosophus dicit: Qui prudenter inquirere voluerit solutionem prudenter intelliget.

Alius: Quicumque erubuerit sapientiam ab aliis investigare, magis erubescet eandem a semetipso inquire.

Alius: Qui brevi tempore pro pudore disciplinam non patitur, omni tempore in pudore insipientiae permanebit.

Alius: Non omnis qui sapiens dicitur sapiens est, sed qui discit et retinet sapientiam.

Alius: Qui in doctrina defecerit, parum generositas sua ei proderit. Dogmate indiget nobilitas, sapientia vero experientia.

Alius: In quo sua desinit nobilitas, avorum nobilitatem haut congrue reservat.

Alius: Nobilitas a me procedens est mihi cordi plus quam quae patrum procedit nobilitate.

III. Exemplum de tribus versificatoribus

Arabs: Quidam versificator prudens et facetus, sed ignobilis cuidam regi versus suos obtulit. Cuius notata prudentia rex eum honorifice suscepit. Huic igitur invadebant alii versificatores sua superbi generositate regemque convenientes inquirunt: Domine rex, cur hunc tam vili ortum prosapia adeo magnificas? Ad haec rex: Quem vituperare putastis, magis laudastis. Ipse vero qui vituperabatur, haec adiunxit: Rosa ex spinis orta nequaquam blasphematur. Rex autem maximis honoratum muneribus eum dimisit.

Contigit ut quidam versificator nobili ortus prosapia, parum autem disciplinatus regi cuidam versus suos offerret. Quos acceptos rex male quippe compositos sprexit nihilque sibi dedit. Inquit igitur versificator regi: Si non pro versibus, saltem pro generositate aliquid mihi tribuas. Rex ergo: Quis est pater tuus? At ille sibi indicavit. Ait rex: Semen in te degeneravit. Cui versificator: Saepe, rex, ex frumento oritur siligo. Ad haec rex: Te minorem quam patrem tuum probasti. Illumque immunem sic dimisit.

IV. Exemplum de mulo et vulpe

Alius versificator item venit ad regem, patre ignobili, sed matre generosa. Incompositus quidem incompositos obtulit versus. Cuius mater fratrem habebat litteratura et facetia splendidum. Rex autem nequaquam eum honorifice suscepit. Quaesivit tamen ab eo, cuius filius erat. At ille praetendit ei avunculum suum; unde rex in nimium risum se convertit. Aiunt ei sui familiares: Unde iste tantus risus procedit? Ait rex: Fabulam quandam in libro quodam legeram, quam hic oculis conspicio. At illi: Quae est illa? Ait rex: Mulum noviter natum vulpis in pascuis invenit atque admirans ait: Quis es tu? Mulus dicit se Dei creaturam esse. Cui vulpis: Habesne patrem aut matrem? Mulus ait: Avunculus meus est equus generosus. – Sicut ergo mulus non recognovit asinum patrem suum, eo quod pigrum et deforme animal est, sic iste patrem suum confiteri erubescibat pro inertia sua incognitum. Rex tunc convertens se ad versificatorem ait: Volo ut indices mihi patrem tuum. At ille sibi indicavit. Cognovit ergo rex quia pater eius vilis et indisciplinatus erat, et ait servis suis: Demus huic de rebus nostris, quia non degenerat.

*

De vera nobilitate. Arabs ait patri: Miror me legisse in temporibus praeteritis nobiles, facetos, sapientes honorari, modo vero soli venerantur leccatores. Ad quod pater: Ne mireris, fili, quia clerici clericos, generosi generosos, faceti facetos honorant, leccatores a leccatoribus venerantur. Filius: Vidi et aliud: quod clerici pro sapientia sua non sunt honorati; unde facti sunt leccatores et ad magnum venire honorem. Tunc pater ait illi: Hoc quidem ex inertia temporis contigit. Ad quod filius: Edissere mihi, pater karissime, veram nobilitatis definitionem. Et pater: Ut, inquit, Aristotiles in epistola sua quam Alexandro regi composuit, meminit: qui cum ab eo quaereret quem sibi ex hominibus consularum faceret, taliter per epistolam respondit: Accipe, ait, talem qui septem liberalibus artibus sit instructus, industriis septem eruditus, septem etiam probitatibus edoctus, et ego hanc aestimo perfectam esse nobilitatem. – Et filius: Haec nobilitas in tempore meo non contingit, immo auri et argenti tota est quam video nobilitas, ut ait versificator:

Glorificant gazae privatos nobilitate

Paupertas que domum premit altam nobilitate.

Versificator quidam de adversitatibus saeculi quae super nobiles veniunt, versus fecit istos sub persona nobilium: Dic, inquit, illis qui pro adversitatibus quae nobis accidunt nos contempnunt quod saeculum nulli fecit Deus contrarium nisi nobilibus tantum. Nonne vides quod mare devehit stercora et paleas, et pretiosi lapides in fundum vadunt? Et nonne vides quod in caelo sunt stellae e quibus nescimus numerum? At insuper nulla quidem patitur eclipsim praeter solem et lunam. Et pater: Ex temporis inertia accidit quia homines in divitiis solum iudicant gloriandum.

*

De septem artibus, probitatibus, industriis. Unus ex discipulis interrogavit magistrum suum et dixit: Cum septem sint artes et septem probitates et septem industriae, vellem ut haec mihi sicut se habent enumerares. Magister: Enumerabo. Hae sunt artes: Dialectica, arithmetica,

geometria, phisica, musica, astronomia. De septima vero diversae plurimorum sunt sententiae quatenus sit. Philosophi qui prophetias non sectantur, aiunt nigromantiam esse septimam. Aliqui ex illis videlicet qui prophetiis non credunt, philosophiam volunt esse septimam, quae res naturales vel elementa mundana praecellit. Quidam qui philosophiae non student, grammaticam esse affirmant.

Probitates vero hae sunt: Equitare, natare, sagittare, cestibus certare, aucupare, scaccis ludere, versificari.

Industriae hae sunt: Ne sit vorax, potator, luxuriosus, violentus, mendax, avarus et de mala conversatione. Discipulus: Hoc tempore puto neminem huiusmodi esse.

*

De mendacio. Correxerat quidam philosophus filium suum: Cave mendacium, quia dulcius est carmine volucrum.

Alius: Cum leve sit mendacium proferre, quare videtur grave veritatem dicere?

Alius philosophus: Si dicere metuas unde paeniteas, melius est dicere: non! quam: sic!

Alius: Verecundia negandi cave ne inferat tibi necessitatem mentiendi, quia honestius est rem negare quam longos terminos dare.

Alius: Terminum termino addere roganti est hoc tempore calliditas negandi.

Alius: Si mendacio quilibet salvatur, multo magis veritate salvatur. – Accusatus quidam ductus est ante regem iudicem negansque crimen impositum tandem vincitur. Cui rex: Duppliciter punieris: semel pro crimine commisso, secundo pro commisso negato.

Alter quidam consimiliter accusatus quod commiserat non negavit. Dixeruntque qui regi astiterunt: De crimine confesso iudicium sumet. Non ita, rex inquit, quia philosophus dicit: Confitenti peccatum ratio est relaxare iudicium. Sicque liber factus a rege discessit.

Socrates: Sicut homo mendax in principis comitatu non convenit, sic a regno caelorum excludendus erit.

Quidam philosophus dixit filio suo: Dic esse mentitum, qui malum dicit malo vincendum, quia sicut ignem ignis non perimit, sic malum malo non cedit. Ut igitur ignem aqua extinguit, sic bono malum quilibet destruit.

Alius: Ne reddas malum ne similis sis malo, sed redde bonum ut melior sis malo.

Alius: Ne confidas in malo si periculum evaseris, ut aliud in eas, quia illud non faciet ut simile pertranseas.

Dixit Arabicus filio suo: Si quemlibet videris malis operibus praegravari, ne te intromittas, quia qui pendulum solverit, super illum ruina erit.

V. Exemplum de homine et serpente

Transiens quidam per silvam invenit serpentem a pastoribus extentum et stipitibus alligatum. Quem mox solutum calefacere curavit. Calefactus serpens circa foveam serpere coepit et tandem ligatum grave strinxit. Tunc homo: Quid, inquit, facis? Cur malum pro bono reddis? Naturam meam, dixit serpens, facio. Bonum, ait ille, tibi feci, et illud malo mihi solvis? Illis sic contententibus vocata est inter eos ad iudicium vulpis. Cui totum ut evenerat est monstratum ex ordine. Tunc vulpis: De hac causa iudicare per auditum ignoro, nisi qualiter inter vos primum fuerit ad oculum videro. Religatur iterum serpens ut prius. Modo, inquit vulpis, o serpens, si potes evadere, discede! Et tu, o homo, de solvendo serpente noli laborare! Nonne legisti quod qui pendulum solverit, super illum ruina erit?

Dixit Arabs quidam filio suo: Si gravatus fueris aliquo modo et facile possis liberari, non expectes, quia dum expectabis liberari facilius, gravaberis amplius. Et ne tibi contingat quod contigit gibboso de versificatore. Et quomodo? filius inquit. Pater:

VI. Exemplum de versificatore et gibboso

Quidam versificator versus faciens regi praesentavit, et laudavit rex ingenium illius iussitque ut pro facto donum exposceret. Qui donum tale expostulat ut se ianitorem suae civitatis per mensem faceret, et ab omni gibboso denarium et a scabioso denarium et de monoculo denarium et de impetiginoso denarium et de hernioso haberet denarium. Quod rex concessit et sigillo corroboravit. Qui ministerio suscepto portae assedit et ministerium suum egit. Quadam die gibbosus quidam bene cappatus

cum baculo portam intravit. Cui versificator obvius denarium postulat. Qui denegat dare. Vim inferente versificatore, dum caputium de capite levat, gibbosum deprehendit monoculum esse: duos ergo denarios postulat, a quo prius unum expetiit. Noluit dare, retentus est. Non habens auxilium fugere voluit, sed per caputium retractus capite nudato apparuit scabiosus. Interrogat protinus ille tres denarios. Videns gibbosus neque fuga neque auxilio se posse defendi coepit resistere defendensque se nudatis brachiis apparuit habens in his impetiginem: quartum ergo denarium postulat. Cui defendenti cappam abstulit, et cadente illo in terram herniosum comperit: quintum ergo denarium ab eo extorsit. Sic contigit ut qui unum ultro dare noluit, quinque invitus dedit.

Dixit philosophus quidam filio suo: Fili, vide ne transeas per aedem gentis iniquae! Transitus namque causa fit status, et status occasio sessionis, et sessio causa mortis.

VII. Exemplum de clerico domum potatorum intrante

Dictum enim est duos clericos de civitate quadam vespere ut exspatiarentur exisse. Venerunt ergo in locum ubi potatores convenerant. Dixit alter socio suo: Divertamus alia via, quia philosophus dicit: Non est transeundum per sedem gentis iniquae. Respondit socius: Transitus non nocebit, si aliud non affuerit. Et transeuntes audierunt in domo cantilenam. Substitit alter retentus dulcedine cantus. Monuit socius ire: noluit. Recedente socio remansit solus illectusque cantu domum intravit. Undique vocatus sedit sedensque cum aliis potavit. Et ecce praeco exploratorem civitatis fugientem sequens post illum in domum potantium intravit. Invento exploratore in illa domo ipse et omnes capti sunt. Hic, inquit, hospitium huius exploratoris fuit: hinc exiit, huc rediit; omnes conscii et socii huius fuistis. Ducti sunt omnes ad patibulum, et clericus inter illos magna voce praedicabat omnibus: Quisquis iniquae gentis consortio fruitur, procul dubio mortis immeritae poenas lucratur.

VIII. Exemplum de voce bubonis

Fertur de duobus discipulis quod exeuntes de quadam civitate venerunt in locum ubi vox cuiusdam feminae valde sonora audiebatur, verbaque cantus bene composita erant et cantus ipse musice constructus valde

delectabilis et amatorius insonuit. Substitit alter cantilena retentus. Cui socius: Divertamus hinc! – Et diverterunt inde – quia intantum volucris cantu decipitur quod ad mortem perducitur. Item unus: Ista vox dulcior est illa quam ego et magister meus iam pridem audieramus. Et qualis erat illa, inquit alter, et quomodo illam audistis? Evenit, dixit socius, quod a civitate exieramus, et sic vox una asperrima audiebatur et cantus incompositus verbaque inordinate sonabant; quique cantaverat, saepius per idem repetebat et suo licet aspero cantu quasi delectabili detinebatur. Tunc mihi magister: Si verum est quod homines dicunt vocem bubonis hominis mortem portendere, tunc ista sine dubio vox bubonis mortem annunciat. Cui ego: Miror, cum cantus sit tam horridus, cur iste tantum in illo delectatur. Et ille mihi: Non recordaris illius philosophi qui dicit: In tribus delectatur homo, et si bona non sint: in sua voce, in suo carmine et in suo filio? – Ut istud de se et de suo magistro narraverat, digressi sunt inde ambo.

Dixit quidam philosophus filio suo: Sequere scorpionem, leonem et draconem, sed malam feminam non sequaris!

Alius philosophus: Ora deum ut te liberet ab ingenio nequam feminarum, et tu ipse ne decipiaris provide tibi. – Dictum namque est de quodam philosopho quod transiens iuxta locum quo auceps rete tetenderat avibus decipiendis vidit mulierculam cum eo lascivientem. Cui dixit: Qui aves decipere conaris, vide ne avicula factus huius visco tenearis.

Dixit quidam discipulus magistro suo: Legi in libris philosophorum quibus praecipiunt ut ab ingenio feminae perversae custodiat se homo. Et Salomon in proverbiiis hoc idem admonet. Sed tu si super ingenio illius sive de fabulis sive de proverbiiis aliquid memoriter tenes, vellem renarrando me instrueres. Magister: Faciam, inquit, tui causa libenter. Sed vereor ne si qui nostra simplici animo legentes carmina quae de mulierum artibus ad earum correptionem et tuam et aliorum instructionem scribimus viderint, videlicet quomodo quaedam earum nescientibus viris suos advocent amasios et complectentes deosculentur advocatos et quae illarum expetat lascivia in ipsis expleant, earum nequitiam in nos redundare credant. Discipulus: Ne timeas hoc, magister, quia Salomon in libro proverbiorum et multi sapientes pravos earum corrigendo mores talia scripserunt nec culpam sed laudem inde promeruerunt. Tu similiter de illis

scribens ad nostram utilitatem non vituperium, sed coronam promereberis. Et ob hoc rogata sine cunctatione demonstra. Tunc magister:

IX. Exemplum de vindemiatore

Perrexit quidam ut vindemiaret vineam. Quod uxor illius videns intellexit illum circa vineam diutius moraturum et misso nuntio convocat amicum conviviumque parat. Accidit autem ut dominus ramo vineae in oculo percussus domum cito rediret nihil de oculo percusso videns; veniensque ad portam suae domus hostium pulsavit. Quod uxor intelligens nimium turbata convocatum amicum abscondit seorsum et domino suo hostium postea aperire cucurrit. Qui intrans et graviter pro oculo tristis et dolens iussit cameram parari et lectum sterni, ut posset quiescere. Timuit uxor ne intrans cameram amicum latitantem videret. Dixit ei: Quid tantum properas ad lectum? Dic mihi quid tibi sit prius! Narravitque ei totum ut acciderat. Permite, inquit illa, karissime domine, ut oculum sanum medicinali arte confirmem et carmine, ne ita eveniat de sano ut mihi evenit de iam percusso, quia dampnum tuum commune est nobis. Apponensque os suum ad oculum sanum tantum fovit quousque amicus a loco ubi absconditus erat viro nesciente discessit. Tandemque se erigens: Modo, inquit, karissime vir, sum secuta ne simile de hoc oculo eveniat, quale de altero evenit. Iam potes, si placet, ad lectum descendere. – Tunc discipulus ait magistro: Bene me instruxisti, et quod de illarum artibus retulisti siticuloso et desideranti animo commendavi; nec quod inde scio pro divitiis Arabum commutare volo. Sed si placet progredere, et quod transferre in actum publicae administrationis futurorum valeamus edissere! – Faciam, inquit magister:

X. Exemplum de lintheo

Dictum est de quodam qui peregre proficiscens commisit uxorem suam suae socrui. Uxor autem sua alium quendam adamavit et matri hoc indicavit. Quae commota pro filia favit amori et convocans procum eundem coepit cum illo et filia epulari. Epulantibus illis supervenit maritus et hostium pulsavit. Et consurgens mulier procum abscondit et hostium postea domino aperuit. Qui postquam intravit, ut lectus sibi pararetur praecepit; nam quiescere volebat quia lassus erat. Turbata mulier dubitavit quid

faceret. Quod videns mater: Ne festines, inquit, filia, lectum parare, donec monstremus marito tuo lintheum quod fecimus. Et extrahens lintheum vetula quantum potuit unum cornu illius sustulit et alterum filiae sublevandum dedit. Sicque lintheo extenso delusus est maritus, quousque qui latuerat egrederetur amicus. Tunc ait mulier filiae suae: Extende lintheum super lectum mariti tui, quia manibus tuis et meis est contextum. Cui maritus: Et tu, domina, scis tale lintheum parare? Et illa: O fili, multa huiusmodi paravi. – Ad haec discipulus: Mirabile quid audivi; sed vellem ut amplius me instrueres, quia quanto plus ingenium illarum attendo, tanto magis ad mei custodiam exacuor. Respondit magister: Adhuc tertium tibi dicam, et sic tibi ad instructionem exempla nostra sufficient. Discipulus: Ut placet.

XI. Exemplum de gladio

Relatum est, inquit, iterum quod quidam proficiscens peregre commisit coniugem suam socru suae servandam. Uxor autem clam iuvenem quendam amavit, quod suae matri protinus indicavit. Illa vero amoris consensit paratoque convivio ascivit iuvenem. Quibus epulantibus dominus veniens ianuam pulsavit. Surrexit itaque uxor et dimisit maritum intrare. Sed mater cum amasio filiae remanens, quia locus ubi absconderetur non erat, quid faceret prius dubitavit. Sed dum filia sua hostium aperiret marito, arripuit vetula nudum gladium et commisit amasio iussitque ut ante hostium in introitu mariti filiae suae stricto gladio staret, et si aliquid ei maritus loqueretur, nihil responderet. Fecit ut iusserat. Hostioque aperto ut illum maritus sic stare vidit, substitit et: Quis, inquit, tu es? Quo non respondente, cum primum obstupuisset, tunc magis extimuit. Respondit intus vetula: Care gener, tace, ne aliquis te audiat! Ad haec ille magis mirans: Quid hoc est, inquit, cara domina? Tunc mulier: Bone fili, venerant huc tres persequentes istum, et nos aperto hostio hunc cum suo gladio intrare permisimus, donec discederent qui illum interficere volebant. Qui nunc timens te aliquem ex illis esse stupefactus nihil tibi respondit. Et ait maritus: Bene habeas, domina, quae hoc modo hunc liberasti a morte. Et introiens advocavit amasium uxoris suae et secum sedere fecit. Sicque dulcibus alloquiis delinitum circa noctem exire dimisit. – Discipulus: Miranda dixisti; sed nunc magis illarum praesumptuosam admiror audaciam. Volo tamen ut adhuc mihi de earum ingeniis si non fuerit grave dicas. Quanto enim magis dixeris, tanto

maiora promereberis. Ad quem magister: Nonne tibi sufficiunt ista? Tria tibi narraui, et tu nondum desinis instigare? Discipulus: Tria dicendo nimium auges recitando numerum, sed pauca sonuerunt verba. Dic ergo unum quod longa verbositate meas repleat aures, et sic mihi sufficiet. Magister: Cave ne contingat inter nos quod inter regem et suum accidit fabulatorem. Discipulus: Quid, care magister, quid tandem accidit? Magister:

XII.a Exemplum de rege et fabulatore suo

Rex quidam suum habuit fabulatorem, qui singulis noctibus quinque sibi narrare fabulas consueverat. Contigit tandem quod rex curis quibusdam sollicitus minime posset dormire pluresque solito quaesivit audire fabulas. Ille autem tres super hoc enarravit, sed parvas. Quaesivit rex etiam plures. Ille vero nullatenus voluit; dixerat enim sicut iam visum fuerat sibi, multas. Ad haec rex: Plurimas iam narrasti, sed brevissimas. Vellem vero aliquam te narrare quae multis producatur verbis, et sic te dormire permittam. Concessit fabulator et sic incepit:

XII.b De rustico

Erat quidam rusticus qui mille solidos habuit. Hic autem in negotiationem proficiscens comparavit bis mille oves, singulas senis denariis. Accidit eo redeunte quod magna inundatio aquarum succresceret. Qui cum neque per pontem neque per vadum transire posset, abiit sollicitus quaerens quo cum ovibus suis transvehi posset. Invenit tandem exiguam naviculam quae nisi duas oves una cum rustico ferre non valebat. Sed tandem necessitate coactus duas oves imponens aquam transiit. – His dictis fabulator obdormivit. Rex siquidem illum excitans ut fabulam quam inceperat finiret commonuit. Fabulator ad haec: Fluctus ille magnus est, navicula autem minima et grex ovium innumerabilis: permitte ergo supradictum rusticum suas transferre oves, et quam incepti fabulam ad finem perducam. – Fabulator etenim hoc modo regem longas audire fabulas gestientem pacificavit. Quodsi amplius me praedictis etiam subtexere alia compuleris, iam dicti praesidio exempli me deliberare conabor. Discipulus: Dictum est in antiquis proverbii quod non eadem compunctione dolet qui pro muneribus lacrimatur et qui sui dolore corporis gravatur. Neque regem adeo dilexit fabulator, sicut et tu me diligis. Voluit enim fabulis suis eum aliquantum seducere, tu vero me

discipulum minime. Unde precor ne iam promotam narrationem modo velis subducere; sed praelibata mulierum ingenia diligenter pande. Magister:

XIII. Exemplum de canicula lacrimante

Dictum est quod quidam nobilis progenie haberet uxorem castam nimium et formosam. Contigit forte quod orationis studio Romam vellet adire, sed alium custodem uxori suae nisi semetipsam noluit deputare, illius castis moribus satis confisus et probitatis honore. Hic autem parato comitatu abiit. Uxor vero caste vivendo et in omnibus prudenter agens remansit. Accidit tandem quod necessitate compulsa a domo sua propria suam conventura vicinam egrederetur. Quae peracto negotio ad propria remeavit. Quam iuvenis aspectam ardenti amore diligere coepit et plurimos ad eam direxit nuntios, cupiens ab illa qua tantum ardebat amari. Quibus contemptis eum penitus sprexit. Iuvenis cum se sic contemptum sentiret, dolens adeo efficitur ut nimio infirmitatis onere gravaretur. Saepius tamen illuc ibat quo dominam egressam viderat, desiderans eam convenire; sed nequaquam praevaluit efficere. Cui prae dolore lacrimanti fit obvia anus religionis habitu decorata, quaerens quatenus esset causa quae eum sic dolere compelleret. Sed iuvenis quae in sua versabantur conscientia minime detegere volebat. Ad quem anus: Quanto quis infirmitatem suam medico revelare distulerit, tanto graviore morbo attritus fuerit. Quo audito narravit ei ex ordine quae sibi acciderant et suum proplavit secretum. Cui anus: De his quae iam dixisti Dei auxilio remedium inveniam. Et eo relicto ad propria remeavit. Et caniculam quam apud se habebat duobus diebus ieiunare coegit et die tertio panem sinapi confectum ieiunanti largita est. Quae dum gustaret, prae amaritudine oculi eius lacrimari coeperunt. Post haec vero anus illa ad domum pudicae feminae perrexit quam iuvenis praedictus adeo adamavit. Quae honorifice pro magna religionis specie ab eo suscepta est. Hanc autem sua sequebatur canicula. Cumque vidisset mulier illa caniculam lacrimantem, quaesivit quid haberet et quare lacrimaretur. Anus ad haec: Cara amica, ne quaeras quid sit, quia adeo magnus dolor est quod nequeo dicere. Mulier vero magis instigabat ut diceret. Cui anus: Haec quam conspicias canicula mea erat filia, casta nimis ac decora. Quam iuvenis adamavit quidam; sed adeo casta erat ut eum omnino sperneret et eius amorem respueret.

Unde dolens adeo efficitur ut magna aegritudine stringeretur: pro qua culpa miserabiliter haec supradicta nata mea in canicula mutata est. His dictis prae nimio dolore erupit in lacrimas anus illa. Ad haec femina: Quid ego, cara domina, similis peccati conscia, quid, inquam, factura sum? Me etenim dilexit iuvenis quidam, sed castitatis amore eum contempsi, et simili modo ei contigit. Cui anus: Laudo tibi, cara amica, ut quam citius poteris huius miserearis et quod quaerit facias, ne et tu simili modo in canem muteris. Si enim scirem inter iuvenem praedictum et filiam meam amorem, nunquam mea mutaretur filia. Cui ait mulier casta: Obsecro ut consilium huius rei utile dicas, ne propria forma privata efficiat canicula. Anus: Libenter pro Dei amore et animae remedio meae et quia miseret me tui, hunc supradictum iuvenem quaeram, et si quo inveniri poterit, ad te reducam. Cui gratias egit mulier. Et sic anus artificiosa dictis fidem praebuit, et quem promisit reduxit iuvenem et sic eos associavit. – Discipulus ait magistro: Nunquam audiavi tam mirabile quid, et hoc puto fieri arte diaboli. Magister: Ne dubites! Discipulus: Spero quod si quis homo tam sapiens erit ut semper timeat se posse decipi arte mulieris, forsitan se ab illius ingenio custodire valebit. Magister: Audiavi de quodam homine qui multum laboravit ut suam custodiret uxorem, sed nihil profuit. Discipulus: Magister, dic mihi, quid fecit, ut melius sciam si quam duxero illam custodire. Magister:

XIV. Exemplum de puteo

Quidam iuvenis fuit, qui totam intentionem suam et totum sensum suum et adhuc totum tempus suum ad hoc misit ut sciret omnimodam artem mulieris, et hoc facto voluit ducere uxorem. Sed primitus perrexit quaerere consilium et sapientiore illius regionis adiit hominem et qualiter custodire posset quam ducere volebat quaesivit uxorem. Sapiens vero hoc audiens dedit sibi consilium quod construeret domum altis parietibus lapideis poneretque intus mulierem daretque sibi satis ad comedendum et non superflua indumenta faceretque ita domum quod non esset in ea nisi solum hostium solaque fenestra per quam videret, et tali altitudine et tali compositione per quam nemo posset intrare vel exire. Iuvenis vero audito consilio sapientis, sicuti ei iusserat egit. Mane vero quando iuvenis de domo exibat, hostium domus firmabat, et similiter quando intrabat;

quando autem dormiebat, sub capite suo claves domus abscondebat. Hoc autem longo tempore egit. Quadam vero die dum iuvenis ad forum iret, mulier sua, ut erat solita facere, ascendit fenestram et euntes et regredientes intente aspexit. Haec una die cum ad fenestram staret, vidit quendam iuvenem formosum corpore atque facie. Quo viso statim illius amore succensa fuit. Mulier haec amore iuvenis succensa et ut supradictum est custodita coepit cogitare quo modo et qua arte posset loqui cum adamato iuvene. At ipsa plena ingenio ac dolositatis arte cogitavit quod claves domini sui furaretur dum dormiret. Et ita egit. Haec vero assueta erat dominum suum unaquaque nocte vino inebriare, ut securius ad amicum suum posset exire et suam voluntatem explere. Dominus vero illius philosophicis iam edoctus monitis sine dolo nullos esse muliebres actus coepit excogitare quid sua coniunx strueret frequenti et cotidiana potatione. Quod ut sub oculo poneret, se finxit ebrium esse. Cuius rei mulier inscia de lecto nocte consurgens perrexit ad hostium domus et aperto hostio exivit ad amicum. Vir autem suus in silentio noctis suaviter consurgens venit ad hostium et apertum clausit et firmavit et fenestram ascendit stetitque ibi donec in camisia sua mulierem suam nudam revertentem vidit. Quae domum rediens hostium clausum invenit; unde animo multum condeluit et tandem hostium pulsavit. Vir mulierem suam audiens et videns ac si nesciret interrogavit quis esset. At ipsa culpa veniam petens et nunquam amplius se hoc facturam promittens nihil profecit. Sed vir iratus ait quod eam intrare non permetteret, sed esse suum suis parentibus ostenderet. At ipsa magis ac magis clamans dixit quod nisi hostium domus recluderet, in puteum qui iuxta domum erat saliret et ita vitam finiret, sicque de morte sua amicis et propinquis rationem reddere deberet. Spretis minis dominus suae mulieris intrare non permisit. Mulier vero plena arte et calliditate sumpsit lapidem, quem proiecit in puteum hac intentione ut vir suus audito sonitu lapidis in puteum ruentis putaret sese in puteum cecidisse. Et hoc peracto mulier post puteum se abscondit. Vir simplex atque insipiens audito sonitu lapidis in puteum ruentis mox et absque mora de domo egrediens celeri cursu ad puteum venit, putans verum esse quod mulierem audisset cecidisse. Mulier vero videns hostium domus apertum et non oblita suae artis domum intravit firmatoque hostio ascendit fenestram. Ille autem videns se esse deceptum inquit: O

mulier fallax et plena arte diaboli, permittit me intrare et quicquid mihi forisfecisti me condonaturum tibi crede! At illa eum increpans introitumque domus omnimodo facto atque sacramento denegans ait: O seductor, tuum esse atque tuum facinus parentibus tuis ostendam, quia unaquaque nocte es solitus ita furtim a me exire et meretrices adire. Et ita egit. Parentes vero haec audientes atque verum esse existimantes increpaverunt eum. Et ita mulier illa liberata arte sua flagitium quod meruerat in virum retrusit. Cui nihil profuit, immo obfuit mulierem custodisse: nam iste etiam accidit cumulus miseriae quod existimatione plurimorum quod patiebatur meruisse crederetur. Unde quidem bonis compluribus pulsus, dignitatibus exutus, existimatione foedatus ob uxoris maliloquium incestitatis tulit supplicium.

Discipulus: Nemo est qui se a mulieris ingenio custodire possit, nisi quem Deus custodierit, et haec talis narratio, ne ducam uxorem, est magna dehortatio. Magister: Non debes credere omnes mulieres esse tales, quoniam magna castitas atque magna bonitas in multis reperitur mulieribus, et scias in bona muliere bonam societatem reperiri posse, bonaque mulier fidelis custos est et bona domus. Salomon in fine libri proverbiorum suorum composuit viginti duos versus de laude atque bonitate mulieris bonae. Discipulus ad haec: Bene me confortasti! Sed audisti tamen aliquam mulierem quae sui sensus ingenium niteretur mittere in bonum? Magister ait: Audivi. Discipulus: Refer mihi de illa, quia videtur mihi res nova! Magister:

XV. Exemplum de decem cofris

Dictum fuit mihi quod quidam Hispanus perrexit Mech, et dum ibat pervenit in Aegyptum. Qui deserta terrae intrare volens et transire cogitavit quod pecuniam suam in Aegypto dimitteret. Et antequam dimittere voluisset, interrogavit si aliquis fidelis homo esset in illa regione cui posset pecuniam suam committere. Et ostenderunt ei antiquum hominem nominatum probitate fidelitatis. Cui de suo mille talenta commisit. Deinde perrexit factoque itinere ad illum rediit cui pecuniam commisit, et quod commiserat ab eo quaesivit. At ille plenus nequitia illum nunquam antea se vidisse dicebat. Ille vero sic deceptus perrexit ad probos homines regionis illius, et quomodo tractavisset eum

homo ille cui pecuniam commiserat, eis retulit. Vicini vero illius de eo talia audientes credere noluerunt, sed nihil hoc esse dixerunt. Sed qui pecuniam perdiderat unaquaque die ad domum illius qui retinebat iniuste pecuniam, ibat blandisque precibus eum deprecabatur ut pecuniam redderet. Quod deceptor audiens increpavit eum dicens ne amplius tale quid de eo diceret vel ad eum veniret; quod si faceret, poenas ex merito subiret. Auditis minis illius qui eum deceperat tristis coepit redire. Et in redeundo obviavit cuidam vetulae pannis heremitalibus indutae. Haec autem baculo suo fragiles artus sustentabat et per viam lapides laudando Deum ne transeuntium pedes laederetur locabat. Quae videns hominem flentem – cognovit enim eum esse extraneum – commota pietate in angiportum vocavit et quid ei accidisset interrogavit. At ille ordine narravit. Femina vero auditis verbis illius hominis inquit: Amice, si vera sunt quae retulisti, feram tibi inde auxilium. Et ille: Quomodo potes hoc facere, ancilla Dei? At illa inquit: Adduc mihi hominem de terra tua, cuius factis et dictis fidem habere possis. At ille adduxit. Deinde decepti socio praecepit decem cofros exterius pretiosis depictos coloribus atque ferro deargentato ligatos cum bonis serraturis emere et ad domum sui hospitis afferre lapidibusque comminutis implere. At ipse ita egit. Mulier vero ut vidit omnia illa quae praeceperat esse parata ait: Nunc decem homines perquire, qui euntes ad domum illius qui te decepit mecum et cum socio tuo deferant cofros, unus post alium venientes ordine longo; et quam cito primus venerit ad domum illius hominis qui te decepit et requiescet ibi, veni et interroga pecuniam tuam! Et ego tantum confido in Deum quod reddita tibi tua pecunia erit. At ipse sicut vetula iusserat egit. Quae non oblita incepti quod praedixerat iter inceptit. Et venit cum socio decepti ad domum deceptoris et inquit: Quidam homo de Hyspania mecum hospitatus fuit et vult Mech adire; quaeritque antea pecuniam suam quae est in decem cofris servandam alicui bono homini donec revertatur commendare. Precor itaque ut mei causa in aede tua illam custodias; et quia audiui et scio te bonum hominem esse et fidelem, nolo aliquem alium praeter te solum huius pecuniae commendationi adesse. Et dum ita loqueretur, venit primus deferens cofrum, aliis a longe iam apparentibus. Interim deceptus praeceptorum vetulae non oblitus post primum cofrum sicut ei praeceptum fuerat venit. Ille vero qui pecuniam

celaverat, plenus nequitia ac mala arte, ut vidit hominem venientem cui pecuniam celaverat, timens ne, si pecuniam requireret, alius qui adducebat suam pecuniam non committeret, contra eum ita dicendo perrexit: O amice, ubi fuisti et ubi tantum diutinasti? Veni et accipe pecuniam tuam meae fidei iam diu commendatam, quoniam inveni et amodo taedet me custodire illam! At ille laetus atque gaudens recepit pecuniam gratias agens. Vetula autem ut vidit hominem pecuniam habentem, surrexit atque inquit: Ibimus ego et socius meus contra cofros nostros et festinare praecipiemus. Tu vero expecta donec redeamus et bene serva quod iam adduximus! Ille autem laetus animo quod acceperat servavit adventumque eorum – quod adhuc potest – expectavit. Et ita bono ingenio vetulae reddita fuit viro summa pecuniae.

Discipulus: Istud mirum fuit ingenium atque utile, nec puto quod aliquis philosophus subtilius cogitaret per quod levius vir pecuniam suarum recuperaret. Magister: Bene posset philosophus suo facere naturali ingenio et artificiali, secreta etiam naturae rimando, quod mulier solo fecit naturali ingenio. Discipulus: Hoc bene credo. Sed si aliquid philosophorum huiusmodi reposuisti in cordis armariolo, largire mihi discipulo, et ego fideli memoriae commendabo, ut quandoque condiscipulis lacte philosophico educatis delicatissimum largiri possum alimentum. Magister:

XVI. Exemplum de tonellis olei

Contigit quod quidam homo habuit filium, cui post mortem suam nihil praeter domum dimisit. Iste cum magno labore corpori suo vix etiam quae natura exigit suppeditabat, et tamen domum suam licet magna coactus inedia vendere nolebat. Habebat autem puer iste quendam vicinum valde divitem, qui domum pueri emere cupiebat ut suam largiorem faceret. Puer autem nec prece nec pretio vendere volebat. Quod postquam dives ille comperit, quibus ingeniis et quibus artibus puero subtraheret domum cogitavit. At iuvenis secundum posse suum familiaritatem eius devitavit. Denique contristatus dives ille causa domus et quod non posset puerum decipere, quadam die venit ad puerum et inquit ei: O puer, accommoda mihi parvam tuae partem curiae pretio, quoniam in ea sub terra decem tonellos cum oleo custodire volo; et nihil tibi nocebunt, et habebis inde aliquod sustentamentum vitae. Puer autem coactus

necessitate concessit et dedit illi claves domus. Iuvenis vero interim more solito liberis liberaliter serviens victum perquisivit. At dives homo acceptis clavibus curiam iuvenis suffodiens quinque tonellos plenos oleo ibi recondidit et quinque dimidios. Et hoc facto iuvenem advocavit clavesque domus illi tribuens ait: O iuvenis, oleum meum tibi committo atque in tua custodia trado. Iuvenis simplex putans omnes tonellos esse plenos in custodia recepit. At post longum tempus contigit quod in terra illa oleum carum fuit. Dives hoc videns puero inquit: O amice, veni et iuva me oleum meum effodere quod tuae iam dudum mandavi custodiae, et laboris praemium accipies et tutelae. Iuvenis audita prece cum pretio diviti concessit, ut secundum posse suum cum iuvaret. Dives vero non oblitus fraudis suae nequissimae adduxit homines, ut oleum emerent. Quibus adductis terram aperuerunt et quinque plenos tonellos et quinque dimidios invenerunt. Perceptis talibus advocavit puerum ita dicendo: Amice, causa tuae custodiae amisi oleum: insuper quod tibi commisi, fraudulenter abstulisti. Quapropter volo ut mea mihi restituas. His dictis eum accepit et vellet nollet ad iustitiam deduxit. Iusticia eum videns accusavit, sed iuvenis quid contra diceret nescivit. Sed tamen indutias unius diei quaesivit. Quod iusticia, quia iustum erat, concessit. In civitate autem illa morabatur quidam philosophus, qui cognominabatur Auxilium Egentium, bonus homo atque religiosus. Iuvenis autem audito bonitatis illius praeconio perrexerat ad eum quaesivitque ab eo consilium dicens: Si vera sunt quae multis referentibus de te mihi dicta sunt, more domestico fer mihi auxilium, etenim iniuste accusor. Philosophus audita prece iuvenis interrogavit si iuste vel iniuste accusarent eum. Iuvenis vero quod iniuste accusaretur, firmavit sacramento. Audita rei sinceritate philosophus pietate commotus ait: Auxiliante Deo feram tibi auxilium; sed sicut a iustitia respectum usque in crastinam diem accepisti, quin eas ad placita dimittere noli, et ero ibi paratus succurrere tuae veritati atque eorum nocere falsitati. Iuvenis autem quod philosophus ei iusserat egit. Mane autem facto venit philosophus ad iustitiam. Quem postquam vidit iustitia, ut sapientem et philosophum vocavit vocatumque iuxta se sedere fecit. Inde iustitia vocavit accusantes et accusatum et praecepit quod suorum recorderentur placitorum; et ita fecerunt. Illis vero sic coram astantibus iustitia ait philosopho quod causas eorum audiret et inde iudicium faceret. Inde

philosophus: Praeceptum nunc, iustitia, clarum oleum de quinque tonellis plenis mensurari, et scias quantum sit ibi clari olei; et similiter de quinque dimidiis, et scias quantum clari olei ibi fuerit. Deinde spissum oleum de quinque plenis tonellis sit mensuratum, et scias quantum spissi olei fuerit ibi; et similiter de dimidiis quinque facias mensurari, et scias quantum spissi olei in eis sit. Et si tantum spissi olei inveneris in dimidiis tonellis quantum et in plenis, scias oleum fuisse furatum. Et si in dimidiis tonellis inveneris talem partem spissitudinis qualem oleum clarum ibi existens exigit, quod quidem et in plenis tonellis invenire poteris, scias oleum non fuisse furatum. Iustitia haec audiens confirmavit iudicium, factumque est ita. Et hoc modo iuvenis evasit sensu philosophi. Finitis placitis iuvenis philosopho grates reddidit. Tunc philosophus ait illi: Nunquamne illud philosophi audisti: Non emas domum, antequam cognoscas vicinum? Ad haec iuvenis: Primum habuimus domum, antequam iuxta nos hospitaretur. Cui philosophus: Primum vendas domum quam maneat iuxta malum vicinum. – Discipulus: Tale iudicium apparet esse philosophi, et hoc est gratia Dei et merito vocatus est hoc nomine Auxilium Miserorum. – Tum discipulus: Etsi iam audita mente sedeant, ad audiendum plura animum incitant. Magister inquit: Libenter tibi dicam, et sic incipit:

XVII. Exemplum de aureo serpente

Dictum fuit de quodam divite in civitatem eunte quod sacculum mille talentis plenum deferret secum et insuper aureum serpentem oculos habentem iacinctinos in sacculo eodem. Quod totum simul amisit. Quidam vero pauper iter faciens illud invenit deditque uxori et quomodo invenisset retulit ei. Mulier hoc audiens ait: Quod Deus dedit, custodiamus! Alia die praeco per viam ita clamando perrexit: Qui talem censum invenit, reddat et absque aliquo forisfacto centum talenta inde habeat! Hoc audiens inventor census dixit uxori: Reddamus censum, et absque aliquo peccato centum talenta inde habebimus! Ad haec mulier: Si Deus voluisset eum censum habere, non amisisset. Quod Deus donavit, custodiamus! Inventor census quod redderetur laboravit, at ipsa omnimodo denegavit. Et tamen vellet nollet mulier, dominus reddidit et quod praeco promiserat expetiit. Dives autem plenus nequitiae ait: Adhuc alium serpentem mihi deesse sciat. Hoc prava intentione dicebat, ut pauperi homini talenta non redderet

promissa. Pauper vero se nihil amplius invenisse dicebat. At homines civitatis illius diviti faventes, pauperi derogantes et inexorabile contra fortunam pauperis odium gerentes illum ad iustitiam detraxerunt. Pauper autem clamando, ut supradictum est, se nihil amplius invenisse iuravit. Sed dum sermo huiuscemodi pauperum divitumque per ora discurreret, ministris referentibus tandem percussit aures regis. Quod simul audivit, divitem et pauperem et pecuniam sibi praesentari praecepit. Adductis omnibus rex philosophum qui vocabatur Auxilium Miserorum cum aliis sapientibus ad se vocavit eisque accusatoris vocem et accusati audire et enodare praecepit. Philosophus hoc audiens commotus pietate pauperem ad se vocavit et ait ei secrete: Dic mihi, frater, si huius hominis pecuniam habueris; quodsi non habueris, auxiliante Deo te liberare conabor. Ad haec pauper: Scit Deus quod reddidi quantum inveni! Inde philosophus ad regem: Si rectum inde iudicium vobis audire placuerit, dicam. Rex hoc audiens ut indicaret rogavit. Tunc philosophus regi: Iste homo dives bonus multum est et credibilis et veritatis magnum habet testimonium, et non est credibile eum aliquid interrogare quod non amisisset. Et ex alia parte credibile quidem mihi videtur quod iste pauper homo nihil amplius invenit quam quod reddidit, quia malus homo si esset, non quod reddidit redderet, immo totum celaret. Inde rex: Quid autem iudicas inde, philosophe? Philosophus: O rex, sume census et da ex eo pauperi centum talenta, et quod remanserit serva donec veniat qui census interroget, quia non est hic, cuius iste census sit; et iste dives homo eat ad praeconem et faciat interrogare sacculum cum duobus serpentibus. Regi autem placuit hoc iudicium atque omnibus ibi circumstantibus. Dives vero qui sacculum perdiderat, hoc audiens inquit: Bone rex, dico tibi in veritate census istum fuisse meum, sed quia volebam pauperi homini quod praeco promiserat auferre, dixi adhuc mihi alium serpentem deesse. Sed modo, rex, mei miserere et quod praeco promisit reddam pauperi. Rex inde suum tradidit census diviti, dives autem pauperi, et ita philosophus sensu atque ingenio pauperem liberavit.

Discipulus: Apparet hoc esse ingenium philosophiae, et hoc exemplo non est mirum quod de duabus mulieribus Salomon iudicavit.

*

De societate ignota. Philosophus ait: Ne aggrediaris viam cum aliquo, nisi eum prius agnoveris! Si quisquam tibi ignotus se in via associaverit iterque tuum investigaverit, dic te longius velle ire quam disposueris; et si detulerit lanceam, vade ad dexteram; si ense, vade ad sinistram.

*

De sequendis magnis viis. Arabs filium suum castigavit dicens: Sequere calles, quamvis sint semitis longiores. Et item: Accipe puellam in uxorem, quamvis sit vetula. Et item: Fer merces tuas ad magnas civitates, quamvis ibi vilius vendere putes. Ad haec filius: Verum est quod dixisti de magnis viis.

XVIII.a Exemplum de semita

Nam quadam die cum ego et socii mei perrexissemus ad urbem sole ad occasum appropinquante et adhuc longe essemus a civitate, vidi-mus semitam quae secundum visum ad civitatem ituris promittebat compendium. Invenimus senem a quo requisivimus consilium de itinere illius semitae. At senex ait: Propius semita ducit ad civitatem quam magna via, et tamen citius per magnam viam ad civitatem venietis quam per semitam. Hoc audientes illum pro stulto habuimus et mag-nam viam pretermittentes semitae declinavimus. Quam insistentes ad dexteram et ad sinistram, quanta fuit nox, deerravimus nec ad civita-tem pervenimus. Ac si per callem pergentes fuissemus, procul dubio moenia civitatis subintrassemus.

XVIII.b Exemplum de vado

Pater ad haec: Hoc alia vice nobis evenit, cum pergeremus ad civitatem per magnam viam: praeerat nobis fluvius, quem quoquo modo transi-turi eramus, antequam civitatem intraremus. Sicque nobisiter agentibus in duas partes secta est via: quarum una ad civitatem per vadum, alia per pontem ducebat. Deinde quendam senem vidimus, quem de duabus viis quae propius duceret ad civitatem interrogavimus. Et senex ait quod brevior erat via per vadum ad civitatem duobus miliaribus quam via per pontem. Sed tamen citius, inquit, ad civitatem venire potestis per pontem.

Et quidam ex nostris illum senem sicut vos vestrum antea deriserunt et per vadum iter aggressi sunt. Sed eorum alii socios submersos dimiserunt, alii equos et sarcinas perdiderunt, quidam vero pannos madefactos, alii omnino amissos deflexerunt. Sed nos et senex noster qui per pontem transivimus, sine impedimento et absque omni incommodo processimus et eos super ripam fluminis adhuc iacturam deflentes repperimus. Quibus flentibus et yma fluvii cum rastris et sagena perscrutantibus senex ait: Si nobiscum per pontem perrexissetis, hoc impedimentum non haberetis. At illi dixerunt: Hoc fecimus, quia viam tardare nolebamus. Ad haec senex: Nunc magis tardati estis! Et illis relictis laeti subintravimus portas urbis. – Tale est proverbium quod audiui: Magis valet longa via ad paradysum quam brevis ad infernum.

Arabs castigavit filium suum: Fili, si fueris in via cum aliquo socio, dilige eum sicut te ipsum et non mediteris aliquem decipere, ne et tu decipiaris, veluti duobus contigit burgensibus et rustico. Filii: Pater, refer mihi, ut aliquid utilitatis inde capiant posterī. Pater:

XIX. Exemplum de duobus burgensibus et rustico

Dictum fuit de duobus burgensibus et rustico causa orationis Mech adeuntibus quod essent socii victus, donec venirent prope Mech, et tunc defecit illis cibus ita quod non remansit eis quicquam nisi tantum farinae qua solum panem et parvum facerent. Burgenses vero hoc videntes dixerunt ad invicem: Parum panis habemus, et noster multum comedit socius. Quapropter oportet nos habere consilium, quomodo sibi partem panis auferre possimus et quod nobiscum debet, soli comedamus. Deinde acceperunt consilium huiusmodi quod facerent panem et coquerent et dum coqueretur dormirent, et quisquis eorum mirabiliora sompniando videret, solus panem comederet. Hoc artificiose dicebant, quia rusticum simplicem ad huiusmodi ficticia deputabant. Et fecerunt panem miseruntque in ignem, deinde iacuerunt ut dormirent. At rusticus percepta eorum astutia dormientibus sociis de igne extraxit panem semicoctum et comedit et iterum iacuit. Sed unus de burgensibus sicut sompno perterritus esset evigilavit sociumque vocavit. Cui alter de burgensibus ait: Quid habes? At ille inquit: Mirabile sompnum vidi: nam mihi visum erat quod duo angeli aperiebant portas caeli et me sumentes ante Deum ducebant. Cui

socius: Mirabile est hoc sompnium quod vidisti. At ego sompniavi quod ego duobus angelis ducentibus et terram findentibus ducerer in infernum. Rusticus vero hoc totum audiebat et tamen se dormire fingeat. Sed burgenses decepti et decipere volentes ut evigilaret rusticum vocaverunt. Rusticus vero callide et sicut territus esset, respondit: Qui sunt qui me vocant? At illi: Socii tui sumus. Quibus rusticus: Rediistis iam? At ipsi contra: Quo perreximus, unde redire debeamus? Ad haec rusticus: Nunc visum erat mihi quod duo angeli unum ex vobis accipiebant et aperiebant portas caeli ducebantque ante Deum; deinde alium accipiebant duo alii angeli et aperta terra ducebant in infernum. Et his visis putavi neminem vestrum iam amplius rediturum et surrexi et panem comedi. – Et pater: O fili, sic evenit eis qui socium decipere voluerunt, quia suo ingenio decepti fuerunt. Tunc filius: Ita evenit eis, sicut in proverbio dictum est: Qui totum voluit, totum perdidit. Haec autem natura est canis, cui faverunt illi: quorum unus alii cibum auferre cupit. Sed si naturam cameli sequerentur, mitiorem naturam imitarentur. Nam talis est natura cameli, quando insimul datur praebenda multis, quod nullus eorum comedet, donec omnes insimul edant; et si unus ita infirmatur quod nequeat comedere, donec removeatur alii ieiunabunt. Et isti burgenses postquam volebant animalis naturam sibi assumere, mitissimi animalis naturam sibi debuissent vendicare; et merito cibum amiserunt. Quin etiam hoc eis evenisse voluissem, quod magistro meo narrante iam dudum audivi evenisse incisori regis pro discipulo suo Nedui, videlicet quod fustibus caederentur. Pater ad haec: Dic mihi, fili, quid audisti? Quomodo contigit discipulo, quoniam talis narratio animi erit recreatio? Filius:

XX. Exemplum de regii incisoris discipulo Nedui nomine

Narravit mihi magister meus quendam regem habuisse unum incisorem qui diversos diversis aptos temporibus ei incidebat pannos. At ille discipulos sutores habebat, quorum quisquis artificiose suebat quod magister incisor regis artificiose scindebat. Inter quos discipulos unus erat nomine Nedui, qui socios arte sutoria superabat. Sed die festo veniente rex suorum ad se incisorem pannorum vocavit et pro tempore pretiosas vestes sibi et suis familiaribus parari praecepit. Quod ut citius

et sine impedimento fieret, unum de camerariis suis eunuchum, cuius illud erat officium, sutoribus custodem addidit et ut eorum curvos ungues observaret et eis ad sufficientiam necessaria ministraret, rogavit. Sed in una dierum ministri calidum panem et mel cum aliis ferculis incisor et consociis comedendum dederunt. Et qui aderant, comedere coeperunt. Quibus epulantibus ait eunuchus: Magister, quare Nedui absente comeditis nec illum expectatis? Magister inquit: Quia mel non comederet, etiamsi adesset. Et comederunt. Deinde venit Nedui et ait: Quare me absente comedistis nec partem meam mihi reservastis? Cui eunuchus: Magister tuus dixit quod mel non comederes, etiamsi adesses. At ille tacuit et quomodo illud magistro suo recompensare posset, cogitavit. Et hoc facto magistro absente secreto dixit eunuchus: Domine, magister meus quandoque frenesim patiens sensum perdit et indiscrete circumstantes verberat atque interimit. Cui eunuchus: Si scirem horam, quando ei hoc contingit, ne quid inconsulte ageret, ligarem et loris corrigerem. At Nedui ait: Cum videris illum huc et illuc aspicientem terramque manibus verberantem atque sua sede surgentem et scamnum super quod sedet manibus rapientem, tunc eum scias insanum esse, et nisi tibi et tuis provideris, capud fuste dolabit. Ad hoc eunuchus: Tu benedicaris, quia amodo mihi et meis providebo. Talibus dictis Nedui sequenti die magistri sui forfices secreto abscondit. At incisor quaerens forfices et non inveniens coepit manibus terram percutere et huc et illuc aspicere suaque sede surgere et scamnum super quod sedebat manu demovere. Hoc videns eunuchus statim suos vocavit clientes et praecepit incisorem ligari et ne aliquos verberaret, graviter verberari. Sed incisor clamabat ita dicendo: Quid forisfeci? Ut quid talibus me afficitis verberibus? At illi acius verberando tacebant. Quando autem lassus fuerunt verberando et ipse vapulando, exosum vitae solverunt. Qui respirans, sed longo temporis intervallo quaesivit ab eunuchus, quid forisfecisset. Cui eunuchus: Dixit mihi Nedui discipulus tuus quod quandoque insanires nec nisi vinculis et verberibus correptus cessares; et ideo te ligavi et verberavi. Hoc audito incisor Nedui discipulum suum vocavit et ait: Amice, quando novisti me esse insanum? Ad haec discipulus: Quando me mel non comedere scivisti? Eunuchus et alii hoc audientes riserunt et utrumque merito poenas suscepisse iudicaverunt.

Ad haec pater: Merito hoc illi accidit, quia si custodisset quod Moyses praecepit, ut diligeret fratrem suum sicut se ipsum, hoc ei non evenisset.

Castigavit sapiens filium suum: Vide ne imponas aliquod crimen socio tuo, serio vel ludo, ne ita tibi contingat, sicut duobus ioculatoribus contigit ante regem. Ad haec filius: Narra mihi, pater, obsecro. Pater: Fiat.

XXI. Exemplum de duobus ioculatoribus

Venit quidam ioculator ad regem. Quem vocatum rex cum alio ioculatore fecit sedere atque comedere. Sed qui prius aderat ioculator, coepit invadere supervenienti, quem rex iam sibi praeferabat et omnes aulici. Quod ne diu duraret, pudorem illi facere, ut sic saltem aufugeret, cogitavit. Itaque vescentibus aliis ossa latenter primus ioculator coadunavit et ante socium posuit finitoque prandio in obprobrium socii coniectam struem ossium regi ostendit et mordaciter inquit: Domine, socius meus omnium istorum ossium vestituram comedit. Rex vero eum torvis oculis respexit. Accusatus autem regi ait: Domine, feci quod natura mea, id est humana, requirebat, quia carnes comedi et ossa dimisi. Et socius meus fecit quod sua natura, videlicet canina, requirebat, quia carnes comedit et ossa.

*

De largo, avaro, prodigo. Dixit philosophus: Honora minorem te et da sibi de tuo, sicut tu vis quod maior te honoret et de suo tibi tribuat.

Alius: Turpe quidem est multum diviti homini esse avarum, medio-cri autem homini pulchrum est esse largum.

Discipulus ait: Diffinitionem largi et avari et prodigi mihi subscribe. Pater: Qui dat quibus dandum est et retinet quibus retinendum est, largus est. Et qui prohibet quibus prohibendum est et quibus non est prohibendum, avarus est. Et qui dat quibus est dandum et quibus non est dandum, prodigus est.

*

De divitiis. Ait alius philosophus: Noli associari rei deficienti, et ne post-ponas te associari rei crescenti.

Alius: Magis valet parva beatitudo quam plena domus auro et argento.

Alius: Utilia perquire magno sensu, non magna velocitate.

Alius: Ne respicias ditiores te, ne in Deum pecces, sed respice pauperiorem te, et inde grates Deo redde.

Alius: Non deneges Deum pro paupertate, et pro divitiis noli superbire.

Alius: Qui multa cupit, semper maiorum fame tabescit.

Alius: Si vis in hoc saeculo tantum habere quantum sufficere poterit naturae, non multa decebit te congregare. Et si cupido satisfacere volueris animo, licet congregatis quaecumque in toto mundi ambitu continentur divitiis, sitis tamen ardebit habendi.

Alius: Qui parce sua dispendit, diu durant ei possessa.

Alius: Radix pacis est aliena non cupere, et fructus eius est requiem habere.

Alius: Qui vult relinquere saeculum, videat ne aliquid retineat quod si illius partium, quoniam tantundem valeret, ac si paleis ignem extingueret.

Alius: Qui pecuniam congregat, multum laborat et vigiliis tabescit ne perdat; ad ultimum dolet, quando perdit quod obtinuerat.

Discipulus magistro: Laudas congregare pecuniam? Magister: Ita! Acquire, sed iuste et in bono dispende nec in thesauro reconde.

Alius: Ne desideres res alterius, et ne doleas de amissis rebus, quoniam dolore nihil erit recuperabile. Unde dicitur quod

XXII. Exemplum de rustico et avicula

Quidam habuit virgultum, in quo rivulis fluentibus herba viridis erat et pro habilitate loci conveniebant ibi volucres modulamine vocum cantus diversos exercentes. Quadam die dum in suo ille fatigatus quiesceret pomario, quaedam avicula super arborem cantando delectabiliter sedit. Quam ut vidit et eius cantum audivit, deceptam laqueo sumpsit. Ad quem avis: Cur tantum laborasti me capere, vel quod proficuum in mei captione sperasti habere? Ad haec homo: Solos cantus tuos audire cupio. Cui avis: Pro nihilo, quia retenta nec prece nec pretio cantabo. At ille: Nisi cantaveris, te comedam. Et avis: Quomodo comedes? Si comederis coctam aqua, quid valebit

avis tam parva? Et etiam caro erit hispida. Et si assata fuero, multo minor ero. Sed si me abire dimiseris, magnam utilitatem ex me consequeris. At ille contra: Quale proficuum? Avis: Ostendam tibi tres sapientiae manerias quas maioris facies quam trium vitulorum carnes. At ille securus promissi avem abire permisit. Cui avis ait: Est unum de promissis: ne credas omnibus dictis! Secundum: quod tuum est, semper habebis! Tertium: ne doleas de amissis! Hoc dicto avicula arborem conscendit et dulci canore dicere coepit: Benedictus Deus qui tuorum oculorum aciem clausit et sapientiam tibi abstulit, quoniam si intestinorum plicas meorum perquisisses, unius ponderis unciae iacinctum invenisses. Hoc ille audiens cepit flere et dolere atque palmis pectus percutere, quoniam fidem dictis praebuerat aviculae. Et avis ait illi: Cito oblitus es sensus quem tibi dixi! Nonne dixi tibi: non crede quicquid tibi dicetur? Et quomodo credis quod in me sit iacinctus qui sit unius unciae ponderis, cum ego tota non sim tanti ponderis? Et nonne dixi tibi: Quod tuum est, semper habebis? Et quomodo potes lapidem habere de me volante? Et nonne dixi tibi: Ne doleas de rebus amissis? Et quare pro iacincto qui in me est doles? Talibus dictis deriso rustico avis in nemoris avia devolavit.

*

De libris non credendis. Philosophus castigavit filium suum dicens: Quicquid inveneris, legas, sed non credas quicquid legeris. Ad haec discipulus: Credo hoc esse: non est verum quicquid est in libris. Nam simile huic iam legi in libris et proverbiiis philosophorum: Multae sunt arbores, sed non omnes faciunt fructum; multi fructus, sed non omnes comestibiles.

Castigavit Arabs filium suum dicens: Fili, ne dimittas pro futuris praesentia, ne forsan perdas utrumque, sicut evenit lupo de bobus promissis a rustico.

XXIII. Exemplum de aratore et lupo iudicioque vulpis

Dictum namque fuit de uno aratore quod boves illius recto tramite nollent incedere. Quibus dixit: Lupi vos comedant! Quod lupo audiens adquevit. Cum autem dies declinaretur et iam rusticus ab aratro boves solvisset, venit ad eum lupo ita dicens: Da mihi boves quos mihi promisisti! Ad haec

arator: Si verbum dixi, non tamen sacramento firmavi. Et lupus contra: Habere debeo, quia concessisti. Firmaverunt tandem pactum quod inde irent ad iudicem. Quod dum facerent, vulpi obviaverunt. Quibus euntibus ait callida vulpis: Quo tenditis? Illi quod factum fuerat narraverunt vulpi. Quibus dixit: Pro nihilo alium iudicem quaeritis, quoniam rectum inde vobis faciam iudicium. Sed prius permittite me loqui consilio uni ex vobis et deinde alii; et si potero vos concordare sine iudicio, sententia celabitur; sin autem, in commune dicetur. At ipsi concesserunt. Et vulpis primum locuta seorsum cum aratore ait: Da mihi unam gallinam et uxori meae alteram, et habebis boves! Arator concessit. Et hoc facto cum lupo locuta est dicens: Audi, amice, et meritis tuis praecedentibus pro te debet mea si qua est facundia laborare. Tantum locuta sum cum rustico quod, si boves illius dimiseris omnino quietos, dabit tibi caseum ad magnitudinem clipei factum. Hoc lupus concessit. Cui vulpis inde inquit: Concede aratorem boves suos abducere, et ego ducam te ad locum ubi parantur illius casei ut quem volueris de multis, eligere possis. Sed lupus astutae vulpis deceptus verbis quietum abire permisit rusticum. Vulpis vero vagando huc et illuc, quantum potuit, lupum deviauit. Quem veniente obscura nocte ad altum deduxit puteum. Cui super puteum stanti formam lunae semiplenae in yma putei radiantis ostendit et ait: Hic est caseus quem tibi promisi! Descende si placet et comede! Ad haec lupus: Descende tu primitus, et si sola deferre non poteris, ut te iuvem faciam quae hortaris. Et hoc dicto viderunt cordam pendentem in puteum, in cuius capite erat urceola ligata et in alio capite cordae altera urceola, et pendebant tali ingenio quod una surgente altera desdendebat. Quod vulpis simulac vidit, quasi obsequens precibus lupi urceolam intravit et ad fundum venit. Lupus autem inde gavisus ait: Cur non affers mihi caseum? Vulpis ait: Nequeo prae magnitudine, sed intra aliam urceolam et veni sicut spopondisti! Lupo intrante urceola magnitudine ponderis ducta cito fundum petiit, altera surgente cum vulpe quae erat levis. Quae vulpecula tacto ore putei foras exilivit et in puteo lupum dimisit. Et ita quia pro futuro quod praesens erat dimisit, lupus boves et caseum perdidit.

*

De consilio accipiendo et probando. Castigavit Arabs filium suum dicens: Accipe consilium ab eodem, de quo requiris experto, quod sic levius habere poteris quam si tu ipse periculose probaveris.

Alius castigavit filium suum dicens: Ne credas omni quod audies consilio, donec prius an sit utile probatum fuerit in aliquo, ne contingat tibi sicut latroni contigit, qui consilio domini domus cuiusdam credidit. Ad haec filius: Quomodo, pater, evenit ei? Pater:

XXIV. Exemplum de latrone et radio lunae

Dictum fuit quod quidam latro ad domum cuiusdam divitis perrexit intentione furandi. Et ascendens tectum ad fenestram per quam fumus exibat pervenit, et si aliquis intus vigilaret auscultavit. Quod dominus domus comperit et suaviter suae uxori ait: Interroga alta voce, unde venit mihi iste tam magnus quem habeo census! Quod ut rescias, multum labora! Tunc ipsa alta voce ait: Domine, unde tam magnum habuisti censum, cum nunquam mercator fueris? At ille: Quod Deus donavit, serva et fac inde voluntatem tuam et non inquiras, unde mihi tanta pecunia venerit! At ipsa, sicut ei iniunctum fuerat, magis ac magis ut resciret instabat. Demum quasi coactus precibus suae uxoris inquit dicens: Vide ne cuiquam secreta nostra detegas: Latro fui. At ipsa: Mirum mihi videtur quomodo tam magnum censum latrocinio potuisti acquirere, quod nunquam audivimus clamorem sive aliquam calumpniam inde. At ipse ait: Quidam magister meus carmen me docuit quod dicebam quando super tectum ascendebam; et veniens ad fenestram accipiebam radium lunae manu et carmen meum septies dicebam, scilicet "saulem", et ita descendebam sine periculo et quicquid pretiosum inveniebam in domo corradens sumebam; et hoc facto iterum ad radium veniebam lunae et eodem carmine septies dicto cum omnibus in domo sumptis ascendebam et quod sustuleram ad hospitium deferebam. Tali ingenio hunc quem possideo censum habeo. At mulier ait: Bene fecisti quod mihi talia dixisti; nam quando filium habuero, ne pauper degat, hoc carmen docebo. At dominus inquit: Permite me amodo dormire quoniam sompno aggravatus volo quiescere. Et ut magis deciperet, quasi dormiens stertere coepit. Perceptis denique talibus verbis fur nimis inde gavisus est, et dicto septies carmine et assumpto manu radio lunae laxatis manibus et

pedibus per fenestram in domum magnum faciens sonum cecidit et fracto crure ac brachio congemuit. At dominus domus quasi nesciens inquit: Tu quis es qui ita cecidisti? Cui latro: Ego sum ille fur infelix qui tuis credidi fallacibus dictis. – Ad haec filius: Tu benedicaris, quoniam dolosa edocuisti me vitare consilia.

*

De consilio. Philosophus ait: Cave consilium azimum, donec sit fermentatum.

Alius: Ne credas consilium monentis quod deneges alterius benefactum, quoniam qui denegat benefactum coram oculis omnia cernentis se accusat.

Alius: Si fueris in aliquo bono, ne pecces serva, quoniam saepissime maximum comminuitur bonum vel amittitur.

*

De benefacto. Interrogavit discipulus magistrum suum: Prohibuit philosophus benefactum denegare; sed non divisit benefactum creatoris vel creaturae? Ad haec magister: Dico tibi quod ille qui denegat benefactum, denegat Deum; et ille qui non obedit regi vel rectori, est inobediens Deo. Discipulus: Ostende mihi rationem quomodo hoc possit esse. Magister: Nullum benefactum procedit ex creatura ad creaturam nisi ex deo procedat; et illi qui denegant benefactum, suos denegant benefactores et ita denegant Deum.

Item: Rex qui rector verax est, virga Dei in terra est; et ille qui obedit virgae, obedit rectori; et ille qui non obedit virgae, non obedit Deo.

*

De rege bono et malo. Alius philosophus ait: Custodi te a rege qui ferus est ut leo, et cui levis est animus ut puero.

Alius: Qui malum dicit de rege, ante tempus suum morietur.

Alius: Diutius patitur Deus regnum regis in sua persona peccantis, si bonus sit gentibus et mitis, quam faceret in sua persona iusto regi, si malus esset gentibus et crudelis. – Aristotiles in epistola sua castigavit regem Alexandrum ita dicens: Melius est cum paucis pace tuos regere quam magnam militiam tenere. – Item: Tene rectam iustitiam inter homines, et diligent te; nec properes ulli reddere mutuum boni vel mali, quia diutius expectabit te amicus et diutius timebit te inimicus.

XXV. Exemplum de Mariano

Plato retulit in libro de prophetiis quod quidam rex erat in Graecia senex, gentibus crudelis. Huic crevit maximum multis e partibus bellum. Cuius ut sciret eventum, totius suae regionis et vicinae mandavit philosophos. Quibus congregatis ait: Videte quam magnum mihi et vobis ingruat bellum, quod propter meum credo evenire vobis peccatum. Sed si aliquid est in me quod sit reprehendendum, dicite et vestro iudicio corrigere festinabo. Philosophi: De criminalibus in corpore vestro nullum scimus nec quid nobis et vobis venturum sit cognoscimus. Sed hic prope viam trium dierum moratur quidam sapiens homo nomine Marianus, qui per spiritum sanctum loquitur. Ad eum ergo de philosophis vestris aliquos legate, per quos vobis quid in tota vita vestra sit venturum declarabit. His ita peractis septem philosophos ad eum misit. Qui postquam quam prius inhabitaverat intravere urbem, desertam illius invenere maximam partem. Sed illis quaerentibus hospitium Mariani dictum fuit quod ipse et multi de concivibus petiissent heremum. His auditis perrexerunt ad eum philosophi. Quos ut vidit sapiens ait: Venite venite, legati regis inobedientis! Deus enim ei in custodia diversas nationes subdidit, quarum non rectus gubernator, sed immitis exstitit. Deus tamen qui illum et illius subditos de eadem et non de diversa materia creavit, eius immoderatam diu passus nequitiam multimodis correptionibus ut converteretur admonuit. Sed tandem omnino ad malum eius pertinaci animo in illius necem immisericordes et barbaras suscitavit gentes. Et hoc dicto tacuit sapiens homo. Quod audientes philosophi mirabantur et universi qui aderant. Die autem tertia philosophis quaerentibus licitum repatriandi reverendus ille prophetico spiritu dixit: Revertimini, quoniam mortuus est dominus vester, et Deus iam novum regem ibi imposuit qui sit rectus gubernator et mitis gentibus

subditis. Auditis talibus de septem qui venerant philosophis tribus cum praedicto sapiente in heremo remanentibus quatuor repatriaverunt. Qui omnia, sicut eis praedictum fuerat, vera et constituta invenerunt.

Arabs dixit filio suo: Ne moreris in civitate regis, cuius dispensa maior fuerit quam redditus.

XXVI. Exemplum de duobus fratribus et regis dispensa

Dictum namque fuit quod quidam rex suorum communi assensu procerum cuidam suo familiari, quem antea cognoverat in saecularibus esse prudentem, totius regni habenas commisit, qui totius provinciae redditus susciperet, placita tractaret, domum domusque ministros et dispensas ordinaret. Eius frater alterius regni dives mercator remotam incolebat civitatem. Qui percepto rumore de fratris sublimatione parato comitatu prout decuit ut fratrem viseret, iter incepit. Praemisso tandem nuntio, ne subitus aut improvisus veniret, qui de adventu suo fratri referret, civitati in qua frater aderat appropinquavit. Audito fratris adventu frater occurrit ei et hilari vultu accurate eum suscepit. Transactis vero aliquot diebus, proviso tempore et loco, regi inter cetera quae sciebat placere, etiam suum fratrem advenisse retulit. Cui rex: Si frater tuus tecum in meo regno remanere adqueverit, omnia tecum illi – etiam mearum custodiam rerum – communia esse concedo. Quodsi laborem renuerit, in hac civitate largas possessiones ei dabo et omnes consuetudines et quae mihi facere deberet condonabo. Si vero demum tactus amore natalis soli repatriare voluerit, plurima vestimentorum mutatoria et quaecumque ei necessaria fuerint, largire cum habundantia. Auditis sermonibus regis frater fratrem convenit et quanta dominus promiserat, ordine retaxavit. Cui frater: Si vis ut tecum morer, ostende mihi quanti sint redditus regis. Ipse autem omnes ostendit. Deinde interrogavit quantas dispensas rex faceret. Quod et ipse indicavit. Tunc ipse computavit cum fratre quod tantus erat redditus quanta et dispensa. Et dixit fratri: Amice, video quod tanta est regis dispensa quantus et redditus. Sed si surrexerit bellum regi vestro vel aliquid tale, unde procurabit milites suos vel unde inveniet eis nummos? Frater: Aliquo consilio acquiremus. Cui frater: Timeo ne census meus sit pars huius consilii, et ideo vale, quia nolo hic amplius morari.

Dixit philosophus: Rex est similis igni: cui si nimis admotus fueris, cremaberis; si ex toto remotus, frigebis.

*

De familiaritate regis. Arabicus interrogavit patrem: Si credidero verbis philosophi, nunquam familiaris ero regi. Cui pater: Fili, regi placere magna prudentia est. Filius: Pater, erudi me, quomodo, si oportuerit me regi servire, ut prudens et bene doctus valeam placere. Pater: Ad huiusmodi instructionem multa essent necessaria, quae modo ad memoriam non revocamus, et fortasse si perscriberentur, tibi pusillo in taedium verterentur. Sed de multis pauca et quae si observaveris erunt utilia referemus. Ad quem filius: Etsi arrectis auribus multa cupio, promissa tamen audiendi avidus vehementer efflagito. Pater: Qui vult regi esse familiaris, debet videre omni visu mentis quod, cum venerit ad regem, stare diu possit; nec unquam sedeat, donec rex praecipiat; nec loquatur nisi cum opus fuerit; nec moretur cum rege nisi ipse praeceperit morari; et fideliter consilium taceat; et semper sit intentus audire quod dicit rex, ne oporteat regem bis praeceptum repetere; quodcumque praecipiat rex, faciat; sed caveat ne regi mentiatur, et videat quod regem diligat et sit ei obediens; nec unquam associet se homini quem rex odio habebit. Et cum haec omnia et multa alia fecerit, forsitan de rege non magnum habebit proficuum. – Filius: Nihil peius contingit homini quam diu regi servire et nihil boni acquirere. Pater: Hoc multis iam evenit; et ideo praecipit philosophus ne quisquam nimis moretur in servitio regis. – Alius philosophus dixit: Qui servit regi ut ita dicam sine fortunio, hoc saeculum perdit et aliud.

*

De modo comedendi. Filius: O pater, quare oblitus es dicere quomodo debet homo comedere coram rege? Pater: Non oblitus fui dicere, quia nulla differentia est inter comedere coram rege et alibi. Filius: Dic ergo quomodo ubique debeam comedere. Pater: Cum ablueris manus ut comedas, nihil tangas nisi prandium, donec comedas; nec comedas panem priusquam veniat aliud ferculum super mensam, ne dicaris impatiens;

nec tantum ponas bolum in ore tuo, ut micas defluant hinc et inde, ne dicaris gluto; nec glutias bolum priusquam bene fuerit commasticatum in ore tuo, ne straguleris; nec pocula sumas donec os sit vacuum, ne dicaris vinosus; nec loquaris dum aliquid in ore tuo teneris, ne aliquid intret de gutture in intimam arteriam et sic sit tibi causa mortis; et si videris bolum quod tibi placeat in parapside coram sodali, ne sumas, ne dicatur tibi prava rusticitas. Post prandium manus ablue, quia phisicum est et curiale; ob hoc enim multorum oculi deteriorantur, quoniam post prandia manibus non ablutis terguntur.

Filius: Si quis invitaverit me ad prandium, quomodo respondebo: concedam statim annon? Pater: Fac sicut auctoritas Iudaeorum praecipit! Dicit enim: Si quis invitaverit te, videas personam invitantis. Si enim magna persona fuerit, statim concede; sin autem, secundum quod erit vel secunda vel tertia vice. Hoc etiam refertur de Habraam:

Quadam enim die dum coram sua staret ianua, transeuntes sub humana specie vidit tres angelos. Quos ipse suam domum intrare honesto vultu rogavit, pedes lavare, ciborum refectionem sumere, lassos artus sompno recreare. Ipsi vero, quoniam magna persona erat, concesserunt eius petitioni. Cum autem ad Loth venissent et iterum atque iterum rogarentur quod tectum eius subintrarent, quia autentica non erat persona, velut coacti annuerunt.

Iuvenis senem interrogavit: Cum invitatus fuero ad prandium, quid faciam: parum vel nimis comedam? Cui senex: Nimis! Quoniam si amicus tuus fuerit qui te invitavit, multum gaudebit; si autem inimicus, dolebit. Hoc audito risit puer. Ad quem senex: Quid rides? Puer: Recordatus sum verbi quod audiavi de Maimundo nigro.

Quidam enim senex quaesivit ab eo, quantum posset comedere. Cui ipse: De cuius prandio, de meo vel de alterius? At ille: De tuo. Maimundus: Quanto minus possum. Senex: De alterius quantum? Maimundus: Quanto magis possum.

Senex: Tu modo recordaris verborum cuiusdam gulosi, pigri, stulti, garruli et nugigeruli et quicquid tale de illo dicitur vel eo amplius in eo invenitur. Iuvenis: Multum placet mihi de eo audire, quia quicquid de eo est, derisorium est; et si quid de eius dictis vel factis mente retines, eloquere, et habebo pro munere. Senex:

XXVII. Exemplum de Maimundo servo

Dominus suus praecepit ei quadam nocte ut clauderet ianuam. Ipse vero desidia pressus surgere non potuit et ideo dixit quia clausa erat ianua. Mane autem facto dixit dominus servo: Maimunde, aperi ianuam! Cui servus: Domine, sciebam quod volebas eam hodie esse apertam, et ideo nolui eam sero claudere. Tunc primum comperit dominus quod propter pigritiam dimiserat et ait: Surge, fac opus tuum, quia dies est et sol iam altus est! Cui servus: Domine, si sol iam altus est, da mihi comedere. Cui dominus: Pessime serve, vis nocte comedere? Cui servus: Si nox est, permitte me dormire! – Alia vice dixit dominus servo noctu: Maimunde, surge et vide utrum pluat necne! Ipse vero advocavit canem, qui iacebat extra ianuam, et cum venisset canis, palpavit pedes eius. Quibus inventis siccis domino inquit: Domine, non pluit. – Alia vice dominus interrogavit servum noctu an ignis esset in domo. Ipse vero vocato murilego temptavit an calidus esset an non. Et cum invenisset eum frigidum, ait: Domine, non. – Iuvenis: Pigritiam eius audiui; modo garrulitatem eius audire cupio. Senex: Dictum fuit quod dominus suus veniebat de foro laetus pro lucro, quia multum lucratus fuerat. Et exivit servus Maimundus contra dominum suum. Quem cum videret dominus, timuit ne aliquos rumores ut mos suus erat diceret, et dixit: Cave ne dicas mihi rumores malos! Maimundus: Non dicam rumores malos, sed canis nostra parvula Bispella mortua est. Cui dominus: Quomodo mortua est? Servus: Mulus noster exterritus fuit et rupit chamum suum et dum fugeret, sub pedibus suis canem suffocavit. Dominus: Quid actum fuit de mulo? Servus: In puteum cecidit et mortuus est. Dominus: Quomodo exterritus fuit mulus? Servus: Filius tuus de solario cecidit ita quod mortuus est, et exinde exterritus fuit mulus. Dominus: Quid agit genitrix eius? Servus: Prae nimio dolore nati mortua est. Dominus: Quis custodit domum? Servus: Nullus, quoniam in cinerem vertitur et quicquid in ea erat. Dominus: Quomodo combusta fuit? Servus: Eadem nocte qua domina mortua fuit, pedissequa quae vigilabat pro domina, oblita fuit candelam in thalamo, et ita combusta est domus tota. Dominus: Pedissequa ubi est? Servus: Ipsa volebat ignem extinguere, et cecidit trabs super caput eius et mortua est. Dominus: Tu quomodo evasisti, cum tam piger sis? Servus: Cum viderem pedissequam defunctam, effugi. – Tunc dominus contristatus valde ad vicinos suos

venit orans eos ut reciperetur in alicuius domo et hospitaretur. Interea obviavit cuidam amico suo. Qui cum videret eum tristem, interrogavit quare ita tristaretur. Ipse vero retulit sibi omnia, quae dixerat sibi servus. Amicus autem desolato retulit versus amico, ut consolaretur eum, dicens: Amice, noli desolari, quia multotiens contingit homini tam graves adversitatum inundationes sustinere quod desideret eas etiam inhonesta morte finire; et statim eveniunt ei tanta commoda quod prorsus dulce sit ei praeteritarum reminisci adversitatum. Sed humanarum rerum tam immensa fluctuatio variante meritorum ordine summi rectoris distinguitur arbitrio. Haec etiam prophetae Iob corroborantur exemplo: cuius animum non pessumdedit amissio rerum.

*

De saecularium instabilitate. Numquid etiam audisti quod dicit philosophus: Quis potest in saeculo isto, cum mutabile sit, aliquid stabile habere, vel quis potest in hac vita aliquid durabile, cum sint omnia transitoria, habere?

Dixit Arabs filio suo: Fili, cum forte contigerit tibi aliquid adversi, noli nimis desolari nec nimis inde tristari, quoniam hoc est genus Deum negandi; sed Deum semper debes laudare tam de adversitate quam de prosperitate. Multa enim mala contingunt hominibus quae eveniunt eis ut maiora mala effugiant; et multa mala contingunt, quae in bono finiuntur. Et ideo laudare debes Deum in omnibus et in eo confidere, sicut dixit versificator: Cum fueris in tristitia, nihil inde sollicitus eris, sed omnia in dispositione Dei permitte et renuntia semper bonum futurum, et ita eris oblitus malorum, quia multa mala eveniunt, quae in bono finiuntur.

Philosophus ait: Huius saeculi bona sunt commixta; non enim comedes mel sine veneno.

Alius: Quaecunque in saeculo sunt, commutabilia sunt; et quae ex eis tibi bona sunt ventura, licet sis debilis, tamen habebis, et malum viribus devitare non poteris.

Alius: Quod pigro assequi desiderata donant, idem consequi cupita veloci negant.

Alius:

Se venustantem [semper] saeculum dedecorat,
Et peroptantem se terra deglutit et vorat.

Alius:

Quasi in ictu oculi finitur gloria mundi,
Et cum sit fragilis, non exoptanda videtur.

XXVIII. Exemplum de Socrate (= Diogene) et rege

Proverbialiter enim Socratem dicunt saeculares tumultus devitantes et agrestem vitam cupientes nemus incoluisse et tugurii loco dimidium inhabitasse dolium, cuius fundum vento opponebat et ymbri et quod erat apertum iocundo soli. Quem venatores regis inventum dum intuerentur et illuderent quoniam pediculos suffocantem, coeperunt avertere radiorum solis amenitatem. Quibus ille placido vultu ait: Quod mihi non datis, auferre mihi non praesumatis. Talibus irati eum de lare quo debebat expellere voluerunt et in devia abducere, ne praetereuntis oculos domini tam vilis persona offenderet. Quod non valentes minati sunt ei dicentes: Vade ne quid mali ex protervitatibus studio tibi contingat, quia rex noster et dominus cum familiaribus suis et primatibus est hac parte transiturus. Illos autem in se latrantes philosophus intuens: Non est, inquit, vester dominus meus dominus, sed potius mei est servi servus. Quod audientes et novercali vultu eum respicientes quidam eum detruncare proposuerunt, minus vero improbi donec sententiam regis audirent, parcere ei decreverunt. Dum vero in hunc modum decertarent, rex adveniens et quae causa litigii foret perquirens, quae gesta fuerant vel dicta famulis referentibus cognovit. Volens itaque rex quae sibi relata erant turpia verane an ficta fuissent cognoscere, ad philosophum properavit inquirens quid de se philosophus dixerit. Qui sicut prius famulis, ita nunc sibi eum sui servi servum esse asseruit. Quorum sententiam verborum rex benigno affatu diligenter enodari sibi postulavit. Ad quem philosophus servata vultus dignitate leniter inquit: Voluntas quidem subiecta est et servit mihi, non ego sibi. Tu e converso subiectus es voluntati et sibi servis, non ipsa tibi. Itaque servus es eius qui mihi servit. Tunc rex defixo paululum visu sic coepit loqui: Ut patet in verbis tuis, nihil meae potentiam gloriae vereris. Cui philosophus in angustam suae mentis sedem receptus ait:

Scis ipse nimium tibi ambitionem rerum mortalium dominatam fuisse et materiam gerendis rebus te optavisse, quo ne virtus tua ut ipse fateris consenesceret tacita; sed ob cupidinem gloriae sicut rei sinceritas est fecisti adipiscendae. Quae gloria quam sit exilis et totius vacua ponderis, sic considera: Tuae praeteritae gloriae potentia, utpote quae iam nulla est, metuenda non est; sed neque futura, cuius eventus dubitabilis et incertus est; de praesenti constat quod ita parva est quod momentanea quasi in ictu oculi sit annullanda: ob hoc ergo in nulla parte sui est formidanda. – Perceptis itaque philosophi verbis rex ait complicibus suis: Servus Dei est! Videte ne quid molestum ei faciatis aut inhonestum.

*

De vitae termino. Item discipulus magistro: Cum saecularia ita sint exilia, cur praeparamus tanta quasi durabilia? Magister: Quoniam vitae terminus est incertus. Et philosophus ait: Operare pro futuro saeculo quasi nunc sis moriturus, et pro praesenti sicut semper victurus. Melius enim est quod post mortem tuam a te quaesita habeant inimici quam in vita tua egeas quod tibi subveniant amici.

Alius: Saeculum est quasi transitus: ob hoc itaque cum honestate tibi omnia provide, quia brevis est cursus vitae.

Alius: Saeculum est quasi pons: transi ergo, ne hospiteris.

Et alius: Saeculum est quasi pons instabilis: cuius introitus est matris uterus, et eiusdem mors erit exitus.

Dicit versificator:

Mors est porta patens terrenis pervia cunctis;
Sed quaero post hanc quae sit habenda domus.

Est enim domus deliciarum deo famulantium; est et diversa poenas promerentium.

Arabs interrogavit patrem: Quomodo domum deliciarum et gloriam eius lucrari potero? Pater: Quicquid melius et pretiosius habes, repone in ea custodiendum, et invenies cum illuc veneris tibi paratum. Filius: Quomodo possum in eam domum pecuniam praemittere, cuius hostium

nondum novi adire? Pater: Audi quod fecit filius consilarii regis post obitum patris. Filius: Pater, fare, nec subterfugiam monitis obedire. Pater:

XXIX. Exemplum de prudenti consilarii regis filio

Rex quidam sapientem habuit consiliarium et familiarem, qui tandem legibus naturae favens parvum reliquit heredem bene disciplinatum et curialem. Cui totam quae magna erat possessionem et divitiarum acervos subscripsit et morti cessit. Quo facto rex puerum ad se vocavit et de patris occasu ne plus iusto doleret admonuit, et quaecumque pater illi regenda dederat testamento, firmavit et insuper quod aetate eius exigente in patris locum susciperet eum promisit. Inde valedicto iuvenis laetus ad propria remeavit. Quem rex oblivioni tradidit, nec ipse ad regem remeare festinavit. Longo temporis intervallo in eadem regione qua puer inerat, coeperunt adeo egere quod ciborum inedia periclitarentur fame. Quod videns puer

bonae indolis animo condoluit, condolens horrea deplevit et pauperibus distribuit et de penu vinum extraxit et carnes quas habebat egentibus erogavit. Et crescente penuria decrescens pecunia indigentibus non suffecit. Postea vero dato pro annona thesauro vitam fame vel siti laborantium quousque potuit sustinere non distulit, nec suffecit. Hoc idem de vestibus et de lapidibus pretiosis egit. Et sic transiit circulus anni, in quo non paucos iam mortis nexibus irretitos liberavit. Erat autem in eadem regione quidam regis praescripti notarius, qui livoris macula tactus puero invidebat et graves inimicitias contra eum latenter exercebat. Qui regem erga puerum in iram exasperabat hiis verbis: Domine, lenitas vestrae maiestatis in vestri filium consilarii, cui pater infinitam reliquit pecuniam, ne dicam stulte, nimium mollis extitit: modo namque nec vos nec ipse pecuniam habetis, quam ipse insulsus superflue dilapidavit. Rex vero talibus in iram commotus pro puero legavit. Cui talia dixit: Insapienter fili sapientis, iners artificiosi, prodige largi, ut quid divitias sapienter congregatas et tibi ad servandum commendatas dedisti perniciiei? Ad haec puer visu in terram defixo – principis etenim vultuositatem utpote torvis inflammata luminibus verebatur: Domine, si pace vestra licet dicere, non ut quibusdam videtur stultus patre sapienti vobis sum relictus. Pater etenim meus congregavit thesaurum, congregatum unde fures rapere possent collocavit et mihi cui possetis auferre vel ignis posset comburere

vel aliquis casus eripere reliquit. Ego vero eundem ibi collocavi ubi fideliter sibi servabatur et mihi. Rex autem quid inde fecisset rogavit. Puer vero quid et qualiter egerat retaxavit. Comperta denique iuvenis astutia remuneratum prius rex eum coram circumstantibus laudavit, laudato patris servitium recompensavit. Qui exinde lucrando novas et maiores prioribus divitias adquisivit. – Hoc modo quod pretiosius habuit filius consilarii regis in domo delictiarum thesaurisavit.

Auditis sermonibus patris filius inquit: Iuvenis iste sapienter egit et magnae specimen bonitatis in se futurum indicavit. Et fecit sicut philosophus filio suo praecepit dicens: Fili, vende hoc saeculum pro futuro et utrumque lucraberis. Quod ita contigit.

Alius corrigens filium suum dixit: Fili, pro futuro saeculo operare, antequam mors segreget te ab opere corporali.

Alius: Vide ne decipiant te saeculares deliciae et irretitus fallaciis saecularibus mortis venturae obliviscaris, ne tibi contingat sicut latroni domum divitis ineunti. Cui filius: Ede, pater quid accidit? Pater:

XXX. Exemplum de latrone qui nimia eligere studuit

Domum divitis fur intravit et diversis eam gazis plenam invenit. Hinc stupefactus de diversis diversa et de pretiosis pretiosiora eligere studendo curavit; et quaeque vilia relinquens in eligendo tempus consumpsit, donec dies adveniens quid facere vellet detexit. Expergefecti de improvviso vigiles domus in eligendo furem reperiunt, capiunt, inde loris et fustibus caesum in yma carceris detrudunt. Ad ultimum data sicut de iam confesso sententia amaras audiens historias capitalem subiit sententiam. Qui si tam prope diem venturum praecogitasset, ne loris et fustibus caederetur, vel quod gravius extitit, ne capite privaretur praecavisset.

Alius philosophus: Huius saeculi divitiae sunt transitoriae sicut hominis sompnia dormientis: qui evigilans quaecumque habuerat in aperiendo oculos irrecuperabiliter perdidit, sicut vulgo dicitur:

XXXI. Exemplum de opilione et mangone

Opilio quidam in sompnis mille oves habuit. Quas mango quidam cupiens emere, ut carius venderet, sicut sompnianti visum fuerat pro unaquaque ove duos solidos dare volebat. Sed qui vendebat, cum duobus solidis

denarium pro unaquaque poscebat. Illis contententibus de pretio hoc modo sompnus evanuit. Sed venditor dum esse sompnium comperit, nondum apertis oculis clamare coepit: Pro unaquaque mihi viginti denarios tribue, et quotquot sunt, tecum abduces!

*

De morte. Hunc vero in modum transeuntia mundi gaudia sectantes et diversis ut retineant inhiantes de improvviso veniens dies, id est finis vitae, intercipit et quaeque cupita velint nolint adimit.

Item filius: Mortis nexus aliquo modo fugere poterimus? Pater: Minime, quia illius incurabilis est morsus, nec medicis artibus eius avaras fugiemus manus. Filius: Quomodo ergo ne nimis laedat sustinebimus? Pater: Fac sicut dicit versificator quidam:

Quod vitare nequis constanti sustine mente!
Sic quae dura fuit mors tibi mitis erit.

XXXII. Exemplum de philosopho per cimiterium transeunte

Dictum est de quodam philosopho quod per antiquum transiens cimiterium laminam vidit marmoream cuiusdam mortui cineribus superpositam; sed in ea versus inscripti verba sepulti praetereuntibus loquentis exprimebant hoc modo:

Verba mortui cuiusdam.

Tu prope qui transis nec dicis: aveto! resiste,
Auribus et cordis haec mea dicta tene:
Sum quod eris; quod es, ipse fui, derisor amarae
Mortis, dum licuit pace iuvante frui.
Sed veniente nece postquam sum raptus amicis
Atque meis famulis, orba parente domus
Me contexit humo deploravitque iacentem
Inque meos cineres ultima dona dedit.
Inde mei vultus corrosit terra nitorem,
Quaeque fuit formae gloria magna iacet.
Meque fuisse virum nequeas agnoscere, si iam
Ad visum fuero forte reiectus humo.

Ergo Deum pro me cum pura mente precare,
Ut mihi perpetua pace frui tribuat.
Et quicumque rogant pro me, comportet in unum,
Ut mecum maneant in regione poli.

Relectis iterum et iterum versibus istis, saecularibus postpositis,
factus est heremita philosophus.

XXXIII. Exemplum de aurea Alexandri sepultura

Item dictum est de Alexandro quod sepultura eius foret aurea et in pervio omnibus atrio posita. Ad quam plurimi convenerunt philosophi, de quibus unus ait:

Alexander ex auro fecit thesaurum: nunc e converso aurum de eo facit thesaurum.

Alius: Heri totus non sufficebat ei mundus: hodie quatuor solae sufficiunt ei ulnae.

Alius: Heri populo imperavit: hodie populus imperat illi.

Alius: Heri multos potuit a morte liberare: hodie nec eius iacula valuit devitare.

Alius: Heri ducebat exercitus: hodie ab illis ducitur sepulturae.

Alius: Heri terram premebat: hodie eadem premitur ipse.

Alius: Heri gentes eum timebant: hodie vilem eum deputant.

Alius: Heri amicos habuit et inimicos: hodie habet omnes aequales.

Sed de triginta duobus philosophis circumstantibus quid quisque de potentissimo rege dixerit, memoriae longum est reducere.

XXXIV. Exemplum de heremita suam corrigente animam

Item heremita philosophus hoc modo versibus suam correxit animam: Anima mea, scias et cognoscas, dum potentia est in manu tua, quid opereris, antequam de tuo movearis loco ad domum, in qua manet iustitia et ad portam loci iudicii, ubi leges in rotulo quicquid tua manus egerit in hoc saeculo. Et angeli de caelo a dexteris et a sinistris discooperient et renuntiabunt consilium tuum et quicquid a te fuerit excogitatum. Et ante Deum veniet tuum iudicium et una lance quicquid boni et alia quicquid mali egeris, sed uno et eodem declarabitur examine. Et omnes tui fratres et amici non invenient tuam redemptionem, et ob hoc te deserent et

omnino dimittent. Hodie itaque redemptionem accipe, id est: bonum fac assidue! Et antequam veniat dies summonitionis, ad Deum revertere et non dicas: cras revertar et non morabor, quia sic crastinam te impediēt concupiscentia vel forsā retinebit dies extrema. Itaque dierum saeculi reminiscere et generationum annorum antiquorum, qui omnes transierunt, et inde accipe sensum. Ubi sunt reges, ubi principes, ubi divites qui thesauros congregaverunt et inde superbi fuerunt? Modo sunt sicut qui non fuerunt, modo sunt finiti sicut qui non vixerunt, modo sunt sicut flos qui de arbore cecidit, quo ulterius non redit. Non timeas, anima mea, non timeas nimis! De saeculi adversitatibus non oriatur timor tuus! Time tui diem iudicii, paveas tuorum multitudinem peccatorum! Memento tui creatoris, qui tuus iudex est et testis.

*

De aliis heremitarum dictis. Heremita quidam quaesivit a quodam magistro: Quid faciam in hoc saeculo, quod me praecedat in alio? Respondit magister: Fac quod est bonum in genere tuo.

Alius heremita per vicos clamabat: Ne tradatis oblivioni durabilia pro finem habituris.

Alius vociferabatur: Diligite animas vestras quantum et corpora, et proficietis.

Alius: Nolite oblivisci eius qui non obliviscetur vestri, et servite gubernatori.

*

De timore Dei. Alius: Timete Deum, quia timor Domini clavis est ad omne bonum et ad percipiendam gloriam conductum. De quo Salomon in Ecclesiaste ait: Finem loquendi omnes pariter audiamus: Deum time et mandata eius observa; hoc est enim omnis homo. Et cuncta quae fiunt, adducet Deus in iudicium pro omni errato, sive bonum sive malum sit.

Epilogus

Ob hoc igitur immensam Dei omnipotentis clementiam supplices exoramus, quatinus bonis nostris operibus praecedentibus post districti diem iudicii a dextris filii sui collocati aeterna requie cum suis fidelibus mereamur perfrui in aula caelesti, praestante domino nostro Ihesu Christo, cui est honor et gloria cum Patre et Spiritu Sancto per infinita saeculorum saecula.

AMEN.

A disciplina do sábio

Gabriel Portella Carneiro

Prólogo

Assim disse Pedro Alfonso, servo de Jesus Cristo, compositor destes livros: "Dou graças a Deus, Ele que é o primeiro sem um começo, por meio d'O qual existe o começo de todos os seres bons, o fim eterno e o complemento de toda a bondade; o sábio cujo discernimento proveu razão para o ser humano, Quem nos inspirou com Sua sabedoria, nos elucidou com o admirável brilho da Sua razão e nos enriqueceu com a graça multiforme do Seu Santo Espírito. Pois, afinal, mesmo eu sendo um pecador, Deus dignou-se em revestir-se com Sua múltipla e variada sabedoria, para que não escondesse sob um protegido alqueire a iluminação emprestada a mim, instigado, pelo mesmo Espírito, a compor este livro, para a utilidade das muitas pessoas que são aconselhadas, as mesmas que me suplicam que este meu livrinho acolha no começo, e que eu assim acrescente um bom final, para que o que for dito aqui não desagrade a Sua vontade. Amém."

"Portanto, que Deus esteja comigo em auxílio neste opúsculo, Quem me compeliu a compor este livro e a adaptá-lo para o latim. Com efeito, na época em que eu refletia comigo mesmo sem cessar, eu trabalhava de todas as maneiras para saber as causas da criação do ser humano, descobri que o espírito humano, por ordem do Criador, está fadado, enquanto estiver neste mundo, a se dedicar ao exercício da santa filosofia, para conhecer mais e melhor o seu criador; e se dedicar também em viver com autocontrole, para que saiba se precaver dos iminentes infortúnios, e seguir, neste mundo, o caminho que leva ao Reino dos

Céus. E se ele viveu em acordo com esta santa disciplina, cumpriu com o fim para o qual foi criado, e deve se chamar de perfeito. Percebi também como é frágil o dilema do ser humano: para não cair na tristeza, ele foi construído como se a carregasse de pouco em pouco; também me lembrei da sua rigidez: para que retenha algo facilmente, é necessário ser tratado de maneira suavizada e adocicada; e por ser esquecido, são necessárias muitas formas de recordar o que foi esquecido.”

“É por isso que montei este livrinho, algumas partes feitas com provérbios de filósofos e seus ensinamentos, parte com provérbios, fábulas e versos árabes, e parte com comparações a animais e pássaros. Mas de forma que considere escrever não mais que o necessário, pois se o fizesse, os escritos seriam um empecilho para o leitor, ao invés de uma ajuda. A intenção é que este livro divirta aqueles que o estejam lendo ou escutando, e seja uma oportunidade para aprender; e que os sábios, pelo que está contido aqui, se lembrem do que se esqueceram.”

“O título colocado neste livro vem do seu conteúdo, isto é, ensinamentos para a erudição, para devolver a sabedoria às pessoas disciplinadas. Mas decidi que, na medida do possível à minha capacidade, nada devesse ser encontrado em nosso tratado que seja contrário às nossas crenças ou oposto à nossa fé. Para isso, ajuda-me Deus onipotente, de Quem dependo. Amém.”

Mas se alguém, com um olhar humano e externo, leu este livrinho e percebeu nele alguma falha que a minha natureza humana cometeu, recomendo reler de novo com um olhar mais sutil, e submeto o livro à sua correção e à de todos os que carregam a fé católica. O filósofo sabe que não há nada de perfeito nos feitos humanos.

*

A respeito do temor a Deus, o filósofo Enoque, que foi reconhecido como Idris em língua árabe, disse a seu filho o seguinte: “Que o temor ao Senhor seja a tua moeda de troca, e o lucro chegará para ti sem dificuldades.”

Um outro filósofo disse: “Aquele que teme Deus, todas as coisas o temem; já aquele que, na verdade, não teme Deus, ele teme todas as coisas.”

Outro filósofo: "Aquele que teme Deus, acolhe Deus; Aquele que acolhe Deus, obedece a Deus."

Por sua vez, um árabe concluiu: "Desobediente és tu para com Deus, e ainda iludes a ti mesmo ao amá-Lo, é inacreditável! Se de fato amasses verdadeiramente, obedecerias a Ele. Aquele que ama, afinal, obedece."

*

A respeito da hipocrisia, Sócrates disse para seus discípulos: "Atentai-vos para que não sejais igualmente obedientes e desobedientes para com Deus."

Eles disseram: "Explica-nos o que dizes."

O primeiro replicou: "Abandonai a hipocrisia! Pois hipocrisia é alguém fingir obedecer a Deus para os olhos da sociedade, quando em verdade oculta ser desobediente."

Disse-lhe um de seus discípulos: "E não há outro tipo de hipocrisia que deva ser evitada pelo ser humano?"

Sócrates respondeu: "Existe o ser humano que, seja em público ou no privado, ostenta a sua obediência a Deus, com a intenção de que seja tido como santo pelas pessoas, e que, por esse motivo, seja o mais honrado entre elas. Existe outro tipo de ser humano mais sutil nisso, que descarta essa hipocrisia para se submeter a uma maior: Jejua, dá esmolas, e quando é perguntado se de fato continuará a fazê-lo, responde: 'Deus está de prova!', ou até mesmo: 'Não', para ser tido em maior reverência, reconhecido por não ser hipócrita, já que ele supostamente não quer que o seu feito seja divulgado entre as pessoas. Estou convencido de haver poucos que não participem de alguma maneira desse tipo de hipocrisia. Portanto, cuidai, discípulos, para que não sejais privados da recompensa do vosso trabalho, desviados pela hipocrisia! A fim de evitar isso, fazei todas as coisas com a intenção pura; não busqueis obter a glória por meio da hipocrisia!"

Um outro filósofo afirmou: "Se te apoias firmemente em Deus, tudo será próspero, em qualquer lugar que fores."

*

A respeito da formiga, do galo, e do cão: Balaão, que é conhecido por Luqman em língua árabe, disse a seu filho:

“Filho, que a formiga não seja mais sábia que ti, pois ela armazena comida no verão para que sobreviva no inverno; e filho, que o galo não seja mais atento que ti, pois ele acorda na madrugada, enquanto tu dormes; filho, que o cão não tenha mais nobreza no coração que ti, pois ele não se esquece dos seus benfeitores, enquanto tu te esqueces dos teus. Filho, que tu não consideres pouco teres um único inimigo, ou ainda excessivo teres mil amigos. Ouve esta história:”

Histórias exemplares

História exemplar I: O meio-amigo

— Um árabe moribundo, chamando por seu filho, falou: “Diga, filho, quantos amigos terás adquirido no meu tempo de vida!”

“Acredito que eu já colecionei uns cem amigos”, disse o filho.

E o pai: “Já dizia o filósofo: ‘Não glorifiques um amigo antes de colocá-lo à prova!’ Decerto, eu mesmo nasci primeiro e adquirir, com dificuldades, a metade de um amigo. Como é que tu adquiriste uma centena, então? Pois vai colocar cada um deles à prova, para que saibas quem dentre todos será o amigo perfeito!”

“De que modo aconselhas pôr um amigo à prova?”, disse o filho.

E o pai respondeu: “Coloca um cordeiro morto e dilacerado em um saco, de forma que o fardo esteja tingido de sangue por fora. Quando vieres a encontrar um amigo, diga-lhe: ‘Meu caro, matei um homem por acidente; suplico-te que o escondas em segredo, porque ninguém te terá como suspeito, e assim tu poderás me salvar.’”

O filho fez exatamente como o pai ordenou, mas o primeiro amigo a quem recorreu disse:

“Leva esse fardo morto contigo sobre as tuas costas! Como fizeste o mal, sofre as consequências! Na minha casa não entrarás!”

Depois de ter falado dessa forma com cada amigo, todos eles lhe responderam com a mesma opinião. Então, regressando ao pai, contou o que tinha feito.

“A fala do filósofo vem a calhar para ti”, disse o pai, “amigos são muitos quando enumerados, mas são poucos na necessidade. Vai até aquele meu meio-amigo que tenho, e vê o que ele te dirá!”

Foi o que o filho fez: da mesma forma como tinha falado aos outros, foi ter com o meio-amigo do pai, que respondeu:

“Entra na casa! Isso não é segredo que os vizinhos devam fofocar!”

Logo a sua esposa foi enviada para fora com toda a família para cavar uma sepultura, e quando o filho percebeu que tudo estava acontecendo como o esperado, agradeceu muito. Então ele relatou ao pai o que tinha feito.

“É por causa de amigos como esse que o filósofo disse: ‘É verdadeiro o amigo que te ajuda quando o mundo te decepciona.’”, respondeu o pai.

E o filho replicou: “Já viste um homem que tivesse conseguido para si um amigo inteiro?”

Então o pai: “Não o vi, mas ouvi falar.”

“Explica isso para mim, que assim talvez eu consiga ter um amigo como tal!”, pediu o filho. Ao que o pai contou a seguinte história:

História exemplar II: O amigo inteiro

— Contaram-me o relato de dois comerciantes, dos quais um era do Egito e o outro de Bagdá, que se conheciam somente de ouvir falar, e que trocavam mensagens entre si quando necessário. Até que aconteceu de o bagdali ser surpreendido com uma viagem de negócios para o Egito.

O comerciante egípcio soube de sua vinda, correu ao seu encontro e o recebeu prontamente em sua casa por oito dias. Adulou-o com tudo possível, assim como manda a ética das amizades, e os encantos que havia em sua casa revelaram-se ao bagdali. Este, ao fim dos oito dias, ficou doente. Porque a doença estava intensamente mais grave, o anfitrião, preocupando-se com o seu amigo, trouxe todos os médicos egípcios para que eles vissem o hóspede. De fato, os médicos, depois de terem checado o pulso de novo e de novo, e analisado a urina, não encontraram no homem doença alguma. E por não encontrarem enfermidade corporal, eles perceberam se tratar de um sofrimento de amor. O anfitrião soube disso, foi até o hóspede e perguntou se por acaso havia alguma mulher em sua casa que ele estimasse, e o enfermo disse:

“Mostra-me todas as mulheres da tua casa, e se por acaso eu encontrá-la entre elas, eu te direi.”

Tendo escutado isso, o anfitrião mostrou a ele as cantoras e as serventes, nenhuma das quais o agradou. Depois disso, mostrou todas as filhas, que ele rejeitou completamente cada uma delas, assim como as anteriores, e ainda as desprezou. Mas o egípcio também tinha uma moça honrada em sua casa, que tinha sido trazida já há um tempo, para que fosse desposada por ele próprio; mostrou-a ao enfermo, este que, tendo-a observado de fato, concluiu:

“É dela que vem a minha morte, e é nela em que está a minha vida!”

O egípcio, escutando isso, deu a nobre moça ao bagdali como esposa, com tudo o que estava prestes a herdar dela. E depois ainda lhe presenteou com as coisas que estava a ponto de dar para a garota, se ele a tivesse desposado. Isso foi concluído, a esposa foi aceita com os presentes que tinha recebido por ela e, terminada a viagem de negócios, o bagdali regressou à sua pátria.

Um tempo depois, aconteceu de o egípcio perder todos os seus meios de subsistência, e agora, completamente pobre, pensou consigo mesmo em recorrer ao amigo de Bagdá que recebera em casa, para que ele se solidarizasse com a sua situação. Desnudo e faminto, ele tomou o seu caminho, e Bagdá se aproximou no silêncio da escuridão noturna. Mas a vergonha impedia que o egípcio fosse à casa do amigo; talvez, não sido reconhecido, fosse expulso da casa àquela hora da noite. Então ele entrou em um templo antigo qualquer, para que lá pudesse pernoitar.

Enquanto a forte e constante ansiedade o revolia, dois homens vieram para a cidade, próximos ao templo: um deles assassinou o outro e fugiu à surdina. Muitos civis vieram correndo por causa do barulho e perceberam o morto. Perguntavam-se quem tinha executado o homicídio e adentraram o templo, esperando encontrar lá o assassino. Na verdade, ali estava o egípcio; se decepcionaram de novo, e, perguntando para ele quem tinha matado o homem, ouviram a resposta:

“Pois eu o matei”, disse o egípcio, por muito desejar, realmente a qualquer custo, dar fim à própria miséria por meio da morte.

O egípcio foi capturado, e então preso. Pela manhã, foi levado diante dos juízes e, condenado à morte, foi conduzido até a cruz. Como

de costume, muitas pessoas correram para assistir, uma delas foi aquele seu amigo, ele que era o motivo de o egípcio ter ido a Bagdá. O mesmo que, observando o condenado, percebeu ser aquele o amigo que tinha ficado no Egito. E assim, lembrando os favores que o outro lhe fizera, e pensando também que não poderia retribuí-lo depois de morto, decidiu se submeter à morte no lugar dele. Por isso, com a voz potente, exclamou:

“Por que condenais um inocente? Para onde o levais? Ele não merece a morte, eu que matei aquele homem!”

Então puseram as mãos nele, arrastaram-no, todo amarrado, à cruz, e absolveram o outro da pena de morte. Mas o verdadeiro homicida andava por aquela mesma multidão observando tudo, e então pensou consigo mesmo:

“Eu matei um homem, e este outro é o prejudicado! Este inocente é castigado, enquanto eu, nocivo, aproveito a liberdade! Qual é o motivo dessa injustiça? Não percebo um único, a não ser que seja uma tolerância de Deus. Mas com certeza Deus, juiz justo, não perdoa um crime impune. Então, para que Ele depois não me castigue com uma pena mais dura, eu me apresentarei como sendo o culpado deste crime; e assim, livrando-os da morte, pagarei o pecado que cometi.”

Dessa forma, ele enfrentou o perigo, declarando: “Fui eu, eu que matei o homem! Livrai este indefeso!”

Os juízes, e não pouco surpresos, amarraram-no para a morte; o outro foi absolvido. E então, incertos com o próprio julgamento, levaram o culpado, com aqueles dois absolvidos libertos antes, para diante do rei.

Com todos reportando ao rei a ordem dos acontecimentos, compeliram o próprio monarca a também hesitar; e assim, de acordo com o julgamento, o rei os perdoou por cada veredito, por eles terem incriminado a si mesmos, mas com o acordo de que revelassem as causas da autoacusação estabelecida.

Eles expuseram ao rei a verdade da situação. Então, por decisão geral, todos foram absolvidos, e o bagdali, que tinha decidido morrer pelo seu amigo, levou-o a sua casa, a quem, tendo feito todas as honras para a cerimônia de boas-vindas, disse:

"Se te agradas permanecer comigo, todas as coisas serão divididas entre nós, assim como deve ser; mas se desejares, na verdade, regressar à sua pátria, dividamos as minhas coisas em porções iguais."

O outro, então, envolvido pelo doce encanto da terra natal, recebeu uma parte de todos os bens que o bagdali tinha oferecido a ele, e assim regressou à pátria.

O filho disse ao pai: "Que difícil é encontrar um amigo como esse!"

*

A respeito de aconselhar: um outro filósofo, quanto àqueles amigos que ainda não foram postos à prova, disse: "Atenção aos inimigos uma vez, e mil vezes aos amigos, pois, mais cedo ou mais tarde, talvez o amigo possa se tornar um inimigo, e assim ele poderá facilmente buscar o teu prejuízo."

Outro filósofo disse: "Cuidado com o conselho daquelas pessoas a quem o pedes, se não foi comprovado que a pessoa é fiel a ti."

Outro filósofo: "Aconselha o teu amigo da melhor forma possível, mesmo que ele não queira acreditar em ti. É justo, sim, que cuides bem dele, mas é possível que o necessitado não siga o teu conselho."

Outro: "Recusa a dar conselhos a todo mundo. Para aquele que de fato tem uma decisão presa no coração, o próprio julgamento é a melhor escolha."

Outro: "Um conselho mantido escondido é como se estivesse encarcerado em teu corpo; já quando o conselho é revelado, ele é que te mantém preso."

Outro: "Não te associes com os teus inimigos, uma vez que tu possas encontrar outros aliados. Os inimigos, de fato, sempre se lembrarão de um mal que tu possas ter feito; e as tuas boas-ações serão, verdadeiramente, ignoradas."

Um poeta disse: "Esta é uma das mais graves adversidades do século, um homem livre que é coagido pela necessidade a se submeter a um inimigo. Há o caso de um homem que certa vez perguntou para um árabe: 'Qual a maior adversidade que te aconteceu nesta vida?' E o árabe

respondeu: 'A necessidade me obrigou a procurar um inimigo, para que ele me concedesse as coisas que eu precisava.'"

*

A respeito da pessoa puxa-saco, outro filósofo disse: "Não te associes a um puxa-saco, cuja amizade é uma vergonha para ti."

Um outro completou: "Não te orgulhes com a admiração de um puxa-saco, pois o elogio dele é uma censura, e a censura, um elogio. Havia um certo filósofo que, andando pela rua, encontrou um outro filósofo se entretendo com uma pessoa puxa-saco, e lhe disse depois: 'Juntar duas metades é coisa própria dos amantes.' Defendendo-se, ele respondeu: 'O que queres dizer? Nunca me juntei àquele homem.' E o primeiro filósofo perguntou: 'Então por que o aplaudias?' A justificativa: 'Não é isso. A questão é que até mesmo uma pessoa honesta, quando ela é coagida por uma necessidade extrema, precisa usar a latrina.'"

*

A respeito da sabedoria, outro filósofo disse para o seu filho: "Filho, é trabalhoso superar os árduos estágios da vida, e é fácil se frustrar com eles."

Outro filósofo: "É melhor a inimizade de um sábio do que a amizade de um idiota."

Outro: "Não tenhas em alta conta a amizade de um idiota, pois ela não é permanente."

Outro: "Melhor é uma relação modesta com pessoas sábias do que uma relação com uma pessoa decente que foi educada por puxa-sacos."

Outro: "É mais doce para um sábio uma vida amarga entre sábios do que uma vida doce entre idiotas."

Outro: "Existem duas espécies da sabedoria: uma natural e outra artificial, das quais uma não pode existir sem a outra."

Outro: "Não confies a sabedoria aos idiotas, pois seria ofensivo para eles; nem tampouco negue-a aos sábios, pois estarias privando-os do que é próprio de um sábio."

Outro: "Os dons deste mundo são diversos: para alguns, é destinada a posse das coisas, e para outros, a sabedoria das coisas. Isso me lembrou de um homem que, conversando com seu filho, perguntou: 'O que preferirias ganhar, riqueza ou sabedoria?' Ao que o filho respondeu: 'Qualquer uma delas precisa da outra.' Também me lembrei de mais um caso: Existiu um certo poeta ilustre, mas um pobre indigente, que sempre estava reclamando da sua pobreza para os amigos, sobre a qual também escreveu versos exprimindo o seguinte ponto de vista: 'Tu, que repartes as partes, mostra o motivo de a minha omitires! Se em ti não há culpa, então fala-me: em quem? Pois a sina prescrita, tu com certeza é quem fê-la tão dura. Mas a ela e a mim, tu atacas, defendes. Tu que de sábio fizeste-me, um sem qualquer substância, porém. Diz o que faz o saber sem a noz? Toma! Troca o que eu sei, tudo prefiro trocar por moedas! Supra essa falta que a mim traz vergonha!'"

Outro: "Existem três situações em que uma pessoa precisa da outra: sempre que fizeres o bem, estarás em posição de superioridade com relação à segunda; quando não há necessidade de ajuda, os dois estarão quites; quando a necessidade é real, estarás em posição de inferioridade."

Outro: "A sabedoria é a honra do espírito; enquanto a riqueza é a honra do corpo."

Outro: "Com a sua luz, a sabedoria revigora os corpos esgotados, assim como a umidade da chuva faz florescer a terra árida."

*

A respeito do silêncio, um discípulo perguntou ao mestre: "De que forma eu posso ser levado em consideração pelos discípulos mais sábios?"

O mestre: "Mantém-te em silêncio até que seja necessário que tu fales. Eu soube de certos filósofos que concluíram algumas coisas sobre isso: 'O silêncio é um sinal de inteligência, e a falação é um sinal de idiotice', disse um deles; outro disse: 'Não te antecedas em responder a uma pergunta que não tenha sido terminada, nem tentes solucionar um problema trazido em uma reunião quando tiveres percebido que alguém lá é mais capacitado para isso; nem respondas a uma pergunta que alguém fez para outra pessoa, nem esperes um elogio por algo que tu

desconheças.’ Faço minhas as palavras do filósofo: ‘Aquele que espera um elogio por algo que não sabe fazer, quando posto à prova, se torna um mentiroso’; um terceiro filósofo também entrou na discussão: ‘Ou aceitas a verdade proposta por ti, ou aquela que te foi oferecida’; e um quarto: ‘Não te glorifiques da tua inteligência, como esta frase bem atesta: Aquele que se vangloria da sabedoria de suas palavras, é comprovadamente um idiota.’” Então o mestre concluiu: “Seguindo esses conselhos, serás levado em conta pelos discípulos sábios e prudentes.”

Um filósofo disse: “Aquele que pergunta sabiamente, desejará compreender uma resposta sabiamente.”

Outro: “Qualquer um que se envergonhe de prestar atenção na inteligência alheia, terá mais vergonha de prestar atenção na própria inteligência.”

Outro: “Quem, por vergonha, não aceita uma lição curta, permanecerá com a vergonha da ignorância por um tempo longo.”

Outro: “Todo aquele que se diz sábio não é sábio, mas sim aquele que aprende e preserva a sabedoria.”

Outro: “Quem se afasta de um ensinamento, fará pouco uso da sua generosidade. A honra requer uma doutrina, e a sabedoria, por sua vez, experiência.”

Outro: “Aquele que desiste da sua honra, dificilmente é capaz de preservar a honra dos seus antepassados.”

Outro: “A honra que vem de mim mesmo, está mais no meu coração do que a honra que vem dos meus antepassados.”

Um árabe contou uma história:

História exemplar III: Os três poetas

— Havia um certo poeta que era prudente e cordial, mas de origem humilde, que apresentou seus versos a um rei. Percebida a prudência do poeta, o rei o recebeu respeitosamente. Mas outros poetas, arrogantes por serem de descendência nobre, invejavam o primeiro, e se juntaram para questionar o rei:

“Senhor rei, por que exaltas tanto este homem nascido de linhagem tão baixa?” E o rei lhes respondeu:

“Este que considerastes censurar, é o que mais deveis elogiar.”

O próprio poeta censurado disse aos outros o seguinte:

“A rosa nascida com espinhos não pode, de forma alguma, ser contrariada.” Então o rei o dispensou com presentes das maiores honrarias.

Aconteceu depois, que um certo poeta, este nascido de linhagem nobre, mas que não foi disciplinado, apresentasse os seus versos ao rei. Lendo-os, o rei os rejeitou por serem versos mal compostos, e nada deu de presente ao poeta, o qual, por sua vez, lhe perguntou:

“Se não pelos meus versos, ao menos me retribui um pouco pela minha nobreza?”

“Quem é o teu pai?”, replicou o rei. O outro lhe apontou o pai. Então o monarca disse:

“A semente da tua linhagem não germinou em ti.”

“Frequentemente, senhor rei, o trigo é oriundo de uma semente”, respondeu o poeta.

“Provaste que és menos digno que o teu pai.” Retrucou o rei, e o dispensou sem lhe dar presentes.

Um terceiro poeta, homem sem compostura, veio da mesma forma até o rei; seu pai era de origem humilde, mas sua mãe era nobre. Ela tinha um irmão famoso pelo conhecimento de literatura e pelo carisma. O poeta apresentou ao rei uns versos realmente mal compostos; o monarca o recebeu sem qualquer honraria e ainda lhe perguntou de quem ele era filho. O poeta apresentou ao rei aquele seu tio materno, e por isso, o rei se revirou em um riso excessivo. Os familiares perguntaram desentendidos:

“De onde veio toda essa risada?”

“Acontece que vejo aqui, com meus próprios olhos, uma certa fábula que eu tinha lido em um livro”, respondeu o rei.

Os familiares quiseram saber do que se tratava, e o rei disse:

“É a história da mula e da raposa.”

O rei, então, depois de narrar a fábula, voltando a atenção ao poeta, disse:

“Agora eu quero que tu me diz quem é o teu pai, não o teu tio materno.”

O poeta apontou o pai ao rei. Quando o monarca percebeu que o pai dele era pobre e sem instrução, chamou os seus servos e disse:

“Cedamos também a ele alguma coisa de nós, pois este homem não é um degenerado.”

História exemplar IV: A mula e a raposa

— A raposa encontrou uma mula recém-nascida em uma pastagem, e disse, admirando-a:

“Quem és tu?” A mula respondeu que era uma criatura de Deus. Intrigada, a raposa perguntou:

“Não tens pai ou mãe?” E a mula disse:

“Meu tio materno é um cavalo de raça nobre.”

A mula, portanto, não quis reconhecer o burro como o seu pai porque ele é um animal preguiçoso e disforme, assim como fez um certo poeta que se envergonhava do seu pai com velada ignorância.

*

A respeito da verdadeira honra, um árabe, surpreso, disse a seu pai:

“Eu li que em tempos passados os homens honrados, os educados e os sábios eram respeitados; mas a verdade é que, hoje, só os puxa-sacos são venerados.”

O pai, em resposta: “Não te assustes, filho, porque os eruditos respeitam os eruditos, as pessoas dignas às pessoas dignas, os educados aos educados, e os puxa-sacos veneram os puxa-sacos.”

O filho: “Mas percebi outra coisa: os eruditos não são respeitados por sua sabedoria, eles foram se tornando puxa-sacos, e assim eles alcançaram um respeito considerável.”

Respondeu-lhe o pai: “A verdade é que isso chegou com a estupidez desta era.”

O filho: “Explica para mim, meu querido pai, a verdadeira definição de honra.”

E o pai: “Segundo lembrou Aristóteles em sua carta para o rei Alexandre, quando este perguntou ao primeiro quem dentre os homens ele deveria eleger como seu conselheiro, Aristóteles respondeu na carta: ‘Aceita aquele que seja instruído nas sete artes liberais, instruído nos

sete cuidados e também conhecedor das sete habilidades.' Eu, de minha parte, tenho para mim que essa honradez é perfeita."

O filho disse: "Eu tenho para mim que essa honradez não cabe na nossa era, vejo na verdade que a honra existe toda em função do ouro e da prata. Já dizia o poeta:

'As riquezas dignificam com honra quem não as tem.
A pobreza resiste com honra àqueles que vivem
bem.'"

"Um outro poeta escreveu algumas palavras sobre as adversidades do século que ameaçam as pessoas honradas, e o fez sob a perspectiva dessas pessoas: 'Deus, diga àqueles que nos diminuem, em favor das adversidades que nos consomem, que este século fez ninguém retroceder, exceto as pessoas honradas. Não percebes que o mar transporta estercos e palhas, enquanto as pedras preciosas afundam? Não percebes que há estrelas no céu, e desconhecemos quantas? E ainda assim nenhuma delas sofre um eclipse, a não ser o sol e a lua.'"

O pai disse: "Nesta era, a estupidez acontece porque os homens julgam que só as riquezas são dignas de serem glorificadas."

*

A respeito das sete artes, as sete habilidades e os sete cuidados, um discípulo perguntou ao seu mestre:

"Como existem sete artes, sete habilidades e sete cuidados, eu gostaria que tu os enumerasses para mim, como também que disseses quais as suas especificidades."

O mestre respondeu: "Vou enumerá-los. Estas são as artes: Dialética, aritmética, geometria, física, música, astronomia. Quanto à sétima, a verdade é que existem opiniões muito diversas a respeito de qual ela possa ser. Os filósofos que não aceitam as profecias, dizem ser necromancia, a sétima arte. Alguns outros filósofos, os que definitivamente não acreditam em profecias, querem que filosofia seja a sétima arte, ela que supera as questões pessoais e ainda os princípios básicos do mundo. E aqueles que não têm a filosofia como ofício, afirmam ser a

gramática. Já as sete habilidades são estas: Montar a cavalo, nadar, atirar flechas, lutar boxe, caçar aves, jogar xadrez, fazer versos. Os cuidados são estes: Que não seja guloso, bêbado, luxurioso, violento, mentiroso, avaro ou de mau comportamento.”

O discípulo respondeu: “Suponho não haver ninguém desse jeito nos dias de hoje.”

*

A respeito da mentira, um certo filósofo repreendeu o seu filho:

“Toma cuidado com a mentira, pois ela é doce feito a canção dos pássaros.”

Outro filósofo: “Considerando que seja fácil contar uma mentira, como dizer a verdade pode ser visto como grave?”

Outro filósofo: “Se temes dizer algo que te arrependas, é melhor dizer ‘não!’ do que confirmar.”

Outro: “Toma cuidado com a vergonha em negar, para que ela não inflija em ti a necessidade da mentira, pois negar as coisas é mais honesto que oferecer longas desculpas.”

Outro: “Acumular desculpas em desculpas para quem está te requisitando, nos dias de hoje, é astúcia de quem nega.”

Outro: “Se qualquer pessoa pode ser salva pela mentira, pode ser muito mais salva pela verdade. Um homem culpado foi levado para o tribunal do rei e, negando o crime, foi ameaçado e, finalmente, coagido a revelar a verdade. Então o rei decretou: ‘Serás duplamente punido: uma vez pelo crime cometido, e a segunda vez pelo crime negado.’”

“Um outro homem foi igualmente acusado, mas ele não negou o que tinha feito. E os que assistiam ao julgamento disseram ao rei: O veredito punirá o crime confessado? O rei respondeu: Não é assim, pois como disse o filósofo: É razoável suavizar o julgamento de um pecado confessado. De forma que, liberto pelo rei, o homem se retirou.”

Sócrates disse: “Assim como o homem mentiroso não é bem-vindo na comitiva de um nobre, ele também será privado do reino dos céus.”

Um filósofo disse a seu filho: “Diga que é um mentiroso aquele que diz vingar o mal com o mal, pois assim como fogo não destrói fogo, o mal

não cede ao mal. Mas feito a água que extingue o fogo, o bem destrói qualquer mal.”

Outro filósofo: “Não te rendas ao mal, para que não sejas semelhante ao mal, mas te entregues ao bem, para que sejas melhor que o mal.”

Outro: “Não confies no mal se escapas de um perigo, ele te leva a outro; pois isso fará com que tu não passes por algo semelhante.”

Um árabe disse a seu filho: “Se veres qualquer um que esteja oprimido pelos seus malfeitos, não te intrometas, pois quem desamarra alguém que foi pendurado, será acometido pela ruína.”

*

História exemplar V: O homem e a serpente

— Caminhando pela selva, um homem encontrou uma serpente que tinha sido esticada e amarrada a um tronco pelos pastores. O homem, depois de tê-la soltado, procurou aquecê-la. A serpente, resgatada, começou a deslizar lentamente em volta do homem para se manter aquecida, e finalmente enroscada, apertou forte. Então o homem exclamou:

“O que fazes?! Por que retribuís o bem com o mal?”

“É da minha natureza”, disse a serpente. E o homem respondeu:

“Fiz o bem para ti, e com o mal me desestabilizas?”

Com essa briga dos dois, foi requisitado o julgamento de uma raposa que passava por eles, à qual contaram tudo o que tinha ocorrido, na ordem dos acontecimentos. Então a raposa opinou:

“Ignoro como julgar esta causa por ouvi-la, a não ser que eu tivesse visto qual entre vós começou a briga.”

A serpente, então, foi atada ao tronco mais uma vez, como antes. A raposa disse:

“Assim, ó serpente, se consegues escapar, escapa! E tu, ó homem, não se dê ao trabalho de desamarrá-la! Nunca leste o ditado: Quem desamarra alguém que foi pendurado, será acometido pela ruína?”

Um árabe disse ao seu filho: “Se fores reprimido de qualquer forma, e puderes tranquilamente se libertar, não esperes ajuda, pois enquanto esperas por um jeito mais fácil, serás mais reprimido. Não permitas que te aconteça o que se passou com o poeta e o corcunda.”

O filho perguntou: “Mas o que aconteceu?”

E o pai contou-lhe a história:

História exemplar VI: O poeta e o corcunda

— Havia um poeta que apresentou ao rei os versos que tinha feito. O monarca elogiou o seu talento e autorizou que ele pedisse um presente em troca dos versos. O outro implorou de presente que ele fosse porteiro da sua cidade por um mês, e que recebesse um denário por cada pessoa corcunda, sarnenta, caolha, ulcerosa ou com hérnia que passasse. O rei permitiu e oficializou o pedido com o símbolo real. O poeta, tendo assumido o serviço, sentou-se na porta da cidade e fez o seu trabalho.

Certo dia, um corcunda bem encapuzado entrou na porta da cidade segurando um cajado. O poeta porteiro cobrou-lhe um denário, mas o corcunda se recusou a dar. O primeiro recorre à força, então levantou o capuz da cabeça do corcunda e percebeu que ele era caolho. Cobrou-lhe, portanto, dois denários pelo que antes tinha pedido um, mas o corcunda não quis dar: foi imobilizado. Sem ninguém para ajudá-lo, ele quis fugir, mas o capuz caiu, e a cabeça apareceu exposta, com sarnas. O poeta imediatamente pediu por três denários. O corcunda, percebendo não poder se defender por fuga ou por ajuda, começou a resistir e, debatendo-se, revelou os braços desnudos, nos quais havia úlceras: o poeta cobrou, então, quatro denários, e arrancou a capa do homem, que estava se debatendo. Quando ela caiu no chão, o poeta percebeu que o corcunda tinha hérnia: extorquiu-lhe, portanto, o quinto denário.

Foi assim que chegou ao ponto de aquele que não quis dar um denário por boa vontade, ser obrigado a dar cinco contra a vontade.

Um filósofo disse para o seu filho: “Filho, cuida para que não passes pela propriedade de pessoas desajustadas! Como uma passagem causa a frequência, a frequência ocasiona uma discussão, e discussão é causa de morte.”

História exemplar VII: O sábio que entrou na taberna

— É sabido que, certa tarde, dois sábios saíram da cidade para que caminhassem. Chegaram, então, ao lugar onde os bêbados costumavam frequentar. Um dos sábios disse a seu amigo:

“Atravessemos para outra rua, pois já dizia o filósofo: Não passes pela propriedade de pessoas desajustadas!” O amigo respondeu:

“Uma passada não fará mal, se não há outro caminho disponível.”

Então, passando por lá, ouviram uma cantiga vinda da taberna. Um dos sábios parou, capturado pela doçura do canto. O outro recomendou ir embora, mas o amigo não quis. Abandonado, o amigo foi deixado para trás sozinho, e, seduzido pelo canto, ele entrou na taberna.

Requisitado por todos os bêbados, sentou-se junto deles e, uma vez acomodado, pôs-se a beber. Mas eis que um arauto, perseguindo um espião fugitivo da cidade, entrou na taberna para procurar o tal. Tendo encontrado lá o espião, capturou-o e a cada um dos que estavam na propriedade. Disse:

“Este lugar foi o refúgio desse espião: daqui saiu, para aqui voltou. Fostes todos cúmplices e aliados dele.”

Então, todos foram levados à força, e aquele sábio que estava entre eles declarava em alta voz:

“Qualquer um que aproveita a companhia de pessoas desajustadas, sem dúvidas não merece se salvar da pena de morte.”

História exemplar VIII: A voz da coruja

— É dito que dois discípulos, saindo da cidade, chegaram a um lugar onde era ouvida uma voz de mulher ressonando intensamente; as palavras do canto eram bem compostas, e o próprio cantar soou apaixonado, concebido de maneira muito agradável. Um dos discípulos parou, retido pela cantiga, mas o outro discípulo recomendou:

“Saíamos daqui! Pois pelo canto de um pássaro alguém pode ser enganado e conduzido até a morte.”

Eles saíram de lá, até que o primeiro discípulo, por sua vez, disse:

“Essa voz é mais doce do que aquela que eu e meu mestre tínhamos ouvido, já há muito tempo.”

“E como era ela? Como a ouvistes?”, respondeu o segundo. E o outro disse:

“Aconteceu quando tínhamos saído da cidade, e assim foi ouvida aquela voz sofridíssima, o canto desafinado, e as palavras eram recitadas desordenadamente; seja lá quem estivesse cantando, recomeçava a mesma música de novo com o seu áspero canto, e valorizava-se como se estivesse em êxtase. Ouvindo-a, meu mestre disse para mim: ‘Se é verdade o que dizem as pessoas, que a voz da coruja é presságio de morte do ser humano, então esta voz, de coruja sem dúvidas, vem anunciar uma morte.’ E disse-lhe eu: ‘Me admira um canto que seja tão medonho ser tão deleitável para quem o está cantando.’ O meu mestre respondeu: ‘Não te recordas do que disse o filósofo? O homem é agradado por três coisas, mesmo que não sejam boas: sua voz, seus versos e seu filho.’”

Quando o discípulo terminou de narrar esta história com o seu mestre, ele e o outro discípulo partiram de lá.

Um filósofo disse a seu filho: “Podes perseguir um escorpião, um leão ou até um dragão, mas não persigas uma mulher má!”

Outro filósofo: “Reza a Deus para que Ele te liberte da tentação das mulheres más, e cuida para que tu próprio não sejas enganado por elas. Pois é dito que um certo filósofo, passando perto do lugar onde um caçador tinha colocado uma armadilha para capturar pássaros, viu uma moça flertando com ele. O filósofo disse ao caçador: ‘Tu que tentas enganar as aves, cuida para que não sejas tido por pássaro e preso na armadilha desta mulher.’”

Um discípulo disse a seu mestre: “Li nos livros dos filósofos, que eles instruem os homens a se protegerem da índole das mulheres perversas. E Salomão, em seus provérbios, aconselha a mesma coisa. Então se tu, mestre, sabes de cor algum caso, seja em fábulas ou em provérbios, sobre essa índole perversa, eu gostaria que me ensinasses por uma história.”

O mestre respondeu: “Contarei com prazer. Mas se os leitores de espírito ingênuo não verem que os nossos versos, os que escrevemos sobre as artimanhas das mulheres, são para a censura delas e a instrução de todos, temo que eles acreditem que a má índole em nós se manifesta a partir das mulheres; temo que acreditem que algumas delas, obviamente as com maridos desinformados, tragam seus amantes e que,

abraçando-os, se beijem apaixonadamente, e satisfaçam o que a própria luxúria quer deles.”

Ouvindo isso, o discípulo disse: “Não temas isso, mestre, pois Salomão, no livro dos provérbios, e muitos outros sábios, escreveram sobre as tais índoles perversas das mulheres para corrigi-las, por isso mereceram, não culpa, mas elogios. Tu, escrevendo sobre elas, e para a nossa utilidade, serás da mesma forma merecedor, não de censura, mas de uma coroa. E por isso, conta tu, sem hesitar, o que pedimos.”

E o mestre contou a história:

História exemplar IX: O colhedor de uvas

— Um homem saiu de casa para coletar uvas. Vendo isso, a sua esposa concluiu que ele demoraria muito, então chamou o amante, por meio de um mensageiro com o recado, e preparou o evento. Acontece, porém, que o marido foi furado no olho por um ramo de vinha, e rapidamente regressou à casa sem enxergar nada com o olho furado.

Aproximando-se da porta fechada de sua casa, começou a bater. A esposa, percebendo o marido à porta, ficou muito conturbada, escondeu o requisitado amante em outro lugar, e depois se apressou em abrir a porta para o seu marido. Adentrando, triste pelo olho que doía intensamente, ele ordenou que o quarto fosse preparado e a cama feita, para que pudesse repousar. A esposa ficou com medo que ele visse, ao entrar, o amante que se escondia lá, e disse para o marido:

“Por que tanta pressa em ir para a cama? Antes, me diz o que aconteceu!” E o marido contou-lhe todo o ocorrido. “Permita, meu queridíssimo marido, que eu fortifique o olho saudável com um ritual de cura, para que assim não aconteça com ele o que já aconteceu com o outro, porque o teu prejuízo é o meu também; é nosso.” E colocando a sua boca sobre o olho saudável do marido, acariciou-o tempo o suficiente para o amante sair do lugar onde estava escondido e fugir daquele marido ignorante. Ela, então, se recompôs e disse: “Meu marido queridíssimo, agora estou segura de que não acontecerá a este olho o que aconteceu ao outro. Já podes, se te agradas, repousar na cama.”

Então o discípulo disse para o mestre: “Me instruíste bem, e ensinaste para a minha alma seca e carente tudo o que aprendi sobre as

artimanhas das mulheres. Eu não trocaria o que sei nem pelas riquezas dos árabes. Agora, se te interessas contar mais alguma história, relata-nos algo que possamos adaptar para as administrações públicas vindouras!”

E o mestre contou-lhes a história:

História exemplar X: O lençol

— Contam sobre um certo homem que, partindo para o estrangeiro, pediu à sua sogra que ela fizesse companhia para a sua esposa, mas a mulher se apaixonou por outro homem e confidenciou isso à mãe. A confidente foi movida por amor à filha e decidiu chamar o outro pretendente para jantar com elas. Enquanto comiam, o marido voltou e bateu à porta.

Erguendo-se, a mulher escondeu o pretendente e depois abriu a porta para o marido, ele que, depois de entrar, ordenou que a cama fosse preparada para si, pois queria descansar; estava exausto. Desesperada, a mulher não sabia o que faria, e, vendo isso, a mãe disse:

“Não te apresses em preparar a cama, filha; não até que mostremos para o teu marido o lençol que fizemos.”

Revelando o lençol, a velha o esticou por uma ponta o máximo possível, e deu a outra ponta para a filha segurar, de forma que o marido foi distraído pelo lençol esticado na sua frente, por tempo o suficiente para que o amante, que a mulher tinha escondido, fugisse. Então a velha disse para sua filha:

“Estende o lençol sobre a cama do teu marido, pois ele foi tecido pelas tuas mãos e pelas minhas.”

“Mas tu, senhora, sabes tecer lençóis como este?” Perguntou-lhe o genro. E a sogra respondeu:

“Ó, meu filho, já teci muitos como este.”

O discípulo disse: “O que ouvi é impressionante! Mas eu gostaria que me instruísses mais, porque quanto mais eu souber sobre a índole delas, mais minha cautela é apurada.”

O mestre disse: “Então contarei uma terceira história, e, assim, estes nossos exemplos serão suficientes para a tua instrução.”

E o discípulo: “Como queiras.”

História exemplar XI: A espada

— Contam sobre um certo homem que, viajando novamente para o exterior, pediu à sua sogra que ela fizesse companhia para a sua esposa. Mas a esposa amava, em segredo, um jovem rapaz, o que contou prontamente para sua mãe. Esta, por amor à filha, compreendeu-a verdadeiramente, e, preparado o jantar, recebeu o jovem. Enquanto comiam, o marido voltou e bateu à porta.

A esposa se ergueu para impedir o marido de entrar, enquanto a mãe, que permanecia junto do amante da filha, pensou no que poderia fazer, primeiramente, já que não havia lugar onde o jovem pudesse se esconder. Enquanto a sua filha abria a porta para o marido, a velha sacou uma espada desnuda, deu-a para o amante e ordenou que ele ficasse diante da porta com a espada empunhada quando o marido da sua filha estivesse entrando, e que se o marido falasse com ele, não respondesse nada.

O amante fez o que ordenara a sogra. Porta aberta, o marido o viu parado assim, então se deteve e disse:

“Tu! Quem és?!” O outro não falou, então o marido ficou, primeiro, estupefato, e depois muito assustado. A velha, intrometendo-se, respondeu:

“Cala-te, meu caro genro, para que ninguém te ouça!”

Com grande surpresa, ele disse a ela:

“Mas quem é este, cara senhora?” Então a sogra respondeu:

“Meu bom filho, vieram três homens aqui perseguindo este moço, então abrimos a porta para ele e permitimos que entrasse com a sua espada, enquanto aqueles que queriam matá-lo partiam. Este moço, temendo que tu fosses um deles, ficou paralisado e não te respondeu nada.”

“Sinta-se bem, senhora, pois livraste este homem da morte”, respondeu o marido. Adentrando a casa, ele chamou o amante da sua esposa e o fez se sentar à mesa consigo. Então, cativado por doces anedotas, se despediram perto do anoitecer.

O discípulo comentou: “Contaste maravilhosamente, e agora estou muito mais surpreso diante da suntuosa audácia daquelas mulheres. Mas ainda quero que me contes sobre a índole delas, se não for te incomodar. A verdade é que quanto mais disseres, mais serás prestigiado.”

O mestre, então, respondeu: “Essas histórias não bastam para ti? Conte-te três delas, e ainda não cansaste de refletir?”

O discípulo: “Com três histórias contadas, aumentaste muito o número de exemplos, mas eles foram narrados em poucas palavras. Conta, portanto, uma história que encha os meus ouvidos com longas palavras, e assim me darei por satisfeito.”

O mestre: “Tomemos cuidado para que não nos aconteça o que se sucedeu entre o rei e o seu contador de histórias.”

O discípulo: “Meu caro mestre, o que aconteceu, então?”

E o mestre contou:

História exemplar XII (Parte I): O rei e seu contador de histórias

— O rei tinha um contador de histórias que costumava narrar cinco fábulas para ele todas as noites. Eventualmente, aconteceu de o rei, agitado por alguma ansiedade, não conseguir dormir, e pediu para ouvir mais histórias do que as de costume. Então o narrador contou três casos curtos, mas o rei pediu por mais. O narrador realmente não quis, de forma alguma; afinal, na sua opinião, já tinha contado muitas. O rei, então, disse:

“Já narraste muitas, mas foram brevíssimas. Eu gostaria muito mesmo que tu trouxesses uma história com muitas palavras, e assim permitirei que durmas.”

O contador de histórias concordou e assim começou a narrar:

História exemplar XII (Parte II): O camponês

— Havia um camponês que possuía mil soldos. Partindo para uma viagem de negócios, ele comprou dois mil carneirinhos, cada um por seis denários. Quando retornava, aconteceu que o volume das águas cresceu com uma grande inundação. Como não podia atravessar por uma ponte, ou pela massa d'água, ele saiu aflito procurando por alguém que pudesse atravessar com seus carneirinhos. Finalmente, ele encontrou um pequeno barquinho, o qual conseguia suportar, para além do camponês, nada mais que dois animais. Coagido pela necessidade, ele, então, escolhendo dois carneirinhos, atravessou a água...

Neste ponto, o contador de histórias dormiu. O rei, acordando-o, o pressionou a terminar a história que tinha começado. O narrador disse-lhe, então:

“Aquela enchente era imensa, mas o barquinho era mínimo, e o rebanho de carneirinhos, infinito: portanto, contemos os carneirinhos, e deixa que o camponês atravessasse primeiro com cada animal do rebanho. Quando ele tiver terminado, dou continuidade à fábula que comecei.”

O mestre disse: “Desta forma, o narrador acalmou o rei que ansiava por ouvir histórias longas. Mas se mesmo assim insistes que eu agregue mais outra história sobre as mulheres, tentarei cogitar isso com a ajuda deste exemplo.”

O discípulo, por sua vez: “Dizem nos antigos provérbios que a dor não atinge da mesma forma quem chora por remorso e quem é oprimido pela fadiga do seu ofício. O contador de histórias não estimou o rei como tu me estimas. Ele quis seduzi-lo, de certa forma, com suas fábulas, e tu não farias isso comigo, teu discípulo. Por isso peço que não adies a narração, como se quisesses guardá-la, mas que narres cuidadosamente sobre as artimanhas das mulheres, que tu começaste a contar antes.”

Então o mestre narrou mais uma história:

História exemplar XIII: A cachorrinha que chorava

— Dizem que havia um homem de linhagem nobre que tinha uma esposa casta e bastante formosa. Certa vez, teve o desejo de ir a Roma para o estudo da oratória, mas não quis depositar a custódia da sua esposa em outra pessoa a não ser ela mesma, confiando o suficiente nela pelos seus virtuosos costumes e por seus valores de honestidade. Ele, portanto, saiu de casa com a guarda providenciada.

A esposa, que ficou para trás, de fato estava vivendo de forma casta e agindo prudentemente em tudo, até o dia em que foi compelida pela necessidade a sair da própria casa para encontrar com sua vizinha. Elas resolveram a questão e a esposa retornou à casa, mas um jovem rapaz a viu e começou a amá-la com uma paixão ardente.

Distribuiu a ela muitas declarações, desejando ser amado da forma como ele tanto ansiava, as quais ela recusou com profundo desprezo. O jovem, assim, sentiu-se menosprezado, sofrendo tanto que foi assolado

por uma enfermidade das grandes, oprimido por esse fardo. Apesar disso, ia regularmente na casa da senhora que ele tinha visto sair, desejando encontrá-la; mas não pôde, de forma alguma, concretizar o desejo.

Porque ele estava chorando de angústia, uma velha matrona pôs-se em seu caminho, ornada por uma vestimenta religiosa, perguntando qual seria o motivo de juntar tanto sofrimento assim. Mas o jovem não queria expor nada sobre as questões que se embaralhavam na sua consciência. Até que a matrona disse:

“O quanto evitares revelar tua enfermidade ao médico, é o tanto que estarás desgastado pelo agravamento da doença.”

Tendo ouvido isso, ele contou a ela exatamente todas as coisas que tinham acontecido, e revelou o seu segredo. A matrona, por sua vez, disse:

“Pelo que me disseste agora, com o auxílio de Deus, encontrarei um remédio.”

Então ela o deixou, e regressou à própria casa, onde havia uma cachorrinha que morava com ela, a qual fez jejuar por dois dias, quando, no terceiro, um pão com mostarda foi preparado para o jejum ser concluído. Quando o comeu, os olhos da cachorrinha começaram a lacrimejar por causa da acidez da mostarda. Depois disso, a matrona prosseguiu até a casa da moça casta, pela qual o jovem rapaz tinha dito que se apaixonou.

Foi recebida por ela com honra, pela grande reputação daquela religião. A matrona também estava acompanhada de sua cachorrinha. Quando a mulher percebeu que o animal estava chorando, perguntou o que ela tinha e o motivo das lágrimas. A velha respondeu:

“Cara amiga, não perguntes, o que quer que seja; a dor é tão grande que eu não sou capaz de dizer.” E a mulher insistia muito mesmo para que dissesse. Então a velha revelou: “Esta cachorrinha que vês era a minha filha, uma moça bastante casta e com muito decoro. Um jovem se apaixonou por ela, mas ela era tão casta que o desprezava completamente, e rejeitava o seu amor. Ele estava sofrendo tanto que aconteceu de ser tomado por uma grande enfermidade: por causa da culpa, essa minha filha foi tristemente transformada em uma cachorrinha.”

Assim foi dito, e então a velha, com muita tristeza, explodiu em lágrimas. A moça se preocupou:

“Cara senhora, tenho um pecado parecido na consciência, o que eu devo fazer? Um certo rapaz se apaixonou por mim, mas desprezei o seu amor pela minha moral, e fiz a ele o que sua filha fez.” A velha matrona respondeu:

“Aconselho a ti, minha cara amiga, que tenhas misericórdia dele o quanto antes e faça o que ele pediu, para que tu não te transformes em cão também. Se eu soubesse antes do amor entre o rapaz e a minha filha, ela nunca teria se transformado.” Então, a moça disse:

“Imploro que me dês um conselho útil sobre essa questão, para que eu não seja privada do meu próprio corpo e vire uma cachorra.” E a velha:

“Com muito prazer, graças ao amor de Deus e pela cura da minha alma, e porque sinto pena de ti; vou procurar o jovem rapaz que disseste, e, se eu conseguir encontrá-lo, o trarei aqui.”

A moça ficou muito agradecida. E assim, a velha ardilosa provou a fidelidade da sua palavra e fez o que prometeu: trouxe o jovem para a casa da moça e os uniu.

O discípulo disse para o mestre: “Nunca ouvi história tão impressionante, e penso que isso foi feito por artimanha do diabo.”

O mestre: “Não duvides!”

O discípulo: “Espero que o homem que tenha a prudência de sempre se preocupar em temer as artimanhas das mulheres, consiga, quem sabe, se proteger da índole daquelas.”

E o mestre respondeu: “Conheço a história de um homem que trabalhava muito para sustentar a sua esposa, mas nada adiantou.”

O discípulo: “Diga-me, mestre, o que aconteceu! É melhor que eu saiba, para que, se me casar, eu possa sustentar a minha esposa.”

E o mestre contou a próxima história:

História exemplar XIV: O poço

— Havia um jovem que dedicou todo o seu esforço, todo o seu sentimento e todo o seu tempo para aprender, de todas as formas, sobre as artimanhas das mulheres, e, feito isto, quis se casar. Mas, antes disso, foi pedir um conselho ao homem mais sábio daquela região, e perguntou como poderia cuidar da esposa com a qual queria se casar.

O sábio, ouvindo isso, deu a ele um conselho: instruiu que ele construísse uma casa com altas paredes de pedra e pusesse a mulher lá dentro, dando-a de comer o suficiente e sem roupas supérfluas. Também disse que fizesse essa casa com nada a não ser uma porta, somente, e uma janela para que a esposa veja a vista. A altura da construção deveria ser alta o suficiente para que ninguém pudesse entrar ou sair.

Escutando o conselho, o jovem agiu como o sábio tinha instruído. Em sua rotina de casado, o jovem, quando saía de casa pela manhã, trancava a porta; quando entrava, fazia o mesmo; quando dormia, escondia as chaves de casa sob o travesseiro. Foi assim por muito tempo, até que, certo dia, o jovem marido foi ao fórum, e sua mulher, como de costume, pôs-se à janela para observar, atenta, as pessoas que iam e vinham.

Neste dia, permaneceu parada à janela até que viu um outro jovem, formoso de corpo e de rosto. Notando-o, foi imediatamente incendiada pelo amor. Esta mulher se apaixonou pelo jovem e, já que estava enclausurada, começou a pensar em como, e com qual artimanha, poderia falar com o seu amado. Com a mente decidida pela arte do engano, planejou furtar as chaves do marido enquanto ele dormia: assim fez.

Ela se habituou a embebedar o seu marido com vinho todas as noites, para que pudesse sair para encontrar o amante com mais segurança e satisfazer a sua vontade. Mas o marido, já advertido pelos ensinamentos dos filósofos que não há nenhuma artimanha sem malícia por parte das mulheres, começou a imaginar o que sua esposa estava planejando com aquela exagerada e cotidiana bebedeira. Para que pudesse descobrir, se fingiu de bêbado.

A mulher, certa noite, desconhecendo as intenções do marido, levantou-se da cama e foi em direção à porta de casa; aberta a porta, saiu para encontrar o amante. O seu marido, porém, no silêncio da noite, se levantou cuidadosamente, foi até a porta aberta, a fechou e trancou. Ele se direcionou à janela e permaneceu parado ali, até que viu a sua esposa de camisola, praticamente nua, retornando.

Chegando em casa, ela percebeu a porta trancada; seu espírito se angustiou muito, mas finalmente bateu à porta. O marido, ouvindo e vendo a sua mulher, fingiu que não sabia que se tratava dela e perguntou quem era. Ela implorou por perdão, prometendo que nunca mais faria

nada daquilo, mas o homem, irado, disse que não permitiria a entrada e que revelaria tudo para os pais dela. A mulher começou a gritar mais e mais, e disse que, se ele não destrancasse a porta de casa, pularia no poço que havia ali em frente, acabando com a sua vida, e assim ele teria de explicar a razão da morte para os seus amigos e conhecidos.

O marido rejeitou a esposa e não permitiu a sua entrada. Ela, cheia de astúcia e habilidade, pegou uma pedra e a lançou no poço com a intenção de que o seu marido ouvisse o barulho da pedra caindo no fundo e pensasse que ela tinha se jogado. Feito isso, a mulher se escondeu atrás do poço.

O homem, bobo e ingênuo, tendo ouvido o barulho da pedra caindo no fundo, saiu logo de casa, na mesma hora, e rapidamente foi em direção ao poço, julgando ser verdade que a mulher tinha caído, como pôde escutar. Mas a mulher, sem se esquecer de sua astúcia, vendo a porta da casa aberta, entrou, trancou a porta e foi para a janela. O marido, percebendo que foi enganado, disse:

“Ó, mulher mentirosa e diabólica, deixa-me entrar e perdooarei o que quer que fizeste fora de casa!”

Ela o insultou e negou a entrada, de todas as formas, até sob juramento; disse-lhe:

“Ó, manipulador! Contarei a teus pais quem tu és e o que fazes; todas as noites tens o hábito de sair escondido de mim e vai procurar as prostitutas!” E assim ela fez.

Os pais dele, ouvindo isto, de fato deram valor à palavra da moça, e castigaram o filho.

E foi assim que a mulher, livre por suas artimanhas, se vingou do castigo que tinha merecido. Para o marido, cuidar da mulher não serviu de nada, até saiu prejudicado: afinal, ele acumulou muitas desgraças, pois, com aquela reputação, muitos acreditavam que estava sofrendo o que merecia. Por isso, ele foi expulso da alta-rodada, perdeu a dignidade, teve a reputação destruída e, por causa das maledicências da esposa, sofreu o castigo dos adúlteros.

O discípulo disse: “Não há ninguém que pode se proteger da índole das mulheres, a não ser que esteja abençoado por Deus, e essa história é um grande exemplo para que eu não me case.”

O mestre respondeu: “Mas não debes crer que todas as mulheres são como essas, pois há inúmeras mulheres que guardam uma grande castidade e extrema bondade; saibas que em uma boa mulher podes descobrir uma ótima companhia, e uma boa mulher é uma fiel guardiã da casa. Salomão, no final do seu livro de provérbios, compôs vinte e dois versos sobre o valor e a bondade das boas mulheres.”

O discípulo: “Como me confortaste bem! Mas já ouviste falar de alguma mulher que usou das suas artimanhas para fazer o bem?” O mestre disse que sim. “Conta-me essa história! Me parece que é extraordinária!”, pediu o discípulo; e o mestre contou:

História exemplar XV: Os dez cofres

— Me disseram que um homem da Hispânia peregrinou até Meca, e, no meio do percurso, chegou ao Egito. Querendo entrar na terra deserta e atravessá-la, pensou em guardar o seu dinheiro no Egito, não antes de procurar saber se havia algum homem fiel naquela região em quem pudesse confiar suas moedas. Indicaram a ele um homem idoso conhecido pela honestidade da sua palavra, a quem confiou mil talentos de ouro, e então continuou a sua peregrinação.

Quando retornou da jornada, foi ao encontro do velho, e pediu pelo dinheiro que tinha confiado a ele. O velho, entretanto, cheio de malícia, dizia que eles nunca tinham se visto antes. Enganado dessa maneira, o hispânico foi ao encontro de homens honrados daquela região e começou a relatar-lhes sobre como ele tinha sido enganado pelo homem em quem confiara o dinheiro, mas os vizinhos do enganador não quiseram acreditar no que ouviam, disseram que não ocorreu nada daquilo. Mas todos os dias o homem que perdera o dinheiro ia até a casa do velho que, injustamente, mantinha as moedas. Com insistentes pedidos, implorava para que ele desse o dinheiro de volta. O enganador, ouvindo isso, o xingou, exigindo que não falasse mais sobre ele e nem viesse encontrá-lo, pois se o fizesse sofreria um castigo à altura. Ouvindo as ameaças do velho, o homem, triste, tomou o seu caminho de volta, onde encontrou uma velha senhora trajando uma vestimenta religiosa.

Com o seu cajado, sustentava as frágeis juntas, e seguia pela rua das lápides pedindo a Deus para que não ultrajasse o caminho dos que

vieram antes. Ela, percebendo o homem que chorava, comovida pela piedade — soube tratar-se de um estrangeiro — o levou a um beco e perguntou o que lhe tinha acontecido. O hispânico contou tudo a ela. A mulher, tendo escutado bem as palavras daquele homem, disse:

“Amigo, se as coisas que me relataste são verdadeiras, oferecerei ajuda a ti.”

“Como podes fazer isso, escrava de Deus?”, respondeu ele.

“Traz-me um homem da tua terra, em quem possas ter confiança no que ele diz e faz.”

O hispânico apresentou-lhe um amigo confiável. Então ela ordenou a esse amigo do homem enganado comprar dez cofres, cujos exteriores estivessem pintados de cores pomposas, e ainda com ligas de ferro e prata, e boas trancas. Depois instruiu-lhe a levá-los à casa do seu hóspede e a enchê-los com cascalhos. Assim foi feito. A mulher, quando viu que já estava preparado tudo aquilo que ordenou, disse ao hispânico:

“Agora procura dez homens; eles virão comigo e com seu amigo à casa daquele que te enganou e trarão os cofres ordenadamente, enfileirados um após o outro; logo que o primeiro chegue à casa do enganador e pare lá, vem e pergunta por seu dinheiro! Confio muito que Deus fará com que seja devolvido a ti.”

O homem enganado agiu como a velha mandou; ela não se esqueceu do combinado e seguiu o caminho que tinha prometido. A velha e o conterrâneo do enganado chegaram à casa do velho enganador, e ela lhe disse:

“Estou com um homem da Hispânia como hóspede na minha casa, e ele quer ir a Meca; mas antes, ele pediu por algum homem de bem que guardasse as suas moedas, divididas em dez cofres, para confiar enquanto não volta. Assim, peço a ti que guardes o dinheiro na tua casa, por mim, pois ouvi e sei que és um homem bom e fiel. Não quero nenhum outro, a não ser tu, somente, pela tua estima, para confiar este dinheiro.”

Então, depois de ter falado assim, o primeiro homem carregando um cofre se aproximou, com os demais enfileirados atrás, longe dele. Enquanto isso, o hispânico enganado não se esqueceu dos comandos da velha, e se posicionou logo atrás do primeiro cofre, como tinha sido instruído a ele.

O velho enganador, cheio de astúcia e más intenções, como viu chegar aquele homem que tinha roubado, temia que, se ele reclamasse o dinheiro, o outro homem que vinha com a velha não confiaria seus cofres a ele. O velho, então, se animou em recebê-lo, dizendo:

“Ó, amigo! Onde estivestes e por que demoraste tanto? Vem e aceita o teu dinheiro que me foi confiado já há muito, e percebe como me envergonha eu tê-lo guardado por tanto tempo!”

Diante disso, o hispânico pegou o seu dinheiro de volta com todo prazer, alegre, agradecendo. A velha, por conseguinte, quando viu que o seu amigo tinha recuperado o dinheiro, deu continuidade ao plano e disse:

“Eu e meu hóspede vamos dar ordens aos escravos com os nossos cofres para eles se apressarem. Tu, espera até que voltemos, e guarda bem o que já trouxemos!”

O enganador, então, enganado e com espírito feliz, guardou o cofre com cascalhos e esperou até a volta dos visitantes — se é que ainda não está esperando.

Foi assim que a boa índole da velha mulher fez com que o homem resgatasse um dinheiro imprescindível.

O discípulo disse: “Esta foi uma atitude admirável e ainda útil, não creio que algum filósofo possa pensar em artimanha mais certa para esse homem leviano recuperar seu dinheiro.”

O mestre: “Um filósofo poderia, muito bem, fazer com a sua habilidade natural e artificial, por explorar os segredos da natureza, o que a mulher fez somente com a habilidade natural.”

O discípulo: “Acredito que sim. Mas se de alguma forma guardaste, trancado no coração, algo a respeito destes filósofos, compartilha comigo, teu discípulo, e eu confiarei à minha fiel memória para que eu possa compartilhar com os meus colegas, nutridos pelo leite da filosofia, este alimento preciosíssimo.”

E o mestre contou a próxima história:

História exemplar XVI: Os tonéis de azeite

— Havia um homem que, depois de sua morte, não deixou nada para o seu único filho, a não ser pela casa. O filho se sustentava com um grande esforço do trabalho braçal, além da dificuldade que a natureza exige, e,

apesar de a manutenção da casa estar lhe ocasionando uma intensa situação de fome, não queria vendê-la.

Esse menino tinha um vizinho bastante rico que ansiava por comprar a casa, para aumentar a sua própria, mas o menino não queria vendê-la por prece ou preço algum. Depois de o rico descobrir que ele não venderia o imóvel, ponderou sobre qual plano e qual artimanha usar para surrupiar a casa do menino, mas o jovem, por sua vez, evitou, como pôde, dar-lhe intimidade. Finalmente o rico, entristecido por causa da casa, e por não poder enganar o menino, um dia foi ao seu encontro e disse:

“Ó, garoto, dá-me um preço para alugar um pedacinho da tua casa. Veja bem, quero guardar sob a casa dez tonéis de azeite; não te atrapalharão em nada, e terás ainda algum meio de subsistência.”

O jovem, impelido pela necessidade, concordou com a proposta do rico e deu-lhe as chaves da casa. Enquanto isso, servindo à sua natureza jovem, como de costume, ele procurou viver sua vida despreocupadamente.

O homem rico, que foi creditado com as chaves, cavou o porão do jovem, escondeu lá dentro cinco tonéis cheios de azeite e cinco pela metade. Feito isso, chamou o menino e, devolvendo-lhe as chaves da casa, disse:

“Garoto, estou confiando o meu azeite a ti, e ainda deixo sob tua custódia.”

O jovem, ingênuo, pensando que todos os tonéis estivessem cheios, aceitou a guarda.

Depois de um longo tempo, o rico soube que o preço do azeite subiu naquela região, e diante disso foi falar ao menino:

“Amigo, vem e me ajuda a escavar o meu óleo que confiei há pouco tempo aos teus cuidados, e receberás uma recompensa pelo trabalho e pela guarda.”

O jovem, escutando essa prece com preço, concedeu ajuda ao homem rico, agradando-o como pôde. O rico, que não tinha se esquecido da sua nociva fraude, trouxe consigo algumas pessoas, para comprarem azeite. Retirada a terra, revelaram e perceberam cinco tonéis cheios e cinco pela metade. Quando os compradores reagiram, o homem rico chamou o jovem, dizendo-lhe assim:

“Amigo, por causa da tua custódia, perdi azeite: de maneira fraudulenta surrupiaste uma parte da quantidade que confiei a ti. Por isso, quero que me devolvas o que é meu!”

Dito isso, prendeu e levou o jovem, querendo ou não, à justiça. Ele foi acusado, mas não soube o que dizer para contra-argumentar: pediu, no entanto, por uma trégua de um dia, que a justiça concedeu, porque era justa.

Naquela cidade morava um certo filósofo que se chamava Salvador dos Pobres, um homem bom e religioso. O jovem, que já tinha ouvido sobre a sua bondade, foi se aconselhar com ele e pediu por auxílio dizendo:

“Se são verdade as muitas coisas que me foram ditas sobre ti, venha em meu auxílio com sua sabedoria familiar, pois sou acusado injustamente.”

O filósofo, ouvindo essa prece, perguntou ao jovem se de fato o acusaram justa ou injustamente. O jovem garantiu que a acusação era injusta, fez um juramento. Tendo percebido a honestidade do réu, o filósofo foi movido pela piedade e disse:

“Com a ajuda de Deus, trarei ajuda a ti; mas como recebeste da justiça uma oportunidade até o dia de amanhã, não se contente com a desistência! Estarei lá preparado para socorrer a tua verdade e acabar com a falsidade deles.”

O jovem fez como ordenara o sábio. Pela manhã, o filósofo de fato foi ao julgamento. Quando o juiz o viu, chamou-o, na condição de sábio e filósofo, e pediu para se sentar perto dele. O julgamento começou, o juiz chamou os acusadores e o acusado, e ordenou que eles relembrassem as suas reclamações. Assim fizeram. O juiz falou para o filósofo ouvir as causas e fazer, pessoalmente, o julgamento daquelas pessoas que ali estavam. Então disse o filósofo:

“Dê ordens agora, pela justiça, para que se meça a quantidade de azeite claro nos cinco tonéis cheios, e se saiba a quantidade de azeite claro que há neles; faça o mesmo com os cinco tonéis pela metade, saiba quanto azeite claro foi depositado lá. Que seja, então, mensurado o azeite grosso dos cinco tonéis cheios, para saber a quantidade de azeite grosso neles, e o mesmo com os cinco meio cheios. Desta forma, se descobrires que o azeite grosso está tanto nos tonéis pela metade, quanto nos cheios, saberás se foi furtado azeite. E se no tonel pela metade descobrires que há uma parte

de azeite grosso igual à de azeite claro, o que também poderás descobrir no tonel cheio, saberás que o azeite não foi furtado.”

O juiz, ouvindo isso, concordou com a ideia, e assim foi feito. Deste modo, o jovem foi absolvido da acusação pela sabedoria do filósofo, a quem, depois de comemorar, agradeceu. Em resposta, o sábio disse:

“Nunca escutaste o que já dizia o filósofo? Não compres uma casa antes que conheças o vizinho.”

“Tivemos a casa primeiro, antes que ele viesse morar perto de nós”, respondeu o jovem.

“Antes vender a casa do que lidar com um mau vizinho por perto”, disse o filósofo.

O discípulo: “Tal raciocínio parece ser mesmo o de um filósofo, e foi pela graça de Deus, e por sua reputação, que ele era conhecido pelo nome de Salvador dos Pobres. Mas mesmo depois de essa história ter acalmado a minha mente, o desejo de ouvir mais histórias provoca o meu espírito.”

O mestre: “Contarei com prazer.”

E assim começou a próxima história:

História exemplar XVII: A serpente de ouro

— Contam o caso de um homem rico que estava indo para a cidade, levando consigo um saquinho onde havia mil talentos, e, além disso, no mesmo saco, uma serpente de ouro com olhinhos de safira. Ele perdeu, ao mesmo tempo, tudo o que tinha.

Um outro homem, este bastante pobre, seguia com sua vida até que encontrou aquele saco. Mostrou-o à sua esposa e explicou que, da mesma forma como o tinha encontrado, o devolveria. Ouvindo isso, a mulher disse:

“Não! O que Deus nos deu, guardemos!”

No dia seguinte, um arauto saiu às ruas reclamando o seguinte:

“Aquele que encontrou tal riqueza, devolve, e, sem qualquer exposição, ainda leva cem talentos.”

O homem que encontrou o saco, quando ouviu isso, disse para a esposa:

“Devolvamos o dinheiro e teremos cem talentos dele, sem pecado algum!”

“Se fosse da vontade de Deus que o homem tivesse dinheiro, ele não o teria perdido. O que Deus nos deu, guardemos!”, respondeu ela.

O homem se preocupava com a devolução do dinheiro, mas sua esposa discordava de todas as formas, e apesar de querer o que a mulher se recusava a fazer, ele resolveu devolver o dinheiro ao dono e pedir ao arauto a recompensa que prometera. O rico, porém, cheio de maldade, disse ao pobre:

“Sabei que ainda falta algo: a minha serpente de ouro”, disse ele com má intenção, para não retribuir o outro com os talentos prometidos.

O pobre jurava que não tinha encontrado nada mais que aquilo no saco, mas os homens da cidade, cheios de ódio, eram favoráveis ao rico e desfavoráveis ao outro, e, inflexivelmente, contra a sorte do pobre, o levaram à justiça. Gritando, ele jurou que não tinha encontrado nada mais que aquilo, como foi dito antes. Enquanto a discussão se alastrava de tal maneira pela fronteira dos pobres e dos ricos, ela finalmente chegou aos ouvidos do rei, pelos serventes que a reportaram. Quando ouviu isso, o rei ordenou que o rico, o pobre e o dinheiro se apresentassem.

Com todos lá, o rei convocou um filósofo chamado Salvador dos Miseráveis, além de outros sábios, para ouvir o que tinham a dizer o acusador e o acusado, e elucidar a situação. O filósofo, ouvindo isso, foi comovido pela piedade, chamou o pobre para perto dele, e sussurrou-lhe:

“Diga-me, irmão, se guardas alguma riqueza deste homem; se não guardas, tentarei te salvar com o auxílio de Deus.”

“Deus sabe que devolvi o que encontrei!”, respondeu o pobre. Então o filósofo disse para o rei:

“Se vos agrada ouvir um julgamento justo, falarei.” Escutando-o, o rei pediu que prosseguisse. O filósofo continuou: “Esse homem rico é muito bom, e tem muitas provas de sua credibilidade e sua verdade; não é crível brigar com alguém por algo que não tivesse perdido. Por outro lado, de fato acredito ser possível que esse homem pobre não tenha encontrado nada além do que devolveu, pois se fosse um homem de mau caráter, não teria devolvido o que devolveu, e sim ficado com tudo.”

“Mas o que julgas disso, filósofo?” Perguntou o rei. O outro sábio respondeu:

“Ó, majestade, pega o dinheiro e dá cem talentos dele ao pobre, e o que restar, guarda até que venha alguém que o procure, pois não é deste homem que está com a riqueza; o rico que vá até o arauto e peça por um saquinho com duas serpentes.”

Esta opinião agradou ao rei e a todos os que estavam em volta, a não ser pelo homem rico que tinha perdido o caso, ele que, ouvindo o veredito, disse:

“Meu bom rei, digo a ti a verdade, esse dinheiro era meu, mas como eu queria privar ao homem pobre o que lhe prometera o arauto, eu disse que ainda faltava outra serpente. Assim, ó rei, tem piedade de mim, e darei ao pobre a quantia prometida.”

Então o rei entregou seu dinheiro ao rico; o rico, por sua vez, entregou o dinheiro ao pobre, e assim o filósofo, com sua capacidade e sua índole, salvou o miserável.

O discípulo disse: “Este parece ser o poder da filosofia, e por este exemplo, não é de se admirar o que Salomão concluiu sobre as duas mulheres.”

*

A respeito da amizade com o desconhecido, o filósofo disse: “Não cruze o caminho de um desconhecido, a não ser que o conheças primeiro! Se alguém que tu não conheces acompanha a ti no teu caminho e investiga para onde vais, diga que seguirás para bem mais longe do que estás disposto a ir; e se ele carrega uma lança, segue pelo seu lado direito; se ele leva uma espada, segue pelo seu lado esquerdo.”

*

A respeito de seguir bons caminhos, um árabe disciplinou o seu filho, dizendo: “Segue os caminhos de pedra, mesmo que sejam caminhos mais longos. Aceita uma menina por esposa, mesmo que ela seja velha em idade. Leva tuas mercadorias às grandes cidades, mesmo que penses que lá vais vender por mais barato.”

O filho respondeu: “É bem verdade o que disseste sobre seguir bons caminhos. Escuta essa história que aconteceu comigo:”

História exemplar XVIII (Parte I): O atalho

— Eu e meus amigos, certo dia, tínhamos tomado o rumo da cidade pela via principal; com o sol se aproximando do horizonte, e como ainda estávamos longe do destino, vimos um atalho que, à primeira vista, prometia encurtar o trajeto até a cidade. Então encontramos um velho, a quem pedimos uma sugestão de trajeto para seguir. O velho disse:

“Este atalho é mais certo para ir à cidade do que a via principal, mas apesar disso, chegareis mais rápido à cidade pela via principal do que por este atalho.”

Ouvindo isso, pensamos que o velho fosse um tanto estúpido, e, negligenciando a via principal, nos direcionamos para o atalho. Seguindo pela direita e pela esquerda, quando caiu a noite, nos perdemos e não chegamos ao destino. Se tivéssemos seguido pela via, sem dúvidas teríamos adentrado os muros da cidade.

Ouvindo esta anedota, o pai respondeu:

História exemplar XVIII (Parte II): O vau

— Isso também aconteceu comigo e meus amigos, certa vez, quando seguimos para a cidade pela via principal. Havia um rio diante de nós que tínhamos de, inevitavelmente, atravessar para que chegássemos à cidade, até que a estrada pela qual seguíamos foi bifurcada em dois caminhos: Um deles conduzia até a cidade através de um vau, e, o outro, por meio de uma ponte. Então avistamos um velho, a quem perguntamos qual dos dois caminhos era o melhor para chegar à cidade. Ele disse que pelo vau o caminho era dois mil passos mais curto do que pela ponte, mas, mesmo assim, disse que chegaríamos mais rápido à cidade pela ponte. Alguns de nós ridicularizaram aquele velho, assim como fizestes na história de antes, e avançaram pelo caminho do vau.

Alguns deles perderam amigos afogados, outros perderam seus pertences e cavalos; alguns ficaram com as roupas encharcadas, outros ficaram com os olhos encharcados por todos os amigos perdidos.

Já o restante de nós, e o nosso velho, que atravessamos pela ponte, prosseguimos sem impedimento e livres de qualquer incômodo; encontramos os outros na margem do rio, ainda lamentando a perda. Enquanto eles choravam examinando as profundezas do rio com redes e varas, o velho disse:

“Se tivésseis atravessado pela ponte conosco, não teríeis este empecilho.”

“Fizemos isso porque não queríamos o caminho da demora”, disseram em resposta.

“Agora é que estais muito atrasados!”, respondeu o velho.

Então os deixamos para trás e adentramos, alegremente, as portas da cidade.

Escuta este provérbio que ouvi: Mais vale um longo caminho ao paraíso, do que um curto ao inferno.

Um árabe disciplinou o seu filho, dizendo: “Filho, se estiveres na estrada com algum amigo, ama-o como a ti mesmo, e não penses em enganá-lo, para que tu não sejas enganado como na história dos dois burgueses e o camponês.”

O filho: “Pai, conta-me a história, para que, com ela, os nossos descendentes possam aprender algo de útil.”

O pai contou:

História exemplar XIX: Os dois burgueses e o camponês

— Ouvi uma história de dois burgueses e um camponês que estavam indo a Meca para ouvir um sermão, dividindo igualmente os suprimentos para a viagem. Eles chegaram perto do destino, até que faltou comida; não sobrou nada a não ser um bocado de farinha com a qual poderiam fazer um pouco de pão, somente. Percebendo essa situação, os burgueses disseram um ao outro:

“Temos poucos ingredientes para o pão, e nosso companheiro já comeu o bastante. Por isso, é necessário que tenhamos um plano, alguma maneira de surrupiar a porção de pão dele; comeremos sozinhos a parte que ele deve dividir conosco.”

Dessa forma, decidiram o plano: fariam o pão, o cozinhariam e, enquanto cozia, dormiriam, e aquele que tivesse o sonho mais impressionante entre eles, comeria o pão sozinho. Isto que planejaram era malicioso, pois supunham que o camponês, simplório, criaria ficções também simplórias. Fizeram, então, o pão, colocaram no fogo, e se deitaram para dormir.

O camponês, tendo percebido a artimanha dos burgueses, retirou do fogo um pedaço de pão meio cozido, enquanto os companheiros dormiam, o comeu e se deitou novamente.

Um dos burgueses, como se assustado por um sonho, despertou e chamou o seu amigo. O outro burguês perguntou, então:

“O que fazes?”

“Tive um sonho impressionante!”, respondeu o primeiro. “Apareceram dois anjos para mim, eles abriam as portas do céu e me conduziam para diante de Deus.”

“Esse teu sonho é mesmo impressionante”, disse o companheiro. “Já eu, sonhei que dois anjos me levavam e rachavam a terra para eu ser conduzido até o inferno.”

O camponês ouvia tudo isso enquanto fingia dormir. Os burgueses, enganados e querendo enganar, chamaram-no para que acordasse. O camponês, astutamente, como se tivesse se assustado, respondeu:

“Quem são essas vozes que me chamam?”

“Somos nós, teus companheiros”, responderam-lhe.

“Já voltaram?”, questionou o camponês. Desentendidos, eles rebateram:

“Aonde fomos, para que devêssemos voltar?”

“Eu estava agora mesmo sonhando que dois anjos apareceram para um de vós, abriram as portas do céu, e o conduziram para diante de Deus; e além disso, dois anjos apareceram para o outro e, pela terra rachada, o conduziam ao inferno. E quando vi isso, pensei que nenhum de vós voltaria mais, por isso levantei e comi o pão.”

O pai disse: “Filho, foi assim que aconteceu com aqueles que quiseram enganar o companheiro. Foram enganados pela própria armadilha.”

O filho: “Aconteceu a eles o que é dito no provérbio: Quem tudo quer, tudo perde. Esta natureza é própria dos cães, a que eles adotaram: um quer roubar a comida do outro. Se a natureza do camelo fosse

seguida, eles adotariam uma natureza melhor, porque, na do camelo, quando o alimento é dado a muitos deles ao mesmo tempo, nenhum deles come até que todos estejam comendo juntos; e se um deles adoecer e não conseguir comer, os outros jejuarão até ele ser curado. Já que esses dois burgueses queriam assumir a natureza de um animal, eles deviam ter reivindicado a natureza dos gentis camelos. Perderam a comida com razão. E digo mais: eu gostaria que acontecesse a eles o mesmo que na história que ouvi o meu mestre contar há pouco tempo, que aconteceu com o alfaiate do rei e com o seu aprendiz, Nedui; foram, é claro, espancados a pauladas.”

O pai quis saber: “Diga-me, filho, que história é essa que ouviste? O que aconteceu com o aprendiz? Essa história poderá entreter os ânimos, afinal.”

O filho começou a contar:

História exemplar XX: O alfaiate do rei e Nedui, o seu aprendiz

— O meu mestre me contou esta história sobre um certo rei e o seu alfaiate pessoal, que fazia diversas roupas, adequadas para diversas ocasiões. O alfaiate tinha aprendizes remendeiros, os quais costuravam com destreza tudo o que o mestre alfaiate, também com destreza, cortava. Entre os aprendizes havia um chamado Nedui, cuja habilidade de costura superava a dos outros. Chegando um dia de festa, o rei convocou a presença do seu alfaiate e ordenou que preparasse, para a ocasião, vestes luxuosas para ele e toda a família real. A fim de que cumprisse a ordem rapidamente e sem empecilhos, um dos camareiros do rei, um eunuco, cuja função era esta, assumiu a vigia dos costureiros, para que supervisionasse as suas unhas curvadas, e o rei também pediu que o eunuco administrasse os suprimentos necessários para os costureiros.

Certo dia, foi servido de comer, ao alfaiate e seus ajudantes, pão recém-saído do fogo, com mel, além de outras guarnições. Quem estava lá começou a comer e, enquanto se banquetavam, o eunuco disse:

“Mestre alfaiate, por que todos comem enquanto Nedui está ausente? Nem ao menos o esperais?”

“Porque mel ele não comeria, mesmo se estivesse presente”, respondeu o mestre, e todos continuaram a comer. Até que Nedui chegou, falando:

“Como comeis sem mim! Nem ao menos guardais a minha parte?”

“O teu mestre disse que não comerias mel, mesmo se aqui estivesse”, disse o eunuco.

Nedui se calou; pensou em como poderia compensar aquilo que o seu mestre fez com ele. Teve uma ideia: com o mestre ausente, chamou o eunuco em segredo e lhe disse o seguinte:

“Senhor, o meu mestre, de vez em quando, padece de uma loucura. Ele perde o bom senso e fica irreconhecível, espanca e assassina todos ao seu redor.”

“Se eu estivesse na hora em que isso acontecesse, eu o amarraria e o endireitaria com um chicote, para que ele não agisse sem pensar”, afirmou o eunuco. Então Nedui lhe disse:

“Quando o vires olhando de lá para cá, apalpando o chão com as mãos, ou até se levantando do assento no qual estiver sentado e erguendo-o, então saberás que ele está insano; e se não cuidares de ti e dos teus, ele arrancará a tua cabeça com um porrete.”

“Fizeste bem em me dizer isso: cuidarei de mim e dos meus”, respondeu o eunuco.

No dia seguinte a essa conversa, Nedui escondeu, em segredo, as tesouras do seu mestre. O alfaiate, procurando-as sem sucesso, começou a olhar de lá para cá, apalpando o chão com as mãos e se levantando do assento no qual se sentava, erguendo-o. Percebendo isso, o eunuco chamou os seus companheiros imediatamente e ordenou que amarrassem o alfaiate e o espancassem para que ele não espancasse os outros. Ele, o alfaiate, gritava:

“O que eu fiz?! Por que me atacais?!”

Ignorando-o, eles espancaram com mais força, mas quando se cansaram de bater, e o alfaiate de ser batido, largaram o miserável à própria vida. Ofegante, depois de uma longa pausa para se recompor, perguntou ao eunuco o que foi que tinha feito, e o outro lhe respondeu:

“O teu discípulo Nedui disse que às vezes tu enlouqueces, e não paras a não ser que sejas corrigido por amarras e socos, por isso procedi de tal maneira.”

O alfaiate, então, chamou o seu discípulo Nedui:

“Amigo, o que é isso de tu dizeres que sabes que eu sou louco?” E Nedui respondeu:

“O que é isso de tu dizeres que sabes que eu não como mel?”

Ouvindo isso, o eunuco e os demais riram e acharam merecido o que ocorreu entre os dois.”

O pai, depois de ouvir a história, disse: “Foi, sim, merecido, pois se defendesse o que Moisés ensinou, amar ao próximo como a si próprio, isso não teria acontecido ao alfaiate.”

Um homem sábio disciplinava o seu filho: “Cuida, filho, para que não culpe um amigo por um crime teu, seja com seriedade ou de brincadeira, para que não aconteça a ti o mesmo que aconteceu aos dois bufões do rei.”

“Conta, pai!”, disse o filho. E o pai:

“Contarei.”

História exemplar XXI: Os dois bufões

— Um bufão apresentou-se diante do rei. O monarca o tinha convocado para que se sentasse com o outro bufão ali presente e comesse do banquete com eles; mas o que tinha chegado primeiro começou a invejar o recém-chegado, a quem o rei e toda a sua corte preferiam. Para que a presença do outro não rendesse muito, pensou em deixá-lo com vergonha, para afugentá-lo de qualquer maneira.

Enquanto todos estavam comendo, o primeiro bufão juntou, discretamente, os ossos que restaram dos demais, e os depositou em frente ao outro bufão. Terminada a refeição, para a desgraça do colega, mostrou ao rei a pilha de ossos amontoados e disse, dissimuladamente:

“Senhor, o meu colega comeu tudo o que cobria esses ossos.”

O rei encarou o outro com um olhar selvagem, até que o acusado rebateu:

“Meu senhor, fiz o que a minha natureza humana pedia: comer as carnes e deixar os ossos. Já o meu colega aqui fez o que a sua natureza canina pedia: comeu as carnes e também os ossos.”

*

A respeito de ser generoso, avaro ou pródigo, um filósofo disse: "Honra quem está em posição de inferioridade com relação a ti, e compartilha do que é teu, assim como queres que o teu soberano honre a ti e compartilhe contigo do que é seu."

Outro filósofo: "É mesmo vergonhoso aquele que é muito rico ser avaro, mas é honroso o homem medíocre que é generoso."

O discípulo disse: "Explica-me a definição de generoso, avaro e pródigo?"

O pai: "Aquele que dá algo a quem deve ser dado, e se recusa a dar a quem deve ser recusado, é o generoso. Já aquele que restringe algo, tanto de quem deve ser restrito, quanto de quem não deve, é o avaro. E aquele que dá algo a quem deve ser dado e também a quem não deve, é o pródigo."

*

A respeito da riqueza, disse outro filósofo: "Não te associes a negócios em declínio, e não recuses negócios ascendentes."

Outro filósofo: "Mais vale um pouco de felicidade do que uma casa com muito ouro e prata."

Outro filósofo: "Persegue as coisas úteis, não com muita rapidez, mas com muita eficiência."

Outro filósofo: "Não te impressiones com os mais ricos, para que não ofendas a Deus, mas impressiona-te com os mais pobres, para que dês graças a Deus."

Outro filósofo: "Não negues Deus pela pobreza, e não te orgulhes pela riqueza."

Outro filósofo: "Quem muito deseja, sempre sacia a fome dos que têm mais."

Outro filósofo: "Se desejas ter, nesta vida, tanto quanto é próprio da tua natureza, não deverás coletar muitas coisas. E se desejas satisfazer a ambição da alma, mesmo se coletares toda e qualquer riqueza espalhada por todo o mundo, a sede de possuir ainda arderá."

Outro filósofo: “Para quem gasta com moderação, as posses duram por muito tempo.”

Outro filósofo: “A raiz da paz está em não cobiçar o que é do outro, e o seu fruto é a tranquilidade.”

Outro filósofo: “Aquele que deseja abandonar um mundo, deve se atentar para não reter consigo algo que faça parte dele; isso seria como apagar fogo com palha.”

Outro filósofo: “Aquele que acumula dinheiro, trabalha muito e se desgasta em vigílias para que não o perca; ao fim e ao cabo, o acumulador sempre sofre quando perde tudo o que juntou.”

O discípulo perguntou ao mestre: “Concordas com guardar dinheiro?”

O mestre respondeu: “Sim! Ganha dinheiro, mas justamente, e gasta com o que é bom; e não esconda o dinheiro feito um tesouro.”

Outro filósofo: “Não cobices as coisas alheias, e não sofras pelas coisas que perdeste: a dor não recupera nada, afinal. É por isso que contam a história do camponês e o passarinho.”

História exemplar XXII: O camponês e o passarinho

— Havia um homem que residia em um pomar, coberto por uma relva verdejante, pelo qual fluía um riacho. Era um lugar propício para as aves se encontrarem, lá onde as vozes exerciam ritmados e diversos cantares.

Certo dia, um passarinho veio pousar, cansado, embora cantasse a mais doce melodia, em uma árvore do pomar, para que repousasse. O homem, quando viu e ouviu o seu canto, capturou o passarinho com uma armadilha. Então a ave disse:

“Pra quê tanto trabalho em me prender? Que benefício esperas da minha captura?”

“Só quero escutar o teu canto”, respondeu o homem.

“A troco de nada, pois preso não canto nem a prece nem a preço.” Rebateu o passarinho.

Mas o homem ameaçou: “Se não cantares, te comerei.”

“Como me comerá? Se eu for cozido em água, de que valerá carne tão escassa? Sem falar que continuará dura. E se eu for assado em fogo, ficarei muito menor. Mas se permitires a minha saída, conseguirás um grande benefício de mim.”

“Qual benefício é esse?”

“Revelarei a ti três maneiras de ser sábio, às quais darás mais valor do que três carnes de vitela.”

O homem, então, confiando na promessa, permitiu que o passarinho voasse.

“A primeira maneira de ser sábio que eu prometi”, disse a ave, “é não acreditar em tudo o que te dizem! A segunda é sempre guardar o que é teu! A terceira é não sofrer pelo que perdeste!” Dito isso, o passarinho pousou em uma árvore e começou a recitar com uma doce melodia: “Bendito Deus, que te priva da sapiência, camponês, e cerra teus olhos de ira; se em meu intestino tivesses olhado, encontrarias o peso de uma onça de safira.”

Ouvindo isso, que havia uma pedra preciosa no intestino da ave, o homem começou a lamentar e sofrer, batendo as mãos no peito, por ter confiado no que tinha sido prometido. O passarinho lhe disse, então:

“Esqueceste rapidamente do ensinamento que eu compartilhei contigo! Eu não lhe disse para não acreditar em tudo o que te dizem? Como podes acreditar que eu tenha dentro de mim o peso de uma onça de safira, se eu de todo não sou tão pesado? Eu não lhe disse para sempre guardar o que é teu? Como podes guardar uma pedra que esteja em mim, se estou voando? E eu não lhe disse para não sofrer pelo que perdeste? Por que é que, então, sofres pela safira que guardo em mim?”

Depois de dizer isso, o passarinho, enganando o camponês, voou em direção a um bosque distante.

*

A respeito de não confiar nos livros, um filósofo disciplinava o seu filho dizendo o seguinte: “Lê tudo o que encontrares, mas não acredites em tudo que leres.”

O discípulo respondeu: “Acredito nisto, que não é verdade tudo o que está nos livros. Já li algo semelhante nos livros de provérbios dos filósofos: Muitas são as árvores, mas nem todas frutificam; muitos são os frutos, mas nem todos são comestíveis.”

Um árabe disciplinava o seu filho dizendo: “Filho, não renuncies o presente em prol do futuro, para que não percas os dois; isso aconteceu com o lobo, a respeito dos bois que o fazendeiro prometeu.”

História exemplar XXIII: O fazendeiro, o lobo e o julgamento da raposa

— Contaram a história de um fazendeiro cujos bois não queriam delinear um sulco reto.

“Que os lobos vos comam!” Praguejou o fazendeiro aos bois.

O lobo ficou satisfeito ouvindo isso. Quando, ao cair da noite, o homem desatou os bois do arado, o lobo se aproximou dizendo o seguinte:

“Dá-me os bois que prometeste!”

“Eu posso ter dito algo sobre isso, mas não prometi nada!”, respondeu o fazendeiro.

“Mas devo tê-los, pois tu os concedeste aos lobos”, rebateu o animal.

Os dois firmaram, portanto, um acordo de irem procurar um outro julgamento, o que fizeram, até que encontraram uma raposa; astuta, ela disse aos dois:

“O que tendes vós?” E eles lhe contaram o que tinha acontecido. A raposa continuou: “Não procurem por nenhum outro juiz, pois vos concederei um julgamento preciso, mas permitis, primeiro, que eu converse em particular com cada um de vós; se for possível que concordeis sem um julgamento, a sentença será dispensada, e se não for possível, será dita abertamente.”

Eles concordaram com isso, e então a raposa falou, primeiro, com o fazendeiro, em particular. A raposa lhe disse:

“Dá-me uma galinha, e outra para a minha esposa, e terás os teus bois!”

O homem as concedeu. A raposa, em seguida, foi falar com o lobo, dizendo:

“Ouve, amigo: pelo mérito que alcançaste comigo no passado, minha eloquência deve trabalhar a seu favor, de qualquer maneira. Estive ponderando com o fazendeiro que, se tu deixares quietos todos os bois, ele te dará um queijo do tamanho de um escudo.” E o lobo concordou. A raposa disse ainda: “Permita que ele recolha os seus bois, e eu te levo até

o lugar onde são preparados os queijos, para que possas escolher, entre as opções, o que queres mais.”

E então o lobo, enganado pelas palavras astutas da raposa, permitiu que o fazendeiro partisse. A raposa, vagando de um lado para o outro, confundiu o lobo o quanto pôde, e quando caiu a noite obscura, o conduziu para um poço profundo. Parados à beira do poço, a raposa mostrou ao lobo o reflexo da lua crescente cintilando na água profunda, e disse a ele:

“Aqui está o queijo que te prometi! Se quiseres, desce até lá e come!”

“Desce tu primeiro, e se não consegues trazê-lo sozinho, te ajudarei com o que precisares”, respondeu o lobo.

Dito isso, encontraram uma corda que pendia da borda ao fundo do poço, em cujas pontas havia, em cada uma, um balde amarrado; estavam presos a um mecanismo que agia de forma a erguer um balde enquanto o outro descia. Quando a raposa percebeu isso, adentrou o balde, fingindo obedecer às preces do lobo, e desceu até o fundo. O lobo, contente de fato, disse lá de cima:

“Por que não me trazes o queijo?”

“Não consigo, por causa do tamanho!”, respondeu a raposa. “Entra no outro balde e desça, como prometeste!”

O lobo, então, entrou no balde e foi levado rapidamente ao fundo do poço, devido ao seu próprio peso, enquanto o outro balde subiu com a raposa, que era mais leve. Ela saiu do poço com a boca fechada e deixou o lobo para trás.

E foi assim que, trocado o presente pelo futuro, o lobo perdeu tanto os bois quanto o queijo.

*

A respeito de seguir conselhos propícios, um árabe disciplinava o seu filho dizendo o seguinte: “Aceita os conselhos de alguém experiente no que precisas, pois assim conseguirás lidar facilmente com a situação, como se tu próprio tivesses vivido as adversidades.”

Um outro árabe disciplinava o seu filho dizendo, por sua vez: “Não acredites em todos os conselhos que escutas, não até que outra pessoa comprove primeiro a utilidade do conselho, para que não aconteça a ti o

mesmo que aconteceu com o ladrão que acreditou no conselho do dono da casa.”

O filho: “O que aconteceu com ele, pai?”

E o pai:

História exemplar XXIV: O ladrão e o luar

— Dizem que um ladrão foi à casa de um homem rico com intenção de roubá-lo. Subindo ao telhado, viu uma chaminé pela qual saía fumaça, e parou para escutar se alguém estava acordado na casa. O dono da casa percebeu isso e cochichou para a sua esposa o seguinte:

“Pergunta-me em voz alta de onde eu consegui essa riqueza tão grande que eu tenho, e insiste muito para conseguir a resposta!”

“Ó, marido!”, disse a esposa em voz alta “Onde conseguiste riqueza tão grande quanto esta que tens, se nunca foste mercador, ao menos?”

“O que Deus deu, preserva e usa como for de tua vontade, mas não me perguntes de onde veio tanto dinheiro!”, respondeu, em voz alta, o marido.

A esposa, porém, assim como fora instruída, insistia mais e mais em descobrir. Finalmente, como se convencido pelas preces insistentes da sua esposa, o marido revelou:

“Cuidado para não revelares a ninguém este nosso segredo: Eu fui um ladrão.”

“Me admira ver que pudeste adquirir tamanha riqueza com bandidagem, pois nunca ouvimos xingamentos ou acusações sobre isso”, disse a esposa.

“Eu tinha um mestre ladrão que me ensinou um feitiço para quando eu subia nos telhados; aproximando-se da chaminé, eu segurava um raio do luar na mão e dizia a palavra mágica sete vezes: Saulem. Com esse ritual eu descia do telhado sem perigo, e escapava roubando tudo de valor que tivesse na casa. Eu fazia o ritual de novo, mostrava a minha mão para um raio do luar, e dizia a mesma palavra mágica sete vezes. O raio me erguia com todas as coisas roubadas da casa, e fazia tudo aterrisar no meu esconderijo. Foi tal artimanha que me fez ter a riqueza que possuo.”

“Fizeste bem em me contar isso!”, disse a esposa, “pois quando eu tiver um filho, ensinarei a ele esse feitiço, para que não viva na pobreza.”

"Agora deixa-me dormir, porque estou com muito sono e quero descansar", respondeu o marido; e para que enganasse o ladrão, ele começou a roncar como se estivesse dormindo.

Logo depois de ter escutado essa conversa, o ladrão ficou muito animado, e disse a palavra mágica sete vezes, expondo a mão para um raio do luar, até que relaxou os pés e as mãos e caiu pela chaminé até o chão da casa, fazendo grande estrondo.

Com perna e braço quebrados, começou a gemer de dor. O homem rico, como se não soubesse o que estava acontecendo, disse:

"Quem és tu, que despencaste assim?" E o ladrão respondeu:

"Eu sou um ladrão infeliz que acreditou em tuas falsas palavras."

Depois da história, o filho disse ao pai: "Que sejas abençoado por ter me ensinado a evitar conselhos nocivos."

*

A respeito de aconselhar, um filósofo disse: "Cuidado com o conselho asmo até que ele seja fermentado."

Outro filósofo: "Não acredites em um conselho de alguém que sugere dizer 'não' para o benefício de outrem, pois quem rejeita um benefício acusa a si mesmo frente aos olhos de quem tudo vê."

Outro filósofo: "Se estás em alguma situação boa, cuidado para não pecar, pois é muito comum que as coisas boas sejam destruídas ou perdidas."

*

A respeito de benefícios, um discípulo questionou o seu mestre: "O filósofo sugeriu nunca negar um benefício, mas não diferenciou o benefício do criador e o da criatura?"

O mestre respondeu: "Digo-te que aquele que nega um benefício, nega a Deus; e aquele que não obedece ao rei, ou ao governante, está sendo desobediente para com Deus."

O discípulo: "Explica-me a razão por trás disso."

O mestre: "Nenhum benefício avança de criatura em criatura, a não ser que ele venha de Deus; então aquele que nega um benefício, nega os seus benfeitores, e nega, portanto, Deus. E digo mais: O rei, um verdadeiro líder, é a ramificação de Deus na terra; aquele que respeita o rebento, respeita o líder, e aquele que não respeita o rebento, não respeita Deus."

*

A respeito de o que é ser um bom e um mau rei, outro filósofo disse: "Toma cuidado com o rei que é feroz feito um leão, mas de espírito leve feito um menino."

Outro filósofo: "Aquele que maldiz o rei, será morto antes do seu tempo."

Outro filósofo: "Deus tolera por muito tempo o reinado de um rei que peca na intimidade, mas é bondoso e gentil com o povo, do que o de um rei que é justo consigo mesmo, mas é mau e cruel com o povo."

Aristóteles, em sua carta, ensinou ao rei Alexandre o seguinte: "É melhor reinar com poucas pessoas e em paz do que juntar um grande exército com muitas pessoas." Disse ainda: "Sejas justo e correto entre os homens, e eles te amarão; não te apresses em retribuir um bem ou um mal, pois assim, o amigo te esperará por muito tempo, e o inimigo te temerá por muito tempo."

História exemplar XXV: Mariano

Platão, em um livro sobre profetas, registrou que havia, na Grécia, um velho rei que era cruel com o povo. Uma guerra contra o rei prosperou de todas as partes da sociedade.

Para saber o desenlace dos acontecimentos, o rei mandou chamar todos os filósofos da sua região e das vizinhas. Quando estavam todos reunidos, o rei disse:

"Vede que uma grande guerra ameaça a mim e a nós, pois creio que os meus erros recaem também sobre vós. Mas se há algo em mim que seja repreensível, dizei-me, e com vosso juízo me apressarei em corrigi-lo."

"Não conhecemos nada de criminoso com relação à vossa pessoa," responderam-lhe os filósofos "e nem qual seja a situação que se aproxima

de todos nós. Mas a três dias daqui, mais ou menos, vive um homem sábio chamado Mariano, que fala pelo Espírito Santo. Enviai até ele, portanto, majestade, uma comitiva com alguns de vossos filósofos; eles revelarão a vós o que quer que esteja prestes a ocorrer em toda a vossa vida.”

O rei, então, terminada a reunião, enviou sete filósofos até Mariano. Depois que entraram na cidade onde ele tinha vivido antes, eles a descobriram deserta em maior parte. Perguntando onde era a casa de Mariano, lhes disseram que ele e muitos de seus concidadãos tinham fugido para o deserto. Ouvindo isso, os filósofos foram à procura do sábio, e o encontraram. Quando viu os filósofos, Mariano lhes disse:

“Aproximai, aproximai, enviados do rei desobediente! É verdade que Deus confiou a ele a guarda de diversas nações, mas elas não foram governadas com prudência, e sim com crueldade. Deus ainda o criou com a mesma substância que criou os seus súditos, não de matéria diversa; Deus permitiu por muito tempo a vilania imensurável do rei, e Ele o advertiu de variadas formas, para que se convertesse. E por fim, com toda a insistência do rei pelo mal, Deus lhe enviou, para a sua desgraça, povos bárbaros impiedosos.”

Com essas palavras, o sábio se calou. Os filósofos e todos ao redor, ficaram admirados ouvindo essas palavras.

Depois do terceiro dia que estavam lá, os filósofos pediram permissão para retornar à pátria, mas o respeitável espírito profético de Mariano lhes disse o seguinte:

“Regressai, pois o vosso senhor está morto, e Deus já providenciou um novo rei, que seja um governador justo e pacífico para com as nações que rege.”

Tendo escutado essa informação, dos sete filósofos que vieram, três permaneceram no deserto com o sábio profeta, e quatro deles regressaram à pátria. Os que voltaram, descobriram que todas as coisas que tinham sido previstas por Mariano eram verdadeiras e foram concretizadas.

Um árabe disse ao seu filho: “Não vivas em uma cidade cujas despesas do rei sejam maiores que o retorno à sociedade.”

História exemplar XXVI: Os dois irmãos e a despesa do rei

— Dizem que um rei, com o consenso de todo o povo, designou a um certo familiar seu, que era conhecido pela prudência diante dos assuntos do século, as rédeas de todo o reino. Ele administraria todas as províncias, resolveria os problemas com gentileza, e organizaria as rendas das casas, das famílias e dos indivíduos.

O irmão desse familiar era um rico mercador de outro reino que residia em uma cidade remota. Quando o mercador ouviu rumores de que o irmão seria honrado com um cargo importante, preparou uma comitiva devidamente organizada para visitá-lo e seguiu caminho. Enviou um mensageiro anunciando sua chegada, para que não aparecesse subitamente, sem avisar, e então se aproximou da cidade onde morava o irmão. Quando chegou, foi prontamente recebido pelo irmão, com alegria no semblante.

Passados alguns dias, em hora e local combinados, ele contou ao rei sobre a chegada do seu irmão, entre outras questões que sabia que o agradariam. O rei disse, então:

“Se o teu irmão deseja permanecer contigo no meu reino, permito que a custódia de todas as minhas coisas seja dividida entre ti e ele. Mas se ele recusar esse trabalho, concederei a ele grandes posses nesta cidade e todas as regalias, e recompensarei tudo o que ele deverá fazer por mim. Por fim, se ele quiser realmente regressar à terra natal, tocado pela nostalgia, concederei muitas e variadas vestimentas, em abundância, quantas lhe forem necessárias.”

Ouvindo as palavras do rei, o irmão foi ao encontro do outro recém-chegado, e lhe reportou tudo o que prometera o soberano.

“Se queres que eu more contigo”, disse o recém-chegado, “mostre-me quanto é a renda do rei.”

O irmão lhe mostrou. O outro perguntou, então, quanto seriam as despesas do rei, e o irmão também as revelou. Eles calcularam que a renda do rei era a mesma quantia que as suas despesas.

“Amigo”, disse o irmão viajante, “vejo que as despesas do rei são iguais à sua renda. Mas se surgir uma guerra, ou algo do tipo, contra o vosso rei, de onde ele recrutará seus soldados e conseguirá dinheiro para eles?”

"Pensaremos em algum jeito", respondeu o outro irmão.

"Temo que meu dinheiro seja parte desse 'jeito'. Por isso, adeus: não quero mais morar aqui."

Um filósofo disse: "Um rei é como o fogo: se chegares muito perto, te queimarás; se fores para muito longe, congelarás."

*

A respeito de ter intimidade com o rei, um árabe consultou o seu pai:

"Se eu acreditar nas palavras dos filósofos, nunca serei íntimo do rei."

O pai: "Filho, para agradar o rei, é necessário ter muita prudência."

O filho: "Educa-me, pai; se eu tiver a oportunidade de servir ao rei, como posso agradá-lo de forma prudente e sábia?"

O pai: "Para te educar assim como queres, muitas coisas são necessárias, mas não consigo resgatá-las de memória. E se essas coisas fossem escritas, elas se tornariam um pouquinho tediosas para ti. Mas se prestares atenção, podemos tirar algo que será útil, de um pouco dessas muitas coisas."

O filho: "Mesmo que eu espere com os ouvidos muito atentos, ainda estou curioso, e insisto fortemente que o prometido seja contado, para que eu ouça."

O pai: "Aquele que deseja ser íntimo de um rei deve saber, com toda a compreensão do espírito, que, quando estiver na presença do rei, deve permanecer de pé por muito tempo, sem se sentar de forma alguma, até que o rei permita; não pode falar, a não ser quando necessário; não pode se instalar no palácio, a não ser que o próprio rei ordene que se instale; não dizer uma opinião honesta, mas sempre estar disposto a escutar o que o rei diz, para que ele não tenha que repetir uma ordem duas vezes; sempre cumprir as ordens do rei, mas com o cuidado de não mentir, garanta a estima do rei e obedeça a ele; nunca se associar com alguém por quem o rei tenha ódio. E quando fizer estas e muitas outras coisas, talvez consiga algo de útil do rei."

O filho: "Não há nada de pior para acontecer a um homem do que servir um rei por muito tempo e não ganhar benefícios."

O pai: "Isso já aconteceu com muitos. Por esse motivo, o filósofo aconselha a não viver muito tempo em serviço de um rei."

Outro filósofo disse: "Aquele que fica a serviço de um rei sem benefícios, perde tanto nesta vida quanto na outra."

*

A respeito de como se portar à mesa, o filho perguntou ao pai: "Ó, pai! Como te esqueceste de me dizer o modo adequado de comer na presença do rei?"

O pai: "Não me esqueci de dizê-lo, pois não há diferença entre comer na presença de um rei e comer na presença de qualquer outro alguém."

O filho: "Diz-me, então, como se portar à mesa."

O pai: "Quando lavares as mãos para comer, não toques em nada a não ser a refeição, até que tenhas comido; não comas pão antes que os outros pratos sejam postos à mesa, para que não digam que és impaciente; não ponhas muita comida de uma só vez em tua boca, para que as migalhas não transbordem, e te chamem de guloso; não engulas a comida antes que ela seja bem mastigada, para que não te engasgues; não enchas o copo até que esteja vazio, para que não te chamem de bêbado; não fales enquanto tiver comida em tua boca, para que nada desça pelo canal errado e te sufoque até a morte. E se veres alguma comida que gostes em uma travessa em frente a alguém, não a pegues, para que não digam que és grosseiro. Depois da refeição, lave as mãos, pois isso é natural na corte: os olhos de muitas pessoas são, de fato, danificados, por serem esfregados depois do almoço sem que as mãos fossem lavadas."

O filho: "E se alguém me convidar para comer, como devo responder? Aceito prontamente ou não?"

O pai: "Faz como ordena a tradição dos judeus! Ela diz o seguinte: Se alguém te convida, conheça a pessoa que está te convidando. Se for pessoa de grande prestígio, aceita imediatamente, mas se não for, aceita na segunda ou terceira vez. Ouve isto que disseram de Abraão:"

"Certo dia, enquanto estava à porta de casa, Abraão viu três anjos passando na sua frente, sob a forma humana. Ele pediu às honradas figuras que entrassem em sua casa, lavassem os pés, e aceitassem

comer alguma coisa, para descansarem as juntas doloridas. Os anjos, por Abraão ser uma pessoa de grande prestígio, aceitaram o seu pedido. Mas quando foram à casa de Lô, depois de terem sido convidados insistentemente a entrarem na casa, aceitaram como se fossem obrigados, por não se tratar de uma pessoa com grande prestígio.”

O jovem questionou o velho: “Quando eu for convidado para uma refeição, o que devo fazer? Devo comer muito ou pouco?”

O velho: “Muito! Pois se foi um amigo quem te convidou, ele ficará muito feliz, e se for um inimigo, ele ficará incomodado.”

Ouvindo isso, o garoto riu. O velho, entretanto, lhe disse:

“Do que estás rindo?”

O jovem: “Lembrei-me da história que ouvi sobre o servo Maimundo. Um velho lhe perguntou, certa vez, a quantidade de comida que conseguia comer, e o servo perguntou: ‘da minha comida ou da de outra pessoa?’ Então o velho respondeu: ‘Da tua.’ E Maimundo: ‘o mínimo possível.’ Então o velho continuou: ‘e quanto comes da comida dos outros?’ E Maimundo: ‘o máximo possível.’”

O velho: “Tu te recordas das palavras de um glutão, preguiçoso, estúpido, falastrão. Tudo o que é dito a respeito dele, sabe-se que é verdade.”

O jovem: “Eu adoraria ouvir uma história, porque os casos dele são muito engraçados. Se tens em mente algum caso a respeito do servo Maimundo, conta-me! Será um favor que me fazes.”

E o velho contou a seguinte história:

História exemplar XXVII: O servo Maimundo

— Certa noite, o senhor do servo Maimundo ordenou-lhe que fechasse a porta. Impedido pela preguiça, o servo não pôde se levantar, e disse que a porta já estava fechada. Na madrugada, o senhor ordenou:

“Maimundo, abre a porta!” E o servo respondeu:

“Meu senhor, eu sabia que querias que a porta estivesse aberta hoje, por isso mesmo que não quis fechá-la tão tarde.”

Foi aí que o senhor começou a entender que ele não tinha fechado a porta por preguiça, e disse:

“Levanta-te! Faz teu trabalho, que já é outro dia e o sol já está no céu!”

“Mas, senhor, se o sol já está no céu, dá-me algo de comer.”

“Que servente péssimo! Queres comer no meio da noite?”

“Mas, senhor, se ainda é noite, deixa-me dormir!”

Outro dia, o senhor chamou o servo no meio da noite: “Maimundo! Levanta-te e vai ver se está chovendo ou não!”

Maimundo chamou o cão, que estava do lado de fora. Quando o animal chegou, o servo apalpou as suas patas. Percebendo que estavam secas, respondeu:

“Não está chovendo, meu senhor.”

Outra vez ainda, o senhor perguntou ao servo, no meio da noite, se havia fogo na casa. Maimundo chamou o gato, caçador de ratos, para sentir se estava quente ou não. Quando o animal chegou, o servo constatou que ele estava frio, e disse:

“Não há fogo, meu senhor.”

Então o jovem disse ao velho: “Agora sei que ele é preguiçoso, mas eu queria saber o motivo de ele ser falastrão.” E o velho contou:

— Dizem que o senhor chegava da praça, contente por ter lucrado bastante em seus bem-sucedidos negócios, até que o servo Maimundo apareceu em seu caminho. Quando o senhor o viu, receou que Maimundo tivesse, como de costume, más notícias, e lhe disse:

“Não venhas tu com más notícias!”

“Não venho com más notícias”, disse Maimundo, “mas nossa pobre cachorrinha Bispella está morta.”

“Como está morta?!”

“Nossa mula ficou assustada, arrebitou a amarra e fugiu. Pisoteou a cachorrinha até que ela sufocasse.”

“E o que aconteceu com a mula?!”

“Caiu no poço e morreu.”

“E o que foi que assustou a mula?!”

“O seu filho se jogou do telhado; inclusive, morreu. Por isso a mula se assustou.”

“E o que a mãe dele fez?!”

“Morreu de tanta tristeza.”

“E quem está tomando conta da casa?!”

"Ninguém, pois a casa pegou fogo e está em cinzas, com tudo o que havia nela."

"Mas como pegou fogo?!"

"Na noite em que a senhora morreu, a servente que tomava conta dela esqueceu uma vela no quarto, e a casa queimou toda."

"Onde está essa servente?!"

"Ela queria apagar o fogo, mas uma viga caiu na cabeça dela, e ela morreu."

"E tu, como escapaste se és tão preguiçoso?!"

"Quando vi a defunta, fugi."

Então o senhor, muito entristecido, foi até os seus vizinhos, pedindo-lhes que o aceitassem como hóspede na casa de algum deles. No caminho, encontrou um certo amigo seu, que percebendo a sua tristeza, perguntou o motivo. O outro lhe contou tudo o que tinha dito o seu servo. O amigo, então, desolado, disse algumas palavras doces para consolá-lo:

"Amigo, não te aflijas, pois isso acontece muitas vezes aos homens: têm de suportar graves e turbulentas adversidades, que eles anseiam em terminá-las, nem que seja por uma morte injusta; mas de repente, coisas boas acontecem a esses sofredores, de forma que seja até prazeroso, para eles, lembrar das adversidades do passado. Mas essa grande variação entre fluxo de vida das pessoas, cabe aos seus méritos, à ordem e ao julgamento do melhor mestre de todos. O exemplo do profeta Jó ilustra bem isso: seu espírito não se arruinou quando perdeu o que tinha."

"Não conheces o questionamento do filósofo? Quem pode, neste mundo que muda tanto, ter qualquer estabilidade, ou mesmo ter algo durável, neste mundo onde tudo é transitório?"

*

A respeito da instabilidade do mundo, um árabe disse ao seu filho: "Filho, quando algum problema te afetar muito, não permitas o sofrimento, nem fiques muito triste, pois isso é uma maneira de negar Deus; deve louvar a Deus, tanto na adversidade quanto na prosperidade. Na verdade, muitas coisas ruins que acontecem às pessoas são para evitar

maiores males; e muitos males que acontecem, terminam bem. É por isso que debes louvar a Deus de todas as formas e confiar nele, assim como dizia o poeta: 'Quando estiveres na tristeza, não fiques chateado, esteja, sim, à disposição de Deus, e sempre clames por um bom futuro. Te esquecerás, assim, dos problemas, pois muitos dos males que acontecem, terminam bem.'

Um filósofo disse: "As coisas boas deste mundo estão misturadas; não há como beber a cura sem beber o veneno."

Outro filósofo: "Tudo o que existe neste mundo está exposto à mudança; tudo o que podes tirar de bom deste mundo, o farás, mas ainda não poderás evitar a força dos males."

Outro filósofo: "Enquanto o preguiçoso consegue o que deseja, simplesmente pelo fato de querer, os desejos de quem corre atrás do que quer são rapidamente negados."

Um outro filósofo recitou:

Sempre se destrói o que há de mais belo no mundo,
O que mais se deseja, a terra engole e devora, até o
fundo.

Outro filósofo recitou:

Como em um piscar de olhos, a glória do mundo
acaba,
E por sua natureza frágil, não deve ser desejada.

História exemplar XXVIII: Sócrates (Diógenes) e o rei

As tradições confirmam, sim, que Sócrates, evitando os conflitos do mundo e querendo levar uma vida selvagem, foi criar raízes em uma floresta. A habitação escolhida foi a metade de um barril, cuja base era colocada contra o vento na tempestade, e exposta ante as alegrias do sol.

Os caçadores do rei passavam por ali e o viram catando piolhos, então começaram a encará-lo e ridicularizá-lo, virando o seu barril contra os agradáveis raios de sol. Com o semblante tranquilo, ele lhes disse:

"Aquilo que não me destes, não podereis tomar de mim."

Os caçadores se irritaram tanto com ele, que queriam expulsá-lo do seu lar e tirá-lo do caminho, para que pessoa tão desagradável não

ofendesse os olhos do rei, que estava prestes a passar por ali. Eles não conseguiram, e então ameaçaram-no, dizendo:

“Vai-te embora antes que eu te faça provar da tua insolência! O nosso rei e senhor passará por aqui com seus familiares, são pessoas importantes!”

Encarando aqueles homens que latiam para ele, o filósofo respondeu:

“O seu senhor não é o meu senhor, e sim o servo do meu servo.”

Ouvindo isso, encararam-no, e com fúria nos rostos; alguns deles propuseram mutilá-lo, mas os menos cruéis decidiram por poupá-lo até ouvirem a sentença do rei. Enquanto discutiam isso, o rei chegou e perguntou qual era a causa da briga; pelo relatório dos criados, o rei compreendeu a situação ocorrida. O rei, querendo esclarecer se aquelas desonras que lhe foram relatadas eram verdade ou mentira, se aproximou do filósofo, perguntando-lhe o que tinha falado dele. O filósofo declarou da mesma forma como dissera anteriormente aos caçadores, que o rei era, sim, servo do seu servo. O bondoso rei pediu gentilmente que ele esclarecesse as palavras ditas, e o filósofo, mantendo o semblante sereno, respondeu gentilmente:

“A vontade, sim, está sujeita a mim e a mim serve, não eu a ela. Já tu, pelo contrário, estás sujeito à vontade e a serve, não ela a ti. Tu és, portanto, o servo de quem me serve.”

Então o rei, com o rosto um pouquinho em choque, começou a falar o seguinte:

“Pelo que está evidente nas tuas palavras, não te intimidas em nada o poder da minha fama.”

O filósofo se recolheu à sua breve intimidade e disse:

“Tu próprio sabes muito bem que foste dominado pela ambição das questões humanas, e escolheste a substância das questões com as quais governas, para que a tua honra, como tu mesmo admites, não envelheça no esquecimento; mas, por causa da ambição da tua fama, fizeste com que as questões relativas à integridade ainda estejam por ser aprendidas. Uma vez que a tua fama seja insignificante e vazia de conteúdo, considera o seguinte: A potência da tua fama passada, já que nula, não é de se temer; mas não a fama futura, cujas venturas são duvidáveis e incertas;

quanto à fama presente, consta que é tão pouca que pode ser aniquilada a qualquer momento, como em um piscar de olhos: por isso, a tua fama não é de se temer sob perspectiva alguma.”

Ouvindo as palavras do filósofo, o rei disse aos seus cúmplices:

“Ele é um servo de Deus! Não o machuqueis, e não façais injustiças.”

*

A respeito do fim da vida, o discípulo perguntou o seguinte ao mestre: “Se os bens materiais neste mundo são de fato insignificantes, por que nos equipamos com tantos deles, como se fossem duráveis?”

O mestre: “Porque o término da vida é incerto. Já dizia o filósofo: ‘Trabalha pelo futuro do mundo como se tu fosses morrer agora, e pelo presente como se tu fosses viver para sempre. É melhor que depois da tua morte os inimigos obtenham o que juntaste, do que em vida necessitares da caridade de um amigo.’”

Outro filósofo disse: “Este mundo é como uma passagem: por isso, passa por aqui com honestidade e faça tudo cuidadosamente, pois o caminho da vida é curto.”

Outro filósofo: “Este mundo é como uma ponte: atravessa, portanto! Não te acomodes.”

Outro filósofo: “Este mundo é como uma ponte instável: a entrada é o útero materno e a saída é a morte.”

Já dizia o poeta:

A morte é porta aberta, passagem de todo ser mortal.

Pergunto, entretanto, qual casa há além do portal?

Há duas: uma, onde os servos de Deus aproveitam; outra, onde toda pena é infernal.

Um árabe perguntou ao seu pai: “Como posso entrar na casa onde aproveitam, e adquirir essa honra?”

O pai: “Tudo o que tens de melhor e precioso, coloca aos cuidados da casa, e quando chegares, descobrirás tudo preparado para ti.”

O filho: “Mas como posso enviar dinheiro para essa casa, se ainda não entrei pela porta?”

O pai: “Ouça o que o filho do conselheiro do rei fez depois da morte do pai.”

O filho: “Pai, fala-me, não hesitarei em obedecer aos avisos.”

E o pai contou a história:

História exemplar XXIX: O prudente filho do conselheiro real

— Um certo rei tinha um conselheiro sábio e amigo, que, por fim, seguindo as leis naturais, deixou um pequeno herdeiro bem disciplinado e familiarizado com a corte. Antes de partir para a morte, o conselheiro registrou em nome do filho todas as suas posses, que eram grandes, e a riqueza acumulada. Depois disso, o rei chamou o menino para perto de si. Sugeriu-lhe que não sofresse mais que o necessário pelo anoitecer do pai, e confirmou tudo o que o pai, no testamento, tinha dado para o filho administrar. O rei lhe prometeu, ainda, que supriria o lugar do seu pai, pois o menino estava em uma idade que demandava uma figura paterna. Com esse suporte, o jovem voltou contente para a região onde morava. O rei o deixou no esquecimento, e nem o próprio jovem teve pressa em retornar.

Depois de um longo intervalo de tempo, naquela mesma região onde o menino estava, as pessoas começaram a passar muita fome, e estavam ameaçadas pela falta de comida. Vendo isso, o bondoso menino sentiu uma dor no espírito, e, se compadecendo, esvaziou seus celeiros para distribuir suprimentos aos pobres; tirou o vinho dos tonéis, e dividiu, entre os necessitados, as carnes que possuía, mas os sofrimentos cresciam enquanto decresciam os mantimentos, e as necessidades não podiam ser mais supridas. Depois de ter dado o seu tesouro como provisão, ele tentou, como pôde, amenizar a vida de quem estava sofrendo com fome e sede, mas não era o suficiente. Fez o mesmo com suas roupas e pedras preciosas. Passou-se, assim, um ano, no qual conseguiu salvar uma quantidade considerável de pessoas dos enleios da morte.

Havia, porém, naquela região, um tabelião do rei que invejava muito o menino, e criou com ele uma latente inimizade. O tabelião, irado, provocava o rei contra o jovem, dizendo as seguintes palavras:

“Meu senhor, a gentileza de vossa majestade para com o filho do vosso conselheiro, cujo pai lhe deixou riqueza infinita, é pouco firme, para não dizer ingênua; não tereis mais dinheiro, nem ele nem vossa majestade, pois esse menino estúpido gasta descomedidamente.”

Ao ouvir essas palavras, o rei ficou perturbado pela raiva que sentiu, e convocou a presença do menino. Quando ele chegou, o rei disse:

“És um estúpido que é filho de um sábio, um incompetente filho de um habilidoso, o filho pródigo de um generoso. Como arruinaste as riquezas juntadas sabiamente por seu pai, que foram confiadas à tua guarda?”

O menino fixou o olhar no chão, principalmente porque o amedrontou a mirada do rei, com aqueles olhos inflamados de raiva:

“Meu senhor, se me permites dizer pacificamente, não sou um estúpido filho daquele meu sábio pai que vos deixou, como alguns acreditam. O meu pai, na verdade, juntou o tesouro e o guardou para mim em um lugar onde ladrões poderiam roubá-lo, ou vós poderíeis confiscá-lo, ou o fogo poderia carbonizá-lo. Qualquer desventura que aconteça poderia roubá-lo de mim. Então eu coloquei o tesouro onde ele pode ser administrado honestamente, para o meu pai e para mim.”

O rei lhe perguntou o que tinha feito com o dinheiro; o menino explicou-lhe tudo, e como tinha feito. Reconhecida, finalmente, a astúcia do menino, o rei primeiramente o recompensou e o elogiou na presença de todos que estavam à sua volta. Feitos os elogios, o rei também recompensou o menino por todos os serviços prestados pelo seu pai. O jovem continuou angariando novas riquezas e acumulou um patrimônio maior do que o de antes.

E foi assim que o estimado filho do conselheiro do rei conseguiu juntar sua riqueza na casa onde os servos de Deus aproveitam.

Ouvindo esse exemplo do pai, o filho disse: “Esse jovem agiu sabiamente e mostrou que terá muita bondade dentro de si na vida adulta. Ele fez assim como aquele filósofo que aconselhava o seu filho dizendo: Filho, vende este mundo pelo futuro, e conseguirás ambos. Foi o que aconteceu na história.”

Outro filósofo, repreendendo o seu filho, disse: “Filho, trabalha pelo mundo futuro, antes que a morte te impeça de trabalhar com o corpo.”

Outro filósofo: “Cuidado para que as delícias do mundo não te enganem, e se ficares entrelaçado às falácias do mundo, não te esqueças da morte vindoura; senão, te acontecerá o mesmo que ocorreu com o ladrão que invadia a casa do rico.”

“E o que aconteceu, pai?”

História exemplar XXX: O ladrão que escolheu demais

— Um ladrão entrou na casa de um homem rico e a encontrou repleta de relíquias diversas. Estupefato, procurou escolher, minuciosamente, a raridade mais rara e a preciosidade mais preciosa. Ele consumiu muito tempo elegendo as coisas de valor e abandonando as menos estimadas, até que o raiar do dia denunciou o que ele estava querendo fazer. Os seguranças da casa acordaram de repente e descobriram o ladrão a escolher. Eles o capturaram, amarraram e espancaram com porretes, despachando-o para as profundezas do cárcere. Finalmente, como ele já tinha confessado, a sentença foi dada, e ouvindo provocações amargas, ele foi submetido à pena de morte. Se o ladrão tivesse previsto que o dia chegaria em tão pouco tempo, não teria sido agredido com cordas e açoites, ou o que é mais grave ainda: se ele tivesse se precavido, estaria livre e não teria sido condenado à morte.

Outro filósofo disse: “As riquezas deste século são transitórias, assim como um sonho de alguém que está dormindo: quando acorda, seja o que estivesse sonhando, está irrecuperavelmente perdido com um abrir de olhos; é como aquela história que contam por aí, a do pastor e o traficante.”

História exemplar XXXI: O pastor e o traficante

— Um pastor sonhava que tinha mil ovelhas. Um traficante de animais queria comprá-las dele, para revendê-las por um preço mais caro. O traficante propunha pagar ao pastor dois soldos por cabeça, mas o dono das ovelhas cobrava dois soldos e um denário por cada uma. Enquanto

discutiam o preço, o sonho desapareceu. Mas quando o pastor descobriu que se tratava de um sonho, se recusou a abrir os olhos e começou a gritar:

“Dá-me vinte denários em cada, e levas contigo quantas quiseres!”

*

A respeito da morte: “Muitos perseguem dessa maneira as alegrias transitórias e variadas deste mundo, para se prenderem à admiração. Mas de repente aparece o dia, isto é, a morte, interceptando e roubando os seus sonhos, querendo ou não.”

O filho perguntou: “Há algum modo de fugirmos das amarras da morte?”

O pai respondeu: “Não há a mínima chance, pois sua ferida é incurável, nem com as artimanhas da medicina conseguimos fugir de suas mãos gananciosas.”

O filho: “Como, então, podemos garantir que ela não machuque muito?”

O pai: “Faz como dizia o poeta:

O que não podes evitar, suporta com mente forte!

Assim, a ti será até doce, a amarga morte.”

História exemplar XXXII: O filósofo que caminhava pelo cemitério

— Dizem que um filósofo caminhava por um cemitério antigo e viu uma lápide de mármore sobreposta às cinzas de um morto; mas nela havia versos inscritos, com palavras do morto, para quem passasse por ali, dizendo o seguinte:

Palavras de um morto qualquer

Tu, que passas por aqui e nem dizes “Até logo!”, espera
E guarda em teus ouvidos e no coração o que digo:
Eu sou o que serás; o que tu és, eu mesmo fui: aquele que ri da
amarga
Morte; enquanto me foi permitido, desfrutei de agradável paz

Mas depois que a morte chegou, eu fui raptado dos amigos
E dos familiares; a minha casa, órfã de pai,
Me enterrou no solo, lamentou chorando
E ofereceu as últimas homenagens às minhas cinzas.
A terra corroe a beleza do meu rosto,
E aqui jaz a glória eterna de qualquer que tenha sido a minha
aparência,
Sem que possas saber se eu fui sequer um homem,
Caso eu pudesse sair da terra e estar diante de ti.
Então reza a Deus, por mim, com a alma pura,
Para que Ele me conceda aproveitar a paz eterna.
E que aqueles que rezam por mim, unam-se,
Para permanecerem comigo na região dos céus.

Depois de reler estes versos de novo e de novo, o filósofo abandonou as questões mundanas e se tornou um eremita.

História exemplar XXXIII: A sepultura de ouro de Alexandre

— É dito que a sepultura de Alexandre foi feita em ouro e depositada em um cômodo para o acesso de todos. Muitos filósofos se reuniram lá, e um deles disse:

“Alexandre fez do ouro um tesouro. Agora, pelo contrário, o ouro fez dele um tesouro.”

Outro filósofo: “Ontem, todo o mundo não era suficiente para ele. Hoje, quatro palmos de um chão vazio são suficientes para ele.”

Outro: “Ontem, ele governava sobre o povo. Hoje, o povo governa sobre ele.”

Outro: “Ontem, ele pôde livrar muitas pessoas da morte. Hoje, ele não consegue se livrar das armas da morte.”

Outro: “Ontem, ele conduzia exércitos. Hoje, eles o conduzem à sepultura.”

Outro: “Ontem, ele conquistava terras. Hoje, a terra o conquista.”

Outro: “Ontem, as pessoas o temiam. Hoje, elas o menosprezam.”

Outro: “Ontem, ele tinha amigos e inimigos. Hoje, todos são iguais para ele.”

Mas relembrar as coisas que trinta e dois filósofos disseram sobre o poderosíssimo rei Alexandre seria muito para a memória.

História exemplar XXXIV: O eremita que corrigiu o seu espírito

Um eremita filósofo corrigiu a sua alma com as seguintes palavras:

“Alma minha, saibas e reconheças o que fazes, enquanto o poder está em tuas mãos, antes de te moveres do teu lugar até a casa onde mora a justiça; à porta desse lugar justo, lerás, em um pergaminho, tudo o que tuas mãos fizeram neste mundo. Anjos celestes te receberão pela direita e pela esquerda, anunciarão o teu julgamento e tudo o que foi estudado acerca de ti, então tu serás conduzida para diante do julgamento divino. Tudo de bom ou de mau que fizeste, será julgado em uma balança, uma única vez. Não há irmãos ou amigos que possam garantir a tua redenção, e por isso desistirão de ti e todos te abandonarão. Garanta hoje, portanto, a tua redenção, isto é: faça sempre o bem! E antes que venha o dia do juízo final, converte-se a Deus. Não digas: ‘Vou me converter amanhã’, pois se procrastinares, a concupiscência te impedirá, ou talvez a própria morte te impeça; talvez seja o teu último dia. E assim, lembra dos dias que viveste no mundo, e das gerações de tempos antigos, todos passados, e reflete. Onde estão os reis, os nobres, os ricos, que acumularam suas riquezas e foram soberbas? Eles estão no mesmo lugar que os pobres, de modo que são finitos, como os que não viveram; são como uma flor que cai de uma árvore e não consegue retornar. Não temas, alma minha, não temas mais! Que as adversidades do mundo não causem medo em ti! Tema o dia do teu julgamento, assusta-te com a tua quantidade de pecados! Lembra-te do teu criador, que é teu juiz e tua testemunha.”

*

Outros dizeres de eremitas: Um eremita perguntou ao mestre: “O que farei neste mundo que me possa servir no outro?”

O mestre respondeu: “Faz o que é bom para a tua natureza.”

Outro eremita gritava pelas ruas: “Não vos esqueceis que as coisas duráveis estão prestes a serem conquistadas pelo fim.”

Outro vociferava: “Amai as vossas almas tanto quanto os vossos corpos, e as ajudai.”

Outro: “Não vos esqueceis daquele que não se esquece de vós, e servi ao vosso líder.”

*

A respeito do temor a Deus, outro eremita dizia: “Temei a Deus, pois o temor ao Senhor é a chave de tudo o que é bom, e é o que conduz à cobrada glória. Salomão, em Eclesiastes, falou sobre isso. Escutemos todos juntos o fim desses dizeres: Teme a Deus e observa o que ele manda: isto vale para cada uma das pessoas. Quando todos tiverem feito isso, Deus levará a julgamento os erros de cada uma, seja ela boa ou má.”

Epílogo

Por isso, imploramos, suplicantes, pela imensa misericórdia de Deus onipotente, para que, por nossas boas obras precedentes, depois do dia do juízo final, colocados à direita do Seu filho, mereçamos aproveitar o descanso eterno, com Seus fiéis, no reino dos céus, com a providência do nosso senhor Jesus Cristo: que com honra e glória Ele esteja junto do Pai e do Espírito Santo, agora e sempre, pelos séculos dos séculos.

AMÉM.

Referências bibliográficas

ALFONSO, Pedro. *Disciplina clericalis*. Internet Archive, 2005. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070930040641/http://www.intratext.com/X/LAT0745.HTM>. Acesso em: 1 dez. 2022.

ALFONSO, Pedro. *Disciplina clericalis* (espanhol). Internet Archive, 2006. Disponível em: https://web.archive.org/web/20070926220232/http://webs.advance.com.ar/pfernando/DocsIglMed/pedro_alfonso_DC.html. Acesso em: 1 dez. 2022.

ALFONSO, Pedro. *Disciplina clericalis* (francês). Internet Archive, 2006. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20071112193256/http://www.tradere.org/spiritualite/alphonse/discipline/discipline.htm>. Acesso em: 1 dez. 2022.

ALFONSO, Pedro. *Disciplina clericalis*. Edição e tradução de Angel González Palencia. Madrid – Granada: Instituto Miguel Asín (Consejo Superior de Investigaciones Científicas), 1948. Disponível em: <https://faltriquera.files.wordpress.com/2011/05/disciplina-clericalis.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2022.

ARREGUI, Manuel Ortuño. La “Disciplina Clericalis” de Pedro Alfonso. *ArtyHum Revista de Artes y Humanidades*, Vigo, n. 24, p. 42-54, maio 2016.

BALL, Kimberly. The Devil’s Pact: Diabolic Writing and Oral Tradition. *Western Folklore*, Logan, v. 73, n. 4, p. 385-409, 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24551134>. Acesso em: 23 out. 2023.

BURNETT, Charles. The Works of Petrus Alfonsi: Questions of Authenticity. *Medium Aevum*, Oxford, v. 66, n. 1, p. 42-79, 1977.

CLERK. In: Webster’s New International Dictionary of the English Language. Springfield: G. & C. Merriam Company, 1930. p. 415. Disponível em: <https://archive.org/details/webstersnewinter00webs/page/414/mode/2up?ref=ol&view=theater&Bq=clerk>. Acesso em: 1 dez. 2022.

FELDMAN, Sergio Albeto. Pedro Afonso. *Dimensões – Revista de História da UFES*, Vitória, n. 46, p. 137-155, 2021.

GONZÁLEZ, Luis F. López. Reyes melancólicos en los márgenes de la sociedad y geografía en la literatura medieval – Melancholy Kings On The Margins Of Society And Geography In Medieval Literature. *Nueva Revista de Filología Hispánica*, Cidade do México, v. 70, n. 2, p. 77-98, 2022. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27149815>. Acesso em: 23 out. 2023.

GREGG, Joan Young. The exempla of “Jacob’s Well”: A Study In The Transmission Of Medieval Sermon Stories. *Traditio*, Cambridge, v. 33, p. 359-380, 1977. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/27831032>. Acesso em: 23 out. 2023.

LACARRA DUCAY, María Jesús. Pedro Alfonso. Puente entre oriente y occidente. In: FATÁS, Guillermo (Ed.). *Aragón en el mundo*. Zaragoza: Caja de Ahorros de la Inmaculada de Aragón, 1988. p. 73-82.

LACARRA DUCAY, María Jesús. Referencias a Pedro Alfonso de Huesca en la literatura castellana de la Edad Media. *Revista Española de Filosofía Medieval*, Córdoba, n. 10, p. 45-52, 2003.

LACARRA DUCAY, María Jesús. El cuento medieval: cruce de culturas. *Revista de Poética Medieval*, Zaragoza, n. 29, p. 11-18, 2015.

LAWLESS, Elaine. Narrative in the Pulpit: Persistent Use of Exempla in Vernacular Religious Contexts. *The Journal of the Midlesex Modern Language Association*, v. 21, n. 1, p. 48-64, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1315128>. Acesso em: 23 out. 2023.

- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- MARENBO, John (Ed.). *Poetry and Philosophy in middle ages*. Leiden: Brill, 2001.
- MAILLO POZO, Rúben. "De leccatore": Problemas de traducción en la "Disciplina clericalis". *Revista de Literatura Medieval*, Madrid, n. 23, p. 209-214, 2011.
- SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. *Dicionário latino-português*. Brasil: Garnier, 1993.
- SCHULTZ, James. Classical Rhetoric, Medieval Poetics, and the Medieval Vernacular Prologue. *Speculum*, Chicago, v. 59, n. 1, p. 1-15, jan. 1984. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2854099>. Acesso em: 23 out. 2023.
- TOLAN, John. *Petrus Alfonsi and his Medieval Readers*. Gainesville: University Press of Florida, 1993.
- TUBACH, Frederic Christian. Exempla in the decline. *Traditio*, v. 18, p. 407-417, 1962. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/20780399>. Acesso em: 23 out. 2023.
- WACKS, David. Conflicted Identity and Colonial Adaptation in Petrus Alfonsi's Dialogus Contra Judaeos and Disciplina Clericalis. In: KAPLAN, Gregory; ARONSON-FRIEDMAN, Amy (Ed.). *Marginal Voices: Studies in Converso Literature of Medieval and Golden Age Spain*. Leiden: Brill, 2012. p. 69-90.
- WILLIAMS, Steven James. *The Secret of Secrets: The Scholarly Career of a Pseudo-Aristotelian Text in the Latin Middle Ages*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2003.
- WRIGHT-BUSHMAN, Katy; ZDANSKY, Hannah. Religion In/And/All Over Medieval Literature. *Religion & Literature*, v. 4, n. 2/3, p. 53-74, 2014. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24752901>. Acesso em: 23 out. 2023.

Sobre os autores

Pedro Alfonso (c. 1062–1140) foi um médico, astrônomo, escritor e polímata hispano-judeu, nascido em Huesca (Al-Andalus). Convertido ao cristianismo em 1106, sob o patronato do rei Afonso VI de Leão e Castela, tornou-se uma das figuras mais influentes da Península Ibérica medieval. Célebre por seu trânsito entre as culturas judaica, islâmica e cristã, desempenhou um papel crucial na introdução da ciência e da literatura orientais no ocidente latino. É autor do *Dialogi contra Iudaeos* e da *Disciplina Clericalis*, esta última uma das mais importantes coleções de contos e exemplos da Idade Média, que moldou a tradição da prosa e da novelística europeia.

Gabriel Portella Carneiro é mestre em Estudos Literários (ênfase em Literaturas Clássicas e Medievais) e bacharel em Letras Clássicas: Latim, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Sua pesquisa de mestrado, desenvolvida com bolsa CAPES, focou na educação e religiosidade em *exempla* medievais, sob orientação das professoras Sandra Bianchet e Heloísa Penna. É tradutor especializado em latim, tendo realizado a primeira tradução brasileira da *Disciplina Clericalis*, de Pedro Alfonso, além da tradução parcial da coletânea medieval anônima *Gesta Romanorum*, também inédita. Tem experiência como instrutor de latim pelo Cenex-Fale/UFMG e seus interesses de pesquisa concentram-se no romance latino, no didatismo cristão medieval e na tradução de textos inéditos.



Publicações Viva Voz

Trilogia das regras do Pico della Mirandola

Fábio Frohwein de Salles Moniz (org.)

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna (org.)

Maryanne Pimenta Fargnoli (org.)

Relato do mestre Gregório a respeito das maravilhas da cidade de Roma

Heloísa Maria Moraes Moreira Penna (org.)

Nathalia Tomaz de Lima (org.)

Cartas das Heroínas XVI-XVII: Páris a Helena & Helena a Páris

Matheus Trevizam (org.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em
versão eletrônica no *site*: www.laped-letras-ufmg.com.br

A257d.Pc

Pedro Afonso, 1062-1110?.

Disciplina Clericalis = A disciplina do sábio / Pedro Afonso ; tradução Gabriel Portella Carneiro. – Ed. bilingue. – Belo Horizonte : Fale/UFG, 2026.

136 p. (Viva Voz).

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-7758-396-6 (impresso)

ISBN: 978-85-7758-397-3 (digital)

1. Pedro Afonso, 1062-1110? – Disciplina Clericalis – Traduções para o português. 2. Literatura cristã latina (Medieval e moderna) – Traduções para o português. 3. Literatura didática latina (Medieval e moderna) – Traduções para o português. 4. Exemplos – Obras anteriores a 1800. I. Carneiro, Gabriel Portella. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. A disciplina do sábio. IV. Série.

CDD : 870

As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da Fale/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de Edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel marfim 90 g/m² (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.

